

Introdução

A presente investigação surge no âmbito do curso de Mestrado em Psicologia Forense e da Transgressão¹ e objectiva o estudo da relação entre regulação emocional, stress parental e estilos de vinculação em mães de famílias em situação de risco de exclusão social.

O estudo das famílias inseridas em ambientes socioeconómicos desfavorecidos e em risco de exclusão social, apesar de importante e necessário é pouco usual (Gómez, Munoz & Haz, 2007). No entanto, a literatura científica (Embry & Dawson, 2002; Petterson & Albers, 2001; Petterson & Steen, 2002; Sousa, 2005) enfatiza a intervenção nestas famílias como um dos maiores desafios para as equipas multidisciplinares que trabalham no terreno e que se deparam com a multiproblematicidade e desorganização familiar das mesmas.

Estas famílias contam com poucos recursos para enfrentar as exigências de uma sociedade ligada a uma cultura hedonista e consumista (Ditzel & Maldonado, 2004), encontrando-se, frequentemente, inseridas em contextos caracterizados por risco psicossocial e privação sociocultural, o que reforça os ciclos de marginalização, disfuncionalidade e crise (Gómez et al., 2007). Observa-se ainda que, os elementos destas famílias apresentam dificuldades na regulação das suas emoções, no desempenho das suas funções parentais e no estabelecimento de relações emocionais seguras, o que pode comprometer o desenvolvimento sócio-emocional das suas crianças (Bernstein, 2005).

Neste sentido e porque a literatura científica apresenta graves lacunas a este nível (Gómez et al., 2007; Sousa, 2005) consideramos que é fundamental o estudo da relação entre regulação emocional, vinculação e níveis de stress parental nestas famílias. Desta forma, esperamos contribuir para um planeamento mais eficaz de intervenções profissionais que, directa ou indirectamente, possam ajudar estas mães a ter uma relação parental promotora de um desenvolvimento pautado pela qualidade. Em última instância, ambicionamos que estas mães aprendam formas saudáveis de apoiarem os seus filhos na sua auto-regulação emocional para que estes se tornem adultos emocionalmente estáveis e saudáveis. Só assim se conseguirá quebrar o ciclo intergeracional de disfuncionalidade, de conflito e de auto-exclusão social que tantas vezes se observa nestas famílias.

A presente dissertação encontra-se dividida em oito capítulos. O primeiro capítulo centra-se nas características de famílias em risco de exclusão social, designadamente famílias multiproblemáticas. No capítulo seguinte é definido *stress* parental e conceptualizado o seu modelo de estudo que aborda três categorias principais: características da criança,

¹ Este estudo integra-se na Unidade de Investigação em Psicologia e Saúde (UNIPSA) do Instituto Superior de Ciências da Saúde do Norte (ISCS-N) numa linha de investigação sobre Competências Parentais: Mães Maltratantes.

características dos pais e acontecimentos de vida/extrafamiliares. Este capítulo finaliza com um breve foco aos estudos do *stress parental* realizados em famílias de risco de exclusão social. O capítulo três é dedicado à regulação emocional sendo abordadas as principais estratégias de regulação emocional e as dimensões associadas à desregulação emocional. O capítulo seguinte refere-se ao sistema vinculativo e aos estilos de vinculação definidos por Ainsworth (1978) e adoptados por Hazan e Shaver (1987). O quinto capítulo pretende interligar as três conceptualizações abordadas anteriormente, *stress parental*, estilos vinculativos e regulação emocional e demonstrar o efeito moderador que o último factor poderá exercer sobre o primeiro. No sexto capítulo são descritas as hipóteses e a metodologia, incluindo a caracterização das participantes, as medidas de avaliação utilizadas, o procedimento utilizado na recolha dos dados e os resultados obtidos. Segue-se o sétimo capítulo onde é apresentada uma análise dos resultados de acordo com a literatura consultada. Por último, no capítulo oito são debatidas as limitações, potencialidades e implicações futuras desta investigação. Em anexo encontra-se uma proposta de artigo e de *Abstract*.

Capítulo I

Famílias em Risco de Exclusão Social e Famílias Multiproblemáticas

A exclusão social é um fenómeno que resulta da desarticulação entre o indivíduo e as diferentes partes da sociedade em que este se encontra inserido, gerando uma situação de inacessibilidade a um conjunto mínimo de benefícios que definem um membro de pleno direito dessa mesma sociedade (Capucha, 1998; Fretigné, 1999). Numa situação de exclusão² verifica-se uma acentuada privação de recursos materiais e sociais, sendo que, a nível simbólico, “*tende a ser excluído todo aquele que é rejeitado (...) de um concreto mundo de trocas e transacções sociais*” (Fernandes, 1995, p.171). Esta dimensão assume-se pela transformação da identidade do indivíduo e surge marcada por um sentimento de inutilidade, ligada a uma incapacidade de superar obstáculos e a um conjunto de processos que tendem a acentuar, cada vez mais, a exclusão (Bauman, 1998; Fernandes, 1995; Paugam, 1996). Os diversos vínculos que ligam o indivíduo à sociedade encontram-se interligados, sendo que o fracasso numa esfera aumenta as probabilidades do fracasso nas outras, como mostram as pesquisas empíricas de Escorel (1999), de Castel (1996) e de Paugam (1991). Além disso, Xiberras (1994) esclarece que as várias formas de exclusão (do mercado de trabalho, do mercado de consumo, do padrão normativo da sociedade, entre outros) não implicam, separadamente, um isolamento do indivíduo, mas o seu somatório coloca o indivíduo num processo de exclusão social. Neste sentido, observam-se trajectórias de rupturas parciais que, caracterizam situações de precariedade e de vulnerabilidade, podendo mesmo chegar à ruptura total, principalmente, dos laços que vinculam o indivíduo ao trabalho e às relações comunitárias e familiares.

A *Família*³ é, sempre foi e sempre será, a base da nossa sociedade e do nosso bem-estar (Kauffman, 2000). O mundo contemporâneo tem sido cenário de rápidas e profundas transformações que atingem a estrutura sócio-familiar do indivíduo. A família enquanto entidade responsável pela socialização do indivíduo, tem vindo a perder o papel central que teve outrora (Clavel, 2005; Labandeiro, 2004).

Perante a instabilidade vivenciada nos nossos dias, as dinâmicas familiares actuais traduzem um processo de adaptação ou de reajustamento às novas condições de vida. À

² O fenómeno de exclusão social evoca uma fractura nos laços entre o indivíduo e a sociedade, propicia uma quebra na própria unidade social estritamente ligada a fenómenos de desintegração social, desintegração do sistema de actividade profissional e económica, assim como, desintegração das relações sociais e familiares que impossibilita o indivíduo de beneficiar de todos os direitos de uma sociedade (Moutinho, Machado & Felino, 2006; Kowarick, 2003; Clavel, 1998; Xiberras, 1994; Barel, 1990).

³ A *Família* pode ser caracterizada como um sistema complexo de relações e interacções entre os seus membros e o meio em que se encontram, a sua dinâmica influencia cada indivíduo no seu próprio desenvolvimento e reflecte uma situação e época social (Kauffman, 2000);

medida que a família encontra dificuldades no cumprimento satisfatório das suas tarefas básicas de socialização e protecção, surgem situações de vulnerabilidade que propiciam a ocorrência de conflitos entre os seus elementos (Gomes & Pereira, 2005; Petrini, 2003). Quando a família não possui redes de suporte social, estas situações podem ser superadas de forma fragmentada, o que resulta num processo de desestruturação e até dissolução da estrutura familiar. A situação socioeconómica é um dos factores que mais contribui para a desestruturação familiar, repercutindo-se directamente nos membros mais vulneráveis do grupo familiar: as crianças (Gomes & Pereira, 2005).

As crianças que crescem nestes agregados são, muitas vezes, vítimas de injustiças sociais e privadas de direitos fundamentais. Muitas vezes, abandonam a escola para conseguirem ajudar no orçamento familiar ou crescem sem perspectivas de projectos existenciais que vislumbrem uma maior qualidade de vida. É imposta a toda a família uma luta desigual pela sobrevivência e um sentimento geral de descrença pessoal (Yazbeck, 2003). Uma posição sócio económica baixa encontra-se associada a um aumento do risco de exposição a perigos físicos e psicossociais⁴. A exposição acumulada a tais riscos representa uma ameaça significativa à saúde e ao bem-estar do indivíduo (Brooks-Gunn & Duncan, 1997; Emerson, 2007, Marmot & Wilkinson, 2006; Melzer, Fryers & Jenkins, 2004; Muntaner, Eaton & Miech 2004).

A “*família em risco de exclusão social*” é, frequentemente, conceptualizada como um sistema vulnerável de alto risco, não só devido às acções dos seus mecanismos internos, como também, às forças sociais que potencializam a sua disfuncionalidade (Gómez, Munoz & Haz, 2007; Sousa & Matos, 2004). Ou seja, estas famílias parecem funcionar como “*bombas-relógios*”, sempre em situação de ruptura iminente, seja com o meio em que estão inseridas, seja com os próprios elementos que a compõem. Incidentes, aparentemente insignificantes, parecem suficientes para provocar alterações estruturais na família. Possivelmente, porque os seus membros não possuem os recursos internos necessários para se moldarem às transformações que vão ocorrendo ao longo do tempo.

As famílias em contexto de risco social encontram desafios complexos pelos reduzidos recursos que dispõem no desempenho as suas funções parentais, uma vez que, nestes contextos observam-se, com frequência, situações de carência económica extrema, violência doméstica, maus tratos ou negligência de crianças, abuso de substâncias, incesto, entre outros (Sousa, 2005).

⁴ Emerson (2007) destaca factores como uma nutrição pobre, fracas condições habitacionais, exposição a toxinas ambientais, baixo *status*, falta de controlo, exposição a acontecimentos de vida stressantes, entre outros.

Nos anos 50 (Linares, 1997) surge uma denominação que abrange de forma relevante todos estes factores e foca um funcionamento familiar particularmente desorganizado – trata-se do conceito de “*familias multiproblemáticas*”. Estas, distinguem-se pela presença de um ou mais sintomas sérios e graves de longa duração e forte intensidade que coexistem por longos períodos de tempo (Sousa, 2005; Weizman, 1985). São famílias onde os sintomas individuais (que podem ser múltiplos e variados) possuem um papel secundário face ao sintoma familiar, caracterizado por uma tendência para o caos e para a desorganização (Alarcão, 2000; Linares, 1997; Sousa, 2005).

Gómez e colaboradores (2007) propõem quatro eixos descritivos destas famílias: (1) polisintomatologia e crises recorrentes, (2) desorganização, (3) abandono das funções parentais e (4) isolamento social.

Ao nível do primeiro eixo, estas famílias apresentam uma cadeia de problemas e factores de *stress* (Juby & Rycraft, 2004; Sousa & Matos, 2004, Walsh, 2004) que marcam profundamente a sua estrutura e dinâmica familiar e surgem como reacção a dificuldades sócio económicas, relações conflituosas com o meio circundante e no interior do sistema familiar (Navarro, 2002).

O segundo eixo focaliza-se na desorganização que define a dinâmica destas famílias, particularmente em torno de dois aspectos, estrutura caótica e comunicação disfuncional (Gómez et al., 2007; Sousa & Matos, 2004). Estas estruturas familiares caracterizam-se por inúmeras rupturas e reconstituições familiares que configuram genogramas complexos e, por vezes, confusos (Linares, 1997; Sousa & Eusébio, 2005; Sousa & Matos, 2004). Nestas famílias surgem conflitos no desempenho dos papéis e na delimitação dos subsistemas familiares (Cancrini, DeGregorio & Nocerini, 1997; Minuchin, Colapinto & Minuchin, 2000). Geralmente os seus limites são difusos e pouco diferenciados, o que facilita a transmissão transgeracional dos padrões de desorganização e multiproblematicidade que as caracterizam (Hurst, Sawatsky & Pare, 1996). Detecta-se a presença de uma hierarquia caótica e de uma redução evidente das regras e normas, ausência de rotinas claras e de critérios consensuais do que é ou não permitido (Gómez et al., 2007; Sousa & Eusébio, 2005). A interacção familiar tende a ser caótica e o controlo estabelece-se através de meios indirectos e encobertos ou através de actos de descarga agressiva (Navarro, 2002; Sousa & Eusébio, 2005).

Ao nível dos estilos comunicacionais observam-se padrões incongruentes de comunicação verbal e não-verbal, o que traduz uma *ambivalência relacional*, habitualmente encontrada em sistemas com desordens vinculares transgeracionais (Hurst et al., 1996; Sousa & Eusébio, 2005). Esta ambivalência e incongruência reflectem uma dificuldade em “ler” adequadamente as matizes e implicações de uma mensagem e desenvolver um processo

comunicacional empático. Consequentemente, em situações de resolução de conflitos, os sinais comunicacionais são interpretados como sinais de perda ou abandono; a linguagem perde a sua capacidade mediadora, instalam-se golpes e gritos, assim como, actos de auto-agressão, auto-destruição e “*acting-out*”, que surgem como processos solucionais e de descarga de tensão acumulada (Gómez et al., 2007).

Relativamente, ao terceiro eixo, a investigação revelou a existência de um grau diminuto de competência parental e um elevado grau de negligência nestes agregados (Barudy, 1998). A função socializadora e educativa destas famílias é bastante frágil o que pode comprometer a capacidade de inserção e adaptação social das crianças. Quando a internalização das “*normas e dos valores culturais*” não se encontra facilitada, o desenvolvimento da consideração e do respeito pela sociedade por parte da criança também é afectado, o que coloca a mesma numa posição de conflito com o seu meio (Linares, 1997; Minuchin et al., 2000). O abandono das funções parentais aparece vinculado, frequentemente, a dinâmicas de abandono das crianças (Vega, 1997) e/ou à delegação sistemática dos cuidados das mesmas a terceiros, como vizinhos, familiares, profissionais, entre outros (Cancrini et al., 1997; Minuchin et al., 2000; Vega, 1997).

O último eixo relaciona-se com o factor isolamento social e destaca o distanciamento físico/emocional destas famílias para com a sua família alargada e para com as redes de suporte social e institucional (Cancrini et al., 1997; Sluzki, 1996). Quando possuem redes informais de apoio, as mesmas caracterizam-se, frequentemente, pela sua precariedade, sendo constituídas por parentes e conhecidos que não providenciam o tipo de ajuda necessária e que, geralmente, compartilham e reforçam as normas e condutas de parentalidade negligente (Gómez et al., 2007; Sousa, 2005).

Estes quatro eixos descrevem famílias que, pelas suas características e fragilidades, encontram-se em situação de risco de exclusão social. São famílias caracterizadas pela instabilidade, desorganização, isolamento social, labilidade de fronteiras, estilos parentais autoritários ou permissivos e frequentes patologias, assim como, uma diminuída capacidade de resposta face às necessidades dos seus filhos (Alarcão, 2000, Minuchin, Montalvo, Guerney, Rosman & Schumer, 1967).

Estas famílias não possuem as ferramentas necessárias para se integrarem adequadamente, necessitando de apoio a diversos níveis por parte de diferentes entidades, uma vez que, sozinhas parecem incapazes de evitar a exclusão e a marginalização social. Assim, é indispensável desenvolver esforços para que os mais fragilizados não fiquem à margem e tenham acesso aos recursos necessários para desenvolver as suas potencialidades e quebrar a transmissão intergeracional do caos psicossocial que as caracteriza. As crianças que

se desenvolvem em ambientes caóticos⁵ tendem a ser percebidas como mais problemáticas e a apresentarem baixas competências cognitivas, perturbações de linguagem, níveis inferiores de motivação e tendência para adoptar comportamentos de risco (Wachs, 2000). Esta tendência sugere a existência de uma correlação entre o ambiente caótico familiar e o funcionamento psicossocial dos pais e da criança (Valiente, Lemery-Chalfant & Reiser, 2007). Os estilos parentais adoptados pelos pais destas crianças, contribuem não só para o clima emocional da família como para o seu processo global de desenvolvimento (Darling & Steinberg, 1993; Parke & Buriel, 1998).

A parentalidade⁶ possui um impacto significativo no desenvolvimento psicoemocional da criança (Cummings, Davies, & Campbell, 2000) por isso, quando disfuncional, pode revelar-se como importante *stressor*, pois interage com a vulnerabilidade da criança face à capacidade de se auto-regular (Goodman & Gotlib, 1999). A qualidade da relação parental pode facilitar ou dificultar a adaptação psicossocial, o ajustamento às dinâmicas familiares e até o distanciamento de uma situação de precariedade económica (Utting, 1991). Assim, em famílias multiproblemáticas, a qualidade da relação parental pode funcionar, em última análise, como um factor de exclusão social. Mas que factores poderão contribuir de forma preponderante para a qualidade dessa relação quando a família se caracteriza por tantas dificuldades “meramente” na gestão do seu quotidiano?

Capítulo II

Stress Parental

2.1. O *Stress*⁷ na Parentalidade

Uma das formas de *stress* à qual se tem dado grande enfoque é a de *stress parental*. Esta forma de *stress* resulta da discrepância percebida entre as exigências da parentalidade e os recursos pessoais (Essex, Klein, Cho, & Kalin, 2002; Lederberg & Golbach, 2002; Nereo,

⁵ Matheny, Wachs, Ludwig e Phillips (1995) descrevem um ambiente caótico quando estão presentes elevados níveis de “ruído de fundo”, aglomeração e ausência de rotinas que contribuem para o aumento dos níveis de stress no indivíduo.

⁶ O conceito de parentalidade, de acordo com Davies (2000) remete-nos para o processo de promoção de suporte físico, emocional, psicológico, social, moral e intelectual da criança, desde a infância até à idade adulta. Ou seja, este conceito refere-se à actividade de promoção do crescimento da criança, indo além da relação e dos cuidados biológicos. No fundo, trata-se de necessidades de segurança e desenvolvimento físico, intelectual e emocional que exigem às figuras cuidadoras a prestação de cuidados parentais na criança;

⁷ O termo *Stress* é utilizado para evocar as múltiplas dificuldades a que o indivíduo tem de fazer face (acontecimentos stressantes de vida) e os meios que ele dispõe para gerir essas situações (estratégias de adaptação) (Doron & Parot, 2001). Surge quando o indivíduo percebe que não consegue lidar com as exigências impostas pelo meio ou com as ameaças que possam existir ao seu bem-estar e, adicionalmente, quando lidar com um problema gera ansiedade ou depressão e é condicionado pela percepção de que as exigências excedem os recursos (ou aptidões) do indivíduo, o que se poderá manifestar a nível fisiológico, psicológico e social (Cox & Ferguson, 1991).

Fee, & Hinton, 2003; Östberg, Hagekull & Wettergren, 1997; Smith, Oliver, & Innocenti, 2001; Warfield, 2005).

Abidin (1992) definiu o *stress* parental como a percepção dos pais da falta de suporte em questões relacionadas com a parentalidade e conceptualizou um modelo de estudo que aborda três categorias gerais: características da criança, características parentais e acontecimentos ambientais/extrafamiliares⁸ (Abidin, 1995; Belsky, 1984; Mash & Johnston, 1990; Webster-Stratton, 1990).

2.1.1. Características da Criança

A criança desempenha um papel de parceria que influencia a qualidade da interacção pais-criança e a adaptação da mãe ao papel parental (Mercer & Ferketich, 1981; Walker & Thompson, 1986). Através dos seus comportamentos vai informando a mãe acerca das decisões a tomar relativamente aos cuidados essenciais (alimentar, trocar de fralda, nutrir, entre outros) e promove as competências maternas à medida que a mesma desenvolve capacidades para cuidar e interagir com a sua criança (Brazelton & Cramer, 1990; Goldberg, 1977). O temperamento da criança afecta, não só a experiência parental como a capacidade dos pais tomar decisões relativas ao “*cuidar*” e a sua capacidade de leitura comportamental das necessidades da criança (Brazelton & Cramer, 1990; McGrath, Boukydis & Lester, 1993; Goldberg, 1977).

A investigação desenvolvida nesta área (Crnic, Greenberg & Slough, 1986; Razzino, New, Lewin, & Joseph, 2004) demonstrou a existência clara de uma associação positiva e directa entre problemas comportamentais da criança, disfunções interactivas e *stress parental*.

2.1.2. Características Parentais

A pesquisa efectuada nesta área de estudo evidenciou a existência de uma relação clara entre o bem-estar psicológico da mãe e a qualidade da relação parental (Davies, 2000). Características como, nível educativo, depressão, adaptação à parentalidade e *stress parental* encontram-se associadas à qualidade da interacção mãe-criança, ao desenvolvimento e comportamento da mesma e às competências parentais (Cogill, Caplan, Alexandra, Bobson, & Kumar, 1986; Karl, 1991; Mercer & Ferketich, 1995; O’Leary, Slep, & Reid, 1999; Pan, Rowe, Spier, & Tamis-LeMonda, 2004; Wrate, Rooney, Thomas, & Cox, 1985; Zuravin, 1989).

⁸ Os autores incluem nesta categoria factores como, acontecimentos de vida stressantes, estatuto socioeconómico, eventos stressantes relacionados com o trabalho e disponibilidade de suporte social (Abidin, 1995; Mash & Johnston, 1990; Belsky, 1984).

O *stress parental* foi identificado como um predictor de problemas comportamentais na criança e na responsividade materna (Ostberg, 1998; Visconti, Saudino, Rappaport, Newburger & Bellinger, 2002). Observou-se, ainda, uma relação significativamente positiva entre depressão materna, performance parental e comportamento infantil (O’Leary et al., 1999; Wahler, 1997). Quando a mãe possui boas competências maternas e sentimento de auto-eficácia, os índices de *stress parental* tendem a baixar (Secco & Moffatt, 2003; Walker et al., 1986; Walker & Montgomery, 1994). Contrariamente, a depressão materna poderá aumentar o *stress parental* porque causa efeitos negativos na qualidade da interacção mãe-criança e subsequentemente no desenvolvimento infantil (Cogill, et al., 1986; Collins, Dunkel-Schetter & Schrinshaw, 1993; Essex, Klein, Meich & Smider, 2001).

A literatura relaciona diversos factores com o desenvolvimento do *stress parental*, incluindo o suporte social percebido (Levy-Shiff, Dimitrovsky, Shulman & Har-Even, 1998; Gage & Christensen, 1991); a auto-eficácia (Lutenbacher, 2002; Reece & Harkless, 1998); a personalidade (Belsky, Crnic, & Woodworth, 1995; Mulsow, Caldera, Pursley, Reifman & Huston, 2002; Younger, 1991); as aptidões cognitivas e os stressores quotidianos (Levy-Shiff et al., 1998; Tessier, Piche, Tarabulsky & Muckle 1992).

Aparentemente, as mães solteiras experienciam níveis de *stress* mais elevados. Estes encontram-se estritamente relacionados com a percepção de falta de suporte social e restrições financeiras durante a maternidade ou exposição aos stressores (Avison, 1997; Cairney, Bolye & Racine 2003; Mercer, 1995). Estas mães experienciam ainda, maior isolamento social (Weinraub & Wolf, 1983), maior número de episódios depressivos (Davies, Avison, & McAlpine, 1997; Targosz, Bebbington, Lewis, Jenkins, Farrell, 2003) e falta de suporte por parte das instituições (Weinraub & Wolf, 1983). Com efeito, as mesmas procuram com maior frequência os serviços de saúde, comparativamente com mães casadas ou em união de facto (Cairney & Wade, 2002). A nível educacional, são as mães com menor escolaridade que percebem sistemas desadequados de suporte social e apresentam níveis mais elevados de *stress parental* (Avison, 1997; Susman-Stillman & Siebenbruner, 2003).

2.1.3. Acontecimentos de Vida/Extrafamiliares

O *stress parental* tende a ser mais elevado em famílias com baixos níveis de funcionalidade e com baixos rendimentos ou baixo status socioeconómico (Benzies, Harrison, & Magill-Evans, 2004; Duncan & Magnuson, 2002; Najman, Aird, O’Callaghan, Williams, et al., 2004; Klebanov, Brooks-Gunn, McCarton & McCormick, 1998; Mercer & Ferketich, 1986; Seguin, Potvin, St-Denis & Loiselle, 1999; Walker & Montgomery, 1994). A existência de pressões económicas associadas a estilos de *coping* pouco eficazes poderá não só originar

padrões interactivos menos positivos (Luthar, 1999), mas também níveis elevados de *stress parental* e de conflito familiar - com inúmeras consequências negativas para a criança (Duncan & Brooks-Gunn, 2000; McLoyd, 1990; Sameroff & Fiese, 2000).

Vários estudos (Brody, Stoneman, Flor, McCrary, Hastings & Conyer, 1994; Conger, Elder, Lorenz & Simons, 1994; McLoyd, 1990; Taylor, 1997) concluíram que comportamentos autoritários, pouco responsivos e inconsistentes são frequentes em populações com baixos recursos socioeconómicos e que estes se encontram associados a índices elevados de *stress parental* (Aber, Jones & Cohen, 2000; McLoyd, 1998).

O suporte social parece reduzir os níveis de *stress parental* (Burchinal, Follmer & Bryant, 1996; Ostberg & Hagekull, 2000; Thompson, 1995). Os pais que percebem níveis elevados de suporte exibem comportamentos parentais mais sensitivos e responsivos e relatam maior número de sentimentos positivos relativamente à parentalidade (Crnic & Greenberg, 1987; Cutrona, 1984). Desta forma, o suporte social parece representar, um recurso que influencia directamente os níveis de *stress parental* e que remodela a relação existente entre falta de recursos e *stress*, tornando o meio ambiente onde a família se insere um preditor de menor consistência (Raikes & Thompson, 2005).

Capítulo III

Regulação Emocional

3.1. Emoções e Regulação Emocional – definição e conceptualização

As emoções podem ser definidas como processos biológicos que permitem ao indivíduo uma rápida avaliação das situações e das respostas adequadas, tendo como objectivo manter as condições favoráveis ou cessar as desfavoráveis (Cole, Martin & Dennis, 2004). Tratam-se de respostas tendenciais que envolvem estados subjectivos, afectivos, cognitivos, processamento de informação, motivação e respostas fisiológicas, podendo ser moduladas no sentido de influenciar o formato da resposta final (Bargh & Williams, 2007; Diamond & Aspinwall, 2003; Mauss, Bunge & Gross, 2007; Frijda, 1986; Gross, 1998; Gross & Thompson, 2007).

Para Greenberg (2006) as emoções traduzem-se em fenómenos cerebrais amplos e altamente diferenciados que possuem as suas próprias bases neuroquímicas e fisiológicas. É função das mesmas, preparar o indivíduo para a acção em resposta a um determinado estímulo interno ou desafio ambiental (Kring & Bachorowski, 1999 in Machado-Vaz, 2009).

O indivíduo possui a capacidade de controlar todos os aspectos do seu processamento emocional, incluindo a forma como direcciona a sua atenção, a avaliação cognitiva que faz

das situações vivenciadas, as consequências fisiológicas da emoção experienciada (activação emocional) e, ainda, a posterior atribuição de um significado (diferenciação emocional), que se diferencia e adquire consistência (Gross & Munõz, 1995; Machado-Vaz, 2009; Mauss et. al., 2007; Porges, 2007; Rothermund, Voss & Wentura, 2008). É através deste processo complexo que o ser humano compreende e regula as suas emoções (Barrett & Gross, 2001).

Para se adaptar emocionalmente, o indivíduo tem de aprender não só a regular a forma como expressa as suas emoções, como também adquirir a capacidade de diferenciá-las, compreender as suas funções e decidir o que quer expressar e o que prefere suprimir emocionalmente (Frijda, 1986; Greenberg, 2006; Gross, 1999; Gross, 2002; Machado-Vaz, 2009).

O processo através do qual o indivíduo influencia uma ou mais componentes da emoção (frequentemente no sentido de cumprir determinadas condições e dando prioridade a objectivos específicos) denomina-se *Regulação Emocional*. O mesmo pode ocorrer com ou sem percepção consciente e engloba um conjunto de estratégias que podem ser utilizadas para aumentar, manter ou diminuir uma, ou mais, componentes da resposta emocional. O processo de regulação pode ocorrer em todas as dimensões do processamento emocional, nomeadamente, a nível fisiológico, cognitivo, comportamental, experiencial e social (Eisenberg, Losoya, Fabes, Guthrie, Reiser, et. al., 2000; Gross, 1999 in Machado-Vaz 2009).

A regulação emocional envolve múltiplos mecanismos que podem ocorrer isolada ou concomitantemente, influenciando a natureza das experiências e expressões emocionais, incluindo a sua frequência, duração, intensidade e podendo mesmo implicar o desenvolvimento significativo de psicopatologia (Allen, Yap & Sheeber, 2007; Goldin, Mcrae, Ramel & Gross, 2008; Gross & Munõz, 1995), deterioração do estado de saúde físico (Greenberg, Wortman, & Stone, 1996; Sapolsky, 2007) da satisfação relacional (Murray, 2005) da performance no trabalho (Diefendorff, Hall, Lord & Streat, 2000), assim como, da qualidade das interacções sociais e interpessoais (Goldin, McRae, Ramel & Gross, 2008).

Existe um crescente corpo de evidências que mostra que as estratégias de regulação emocional não se definem como “boas” ou “más” em termos de consequências emocionais, mas encontram-se associadas a distintos problemas sócio-emocionais. Um desses estudos demonstrou que a supressão expressiva⁹ quando comparada com estratégias de reavaliação cognitiva¹⁰, se encontra positivamente associada a perturbações de pânico e ansiedade social

⁹ A supressão expressiva é uma forma de resposta moduladora, na qual a emoção em curso é inibida na sua expressão comportamental (Dennis, 2007).

¹⁰ A reavaliação Cognitiva é uma estratégia de regulação emocional que comporta alterações a nível cognitivo com o objectivo de neutralizar o impacto negativo ou amplificar os aspectos emocionais positivos de eventos ou resultados futuros (Gross & John, 2002)

(Levitt, Brown, Orsillo, & Barlow, 2004). De forma gradual, tem sido prestada atenção ao papel da regulação emocional como potenciadora de diversos comportamentos (des)adaptativos (Gross & Munoz, 1995; Lazarus, 1991).

As dificuldades de regulação emocional, tanto no desenvolvimento como na manutenção de problemas clínicos, ainda não foram adequadamente investigadas em adultos. No entanto, a pesquisa preliminar associa estas dificuldades a diversas perturbações, como o abuso de substâncias, perturbações de ansiedade generalizada, desordens complexas de *stress* pós-traumático, perturbações de personalidade borderline e perpetuação de actos de violência (Adams, 2009; Gratz & Roemer, 2004; Hariri, & Forbes, 2007). Ao que parece, esta dificuldade em regular emoções pode levar o indivíduo a problemas de desregulação emocional ou à incapacidade para efectivamente regular comportamentos, emoções ou cognições, mesmo sob condições pouco stressantes ou problemáticas (Adams, 2009).

3.2. A Desregulação Emocional

A Regulação Emocional é conceptualizada por diversos autores (Adams, 2009; Salovey, Mayer, Golman, Turvey & Palfi, 1995) como parte integrante de um constructo amplo, definido pela capacidade do indivíduo compreender e gerir emoções – o de Inteligência Emocional. Salovey (1995) sugere, porém, a existência de diferenças individuais na capacidade de identificar e regular emoções, aptidão essa necessária para aumentar a capacidade de reflexão e monitorização emocional, essenciais nas tentativas de “reparação” de afectos negativos.

A desregulação emocional pode ser definida pelo uso inflexível de estratégias que servem uma função específica, mas que no momento, interferem com o bom funcionamento interpessoal, social e cognitivo do indivíduo (Cole, Michel & O’Donnell-Teti, 1994). Pode ocorrer em situações nas quais o meio ambiente se torna extremamente exigente do ponto de vista emocional, ultrapassando a capacidade que o indivíduo possui para se auto-regular. A desregulação emocional deverá ser considerada como factor de risco para o aparecimento de sintomatologia psicopatológica (Cole et al., 1994).

Gratz e Roemer¹¹ (2004) propõem um modelo focalizado na compreensão e identificação emocionais, assim como na capacidade do indivíduo regular emoções. Para os autores, a capacidade de modificar emoções reside na aptidão do indivíduo para identificar e compreender essa mesma emoção e a situação que a provocou. Qualquer tipo de dificuldade

¹¹ Resumidamente, a conceptualização teórica proposta por Gratz & Roemer (2004) assenta em seis dimensões que permitem avaliar a regulação emocional: (a) consciência das respostas emocionais, (b) clareza nas respostas emocionais, (c) aceitação das respostas emocionais, (d) acesso a estratégias de regulação emocional percebidas como efectivas, (e) controlo de impulsos quando são experienciadas emoções negativas e (f) comportamentos orientados para objectivos quando são experienciadas emoções negativas.

em regular emoções pode originar problemas ao nível dos processos cognitivos e das respostas comportamentais que ocorrem após o início da emoção (Adams, 2009). Os défices de regulação emocional que ocorrem no início do processo gerador de emoção (dificuldades ao nível da consciência, da *aceitação* e da clareza emocional) têm um impacto considerável na capacidade do indivíduo adoptar estratégias eficazes para controlar ou modificar emoções, uma vez ocorridas. Os mesmos autores salientam ainda outras formas de desregulação emocional. O *agir impulsivo* do indivíduo (quando experiencia emoções negativas) poderá acarretar diversas consequências intencionais ou indesejadas. A dificuldade em dirigir *comportamentos focalizados em objectivos* concretos ou, ainda, a *percepção da inacessibilidade a estratégias eficazes* de regulação emocional são também consideradas formas de desregulação. Naturalmente, quando o indivíduo relata dificuldade em alguma destas dimensões poderá apresentar problemas ao nível da regulação emocional (Coutinho, Ribeiro, Ferreirinha & Dias, 2009).

Para o indivíduo desenvolver a capacidade de controlar emoções negativas necessita, em primeiro lugar, de possuir *consciência da emoção*; a incapacidade para identificar emoções torna extremamente difícil a avaliação da necessidade de regular as emoções (Neumann, Seibt & Strack, 2001). Indivíduos com elevados défices nesta dimensão frequentemente apresentam desordens de ansiedade social (Turk, Heimberg, Luterek, Mennin & Fresco, 2005), stress pós traumático (Greenberg, Wortman, & Stone, 1996) e sintomatologia depressiva (Koster, Raedt, Goeleven, Franck & Crombez, 2005).

A *clareza emocional*, aborda a capacidade que o indivíduo possui em distinguir ou diferenciar emoções. A dificuldade em identificar e descrever emoções surge associada a perturbações como a alexitimia (Bagby, Taylor & Parker, 1994), desordens de pânico (Barlow, 2002) e depressão (Salovey et al., 1995).

A dimensão de *não-aceitação emocional* aborda o grau de dificuldade que o indivíduo revela na sua abertura às experiências emocionais. A literatura demonstra que a consciência e aceitação das emoções promove respostas adaptativas aos estímulos negativos, aumenta o grau de satisfação do indivíduo com a vida (Arch & Craske, 2006) e diminui os afectos negativos (Campbell-Stills, Barlow, Brown & Hofmann, 2006). A falta de aceitação das emoções pode agravar os níveis de *stress* (Mennin, 2006) e predizer o uso supressivo das emoções (Campbell-Stills et. al., 2006).

A *impulsividade* refere-se a comportamentos que podem ocorrer em conjunto com o desejo de executar um comportamento e ocorre, frequentemente, durante a experiência de emoções intensas. Dificuldades nesta dimensão podem ser problemáticas quando os comportamentos impulsivos são contraproducentes com objectivos a longo-prazo (Adams,

2009). A impulsividade aparece associada a diversas desordens psiquiátricas como o stress pós-traumático e desordens de personalidade (American Psychiatric Association, 2000).

Os *comportamentos orientados para objectivos* exigem bastante esforço, independentemente do estado emocional, podendo ser bastante problemático para o indivíduo quando o mesmo experiencia emoções negativas, uma vez que estas podem prejudicar a tomada de decisão, esgotar os recursos cognitivos ou levar o indivíduo a focar-se em aspectos pouco relevantes da situação-problema (Baumeister, Zell & Tice, 2007; Eisenberg, Hofer & Vaughan 2007).

Por último, o *acesso limitado a estratégias de regulação emocional* percebidas como efectivas é essencial para modelar respostas emocionais a situações negativas; se o indivíduo sente que não possui estratégias eficazes nem sequer tentará lidar com as suas emoções e alterar o seu humor negativo (Catanzaro & Mearns, 1990). Esta problemática observa-se em indivíduos depressivos nos quais se verifica grande dificuldade em alterar emoções negativas por acreditarem não possuir capacidade para o fazer (Garnefski, Kraaij & Spinhoven 2001).

Capítulo IV

A Vinculação no Adulto

O *Sistema de Vinculação* pode ser definido, num contexto evolutivo e adaptativo, como um sistema biopsicológico motivacional inato de alta plasticidade e flexibilidade em função da experiência, cujo objectivo é aumentar a probabilidade de protecção e sobrevivência através do estabelecimento de uma base segura, proveniente da relação com uma figura cuidadora (Ainsworth & Bowlby, 1991; Bowlby, 1969/1982; Weiss, 1991).

Os estudos de Main e colaboradores (George, Kaplan & Main, 1985; Main, Kaplan & Cassidy, 1985) assim como os de Hazan e Shaver (1987; Shaver, Hazan & Bradshaw, 1988) marcaram o início dos estudos da vinculação no adulto e centram-se na análise de aspectos internos e representacionais da vinculação, a partir da tentativa de operacionalização do conceito de modelos internos dinâmicos do *self*, proposto inicialmente por Bowlby (1969).

Na relação entre dois adultos o sistema vinculativo enquadra-se em comportamentos de apoio emocional em situações específicas, levando as pessoas a corresponderem mutuamente aos sinais de ansiedade e *stress* e à necessidade de segurança emocional uma da outra, agindo como base segura de bem-estar e, ao mesmo tempo, potenciando um grau confortável de autonomia (Kunze & Shaver, 1994).

Hazan e Shaver (1987) impulsionaram o estudo da vinculação no adulto ao explorar a possibilidade de o *amor romântico* ser perspectivado a partir da teoria da vinculação, procurando avaliar a relação entre padrões de vinculação e o modo como os indivíduos experienciam e se envolvem nas suas relações amorosas. Os estudos realizados apontam para a existência de padrões vinculativos semelhantes, nos conteúdos e na distribuição, aos padrões encontrados nas crianças. Cada um dos padrões encontrava-se associado a diferentes formas de experienciar o relacionamento amoroso, sendo lançada a hipótese de que a natureza e a qualidade das relações amorosas seriam fortemente influenciadas pelos acontecimentos ocorridos durante a infância e, muito particularmente, pelos modelos internos construídos a partir das interações com outros significativos (Feeney & Collins, 2004; Hazan e Shaver 1987; Kunce & Shaver, 1994).

4.1. Os Estilos Vinculativos

A vinculação do adulto surge conceptualizada de três formas distintas: como *estado*, que emerge em situações de *stress*, num esforço para restabelecer o contacto com a figura de vinculação; como *traço*, ou seja, uma tendência para formar relações de vinculação similares ao longo da vida e como *processo de interação* no contexto de uma relação específica (Berman & Sperling, 1994; Canavarro, Dias & Lima, 2006; Shaver & Mikulincer, 2002).

É importante notar que a organização da vinculação em adultos não se traduz nas experiências ocorridas na infância, mas sim na integração das experiências ao longo do tempo, pelo que é possível, indivíduos relatarem acontecimentos relacionais negativos na infância e serem avaliados como adultos seguros.

Se a natureza e a qualidade das relações emocionalmente significativas que ocorrem ao longo da infância parecem influenciar o modo como o indivíduo se relaciona com os outros e com o mundo, os contextos de vinculação no adulto podem criar oportunidades de reorganização pessoal, “desconfirmando” e inviabilizando asserções acerca de si próprio e dos outros, construídas em experiências anteriores (Fraley, 1999; Matos, 2002; Rothbard, Ahadi & Hershey, 1994; Scharfe & Bartholomew, 1994).

Hazan e Shaver (1987) adoptaram o modelo proposto por Ainsworth (1978), onde são propostos três estilos vinculativos - seguro, ansioso/ambivalente e evitante. Apesar de não existir consenso relativamente a estas designações, de forma geral, a maior parte dos autores propõe a existência de apenas um estilo seguro e vários estilos inseguros (Bartholomew & Horowitz, 1991; Main et al., 1985).

Adultos seguros acedem e integram facilmente a informação relativa à figura vinculativa, baseando-se num modelo dessa figura como disponível, responsiva e num

modelo do *self* como merecedor e capaz de suscitar eficazmente uma resposta parental (Dozier, Stevenson, Lee & Velligan, 1991). É possível observar nestes indivíduos, um acesso fácil a esses modelos em situações de *stress* ou perturbação emocional (Main, 1991).

Os adultos inseguros - ansiosos/ambivalentes percebem a figura vinculativa como inconsistentemente responsiva e imprevisível. Para manter a relação com este tipo de figuras, o indivíduo hiperactiva o sistema vinculativo de forma a monitorizar constantemente a figura de vinculação e maximizar o sistema vinculativo (Main, 1991). Esta estratégia cria um viés cognitivo, levando a focar excessivamente a informação relativa à vinculação e a exagerar os sinais susceptíveis de provocar perturbação (Cole-Detke & Kobak, 1996). Observa-se que estes adultos exprimem irritação e conflito com as figuras de vinculação e prestam atenção excessiva a determinados acontecimentos negativos nesses contextos, revelam preocupação com as suas relações de vinculação, dando a impressão de estarem presos ou emaranhados, nos efeitos negativos das suas experiências e demonstrando dificuldade em obter uma apreciação objectiva, coerente e integradora do sistema relacional e do papel do *self* nesse sistema (Dozier et al., 1991; Main & Goldwyn, 1988/1994).

Por último, os adultos inseguros – evitantes percebem a figura vinculativa como ignorando/rejeitando sistematicamente os seus sinais de vinculação, pelo que é possível que o indivíduo desenvolva uma estratégia para desactivar o sistema vinculativo, de forma a reduzir o potencial conflito com a figura vinculativa (Main & Weston, 1982). Neste estilo, o indivíduo interioriza e antecipa a procura de contacto com a figura de vinculação como conducente à rejeição, o que lhe causa um conflito doloroso. Desta forma, recorre a estratégias de evitamento para afastar a atenção das condições que activam o comportamento vinculativo (Dozier et al., 1991). Observam-se pessoas com acesso limitado a memórias e sentimentos, que desvalorizam a importância das relações, minimizam os efeitos das experiências pessoais, restringem a consciência e o conhecimento afectivo, limitando a recordação de memórias perturbadoras relacionadas com a vinculação que conduzem a uma descrição vaga e geral dos pais/substitutos parentais (Dozier et al., 1991; Main & Goldwyn, 1988/1994).

Resumidamente, observa-se que os adultos com um padrão seguro de vinculação apresentam maior sensibilidade e responsividade aos sinais do outro, através de cuidados adequados às suas necessidades. Estes adultos demonstram-se, ainda, sensíveis, contingentes e não intrusivos. Por outro lado, adultos com padrões de vinculação inseguros têm tendência a utilizar comportamentos controladores ou compulsivos na sua prestação de cuidados (Faria, Fonseca, Lima, Soares & Klein, 2007; Feeney & Collins, 2004; Khunze & Shaver, 1994).

4.2. Vinculação no Adulto e Psicopatologia

A teoria da vinculação postula que as interações precoces com as figuras vinculativas possuem uma influência determinante na forma como os indivíduos compreendem e se relacionam com o mundo, com os outros e consigo próprios.

A integração do sentimento de segurança e confiança em si mesmo e no outro é fundamental ao longo da vida. A possibilidade de explorar o mundo com confiança e segurança decorre da existência de uma relação com outra figura capaz de se constituir como base segura (Bowlby, 1969/1984). Os modelos internos dinâmicos que o indivíduo constrói sobre as figuras de vinculação tendem a manter-se estáveis até à vida adulta. Estes modelos contribuem para a constituição de padrões vinculativos, formas de relacionamento interpessoal e características de personalidade (Bowlby, 1969/1982; Soares, 1996; Vilarinho, 2003). De acordo com Bowlby (1969) constituem os principais mecanismos explicativos da saúde mental do adulto (Canavarro, 1999; Vilarinho, 2003).

Na idade adulta, as relações de vinculação problemáticas ficam representadas mentalmente, como modelos internos dinâmicos negativos que aumentam a vulnerabilidade para o impacto de situações adversas (Vilarinho, 2003).

Bowlby refere que os indivíduos com uma vinculação insegura respondem de modo adverso ao *stress* e tendem a ser menos resilientes e mais vulneráveis a perturbações psicopatológicas (Bowlby, 1969/1982; Sable, 1994). Os adultos seguros possuem a capacidade de procurar afecto e a assistência que necessitam em situações de *stress* psicológico e emocional (Bowlby, 1988; DoJan, Amkoff & Glass, 1993; Karen, 1994). Já os adultos ansioso/ambivalentes exibem uma dependência excessiva e uma imaturidade ou personalidade histriónica. Clinicamente manifestam agorafobia, depressão, ideação ou actos suicidas, sintomas de conversão ou desordens alimentares (Bowlby, 1977; Dolan; Arnkoff & Glass, 1993; Liotti, 1991, Sable, 1992). Por último, os adultos evitantes agem, frequentemente, de forma abrupta e violenta contra a(s) sua(s) figura(s) vinculativa(s), projectando na relação actual, o medo precocemente enraizado de abandono (Meloy, 1992; Sable, 1997).

Capítulo V

Stress Parental, Vinculação e Regulação Emocional

5.1. A Parentalidade¹² e a Regulação Emocional

O clima emocional experienciado diariamente pelo indivíduo exerce um impacto relevante em todo o seu desenvolvimento psicológico e emocional. Quando uma criança se desenvolve num clima emocional negativo, coercivo ou imprevisível, encontra-se em risco de se tornar um adulto altamente reactivo em termos emocionais devido à presença frequente de respostas imprevisíveis e/ou manipulação emocional. Neste tipo de ambiente familiar, não só a criança observa e aprende a desregulação emocional dos pais, como poderá tornar-se um adulto emocionalmente inseguro (Cummings & Davies, 1994; Darling & Steinberg, 1993).

As crianças que possuem dificuldades no controlo das suas emoções, apresentam mais problemas, tanto ao nível da internalização como ao nível da exteriorização. Contrariamente, crianças com capacidade de auto controlo são capazes de se acalmarem a si próprias, respondem positivamente perante situações stressantes e apresentam maior número de competências ao nível da socialização (Alvord & Grados, 2005; Pacheco, 2009).

Quando as crianças crescem em ambientes familiares consistentes e responsivos, no qual se sentem aceites e nutridas, apresentam maior probabilidade de se tornarem adultos emocionalmente seguros e capazes de se expressarem emocionalmente porque acreditam que as suas necessidades emocionais podem ser supridas (Morris, Silk, Steinberg, Myers & Robinson, 2007; Eisenberg, Cumberland & Spinrad, 1998; Eisenberg, Valiente, Morris, Fabes, Cumberland & Reiser, 2003; Eisenberg & Zhou, 2000).

O clima emocional experienciado em contexto familiar é o reflexo de uma variedade de processos e dinâmicas intra-familiares. Podem-se distinguir quatro componentes importantes neste contexto que afectam o desenvolvimento da regulação emocional: estabilidade e predictibilidade emocional, maturidade das expectativas e exigências parentais, grau de emocionalidade positiva e grau de emocionalidade negativa expressos pela família. Estas componentes são tipicamente examinadas através da análise das relações vinculativas, dos estilos parentais, da expressividade familiar, da expressão emocional e das relações maritais (Morris, et al. 2007).

Relativamente aos estilos parentais, os mesmos reflectem as atitudes e comportamentos dos pais no exercício da sua parentalidade. Os diferentes estilos parentais são geralmente definidos tendo em conta as variações da responsividade e exigências parentais (Darling &

¹² Na pesquisa que efectuámos encontramos poucos estudos que relacionassem directamente stress parental e regulação emocional. Dada a inerência, já mencionada, entre parentalidade e stress parental, optamos por alargar a revisão bibliográfica ao primeiro constructo.

Steinberg, 1993). As pesquisas efectuadas sugerem que os mesmos se encontram associados ao desenvolvimento social e emocional da criança (Baumrind, 1971; Maccoby & Martin, 1983; Parke & Buriel, 1998). Diversos estudos (Cohn & Tronick, 1983; Eisenberg, Fabes, Schaller, Carlo, & Miller, 1991; Fabes, Eisenberg, Karbon, Bernzweig, Speer & Carlo, 1994; Gable & Isabella, 1992; Hardy, Power & Jaedicke, 1993; Kliewer, Fearnow, & Miller, 1996) apontam para o facto de uma parentalidade responsiva (e.g., aceitação, suporte, simpatia) encontrar-se significativamente relacionada com elevados níveis de regulação emocional e níveis baixos de emoções negativas observadas na criança. Por outro lado, a parentalidade negativa (e.g., hostilidade, controlo psicológico, falta de sensibilidade) encontra-se associada a níveis elevados de sintomatologia depressiva e desregulação emocional (Calkins, Smith, Gill & Johnson; 1998; Early Child Care Research Network, 2004; Morris, Silk, Steinberg, Sessa, Avenevoli & Essex, 2002).

Estudos recentes concluíram que elevados níveis de controlo parental, particularmente de controlo psicológico, geram níveis de regulação emocional inferiores. Contrariamente, os estilos parentais de calor e afecto promovem o desenvolvimento da regulação emocional durante a infância (Eisenberg, Cumberland & Spinrad, 1998; Manzeske & Stright, 2009; Morris et al., 2007; Walling, Mills & Freeman, 2007). Aparentemente, a exposição da criança a modelos parentais de afecto e calor, atenua de forma significativa os efeitos negativos dos défices de regulação emocional. Assim sendo, o controlo parental parece afectar o desenvolvimento dos processos de regulação emocional da criança, através do fornecimento de orientações e feedback que, poderá ou não, ajudar a mesma numa correcta socialização e expressão das suas emoções (Aunola & Nurmi, 2005; Manzeske & Stright, 2009; Olson, Bates & Bayles 1990).

À medida que a criança se desenvolve, os pais deverão ajustar os níveis de controlo parental de forma a permitir um desenvolvimento apropriado, quando isso não acontece, o controlo exercido de forma inapropriada poderá causar resistências emocionais negativas e, consequentemente, originar formas de desregulação emocional. Na análise da literatura, foram ainda encontradas fortes evidências (McEwen & Flouri, 2009) de que as dificuldades de regulação emocional medeiam as relações entre a parentalidade e os sintomas emocionais de adolescentes. Ao que parece esta relação é indirecta, no entanto, padrões desadequados de controlo psicológico parental diminuem a capacidade do adolescente regular as suas emoções, originando inúmeras perturbações emocionais.

Em relação à expressividade parental a mesma encontra-se associada a estilos e comportamentos parentais que, como acabamos de analisar, repercutem-se nos processos de desenvolvimento e regulação emocional. Os pais que expressam maioritariamente emoções

positivas são, frequentemente, pais responsivos, calorosos e suportativos, enquanto os que expressam maior número de emoções negativas são, frequentemente, pais hostis e pouco responsivos (Halberstadt, Crisp & Eaton, 1999; Halberstadt, Denham & Dunsmore, 2001; Morris et al., 2007).

Relativamente à expressão emocional é importante considerar a importância desta dimensão no desenvolvimento emocional da criança, sendo relevante ponderar que o défice na regulação emocional implica pais com expressão emocional desadequada, o que influenciará não só, os processos de adaptação como o desenvolvimento e a regulação emocional futura da criança (Asarnow, Tompson, Hamilton, Goldstein, & Guthrie, 1994; Asarnow, Tompson, Woo, & Cantwell, 2001; Hibbs, Hamburger, Lenane, & Rappaport, 1991; Schwartz, Dorer, Beardslee, Lavori & Keller, 1990; Vostanis, Nicholls, & Harrington, 1994; Wearden, Tarrier, Barrowclough, Zastowny, & Rahill, 2000).

Os conflitos inter-adultos ou maritais em contexto familiar, são ideais para a criança aprender formas adaptativas/desadaptativas de lidar com os conflitos e as emoções. Estas relações contribuem, de forma significativa, para o clima emocional familiar e diversos estudos relacionam-nas com dificuldades adaptativas, frequentemente, apresentadas por crianças e adolescentes (Davies, Harold, Goeke-Morey & Cummings, 2002; Lemerise & Dodge, 1993).

De uma forma geral, os estudos desenvolvidos neste âmbito apontam para o facto da segurança emocional da criança, particularmente, a reactividade emocional, mediar a relação existente entre relações maritais e a adaptação da criança, sendo que o mecanismo pelo qual a discórdia marital afecta a adaptação da criança encontra-se, directamente, relacionado com o impacto destas dimensões na regulação emocional da mesma (Davies & Cummings, 1998; Volling, McElwain & Miller, 2002).

Concretamente sobre o efeito que o *stress* possui na parentalidade, Minuchin e colaboradores (1967) remetem-nos para o facto das mães em ambientes com elevados níveis de *stress* tenderem a abandonar o seu papel parental com o objectivo de proteger o seu próprio equilíbrio emocional. A vivência em ambientes *stressantes* parece reactivar modelos internos vinculativos e emocionais, assim como, respostas diferenciais, aos níveis de *stress*, de acordo com as características pessoais da figura maternal (Franklin, 2005; Simpson, Rhodes & Nelligan, 1992).

5.2. Vinculação e Regulação Emocional

Ao longo do seu processo desenvolvimental, a criança irá experienciar diferentes momentos de activação emocional, diversas tonalidades afectivas (por vezes até

desorganizadoras) e afectos negativos (e.g., medo, choro ou raiva). Inicialmente, será incapaz de se (auto) regular de forma autónoma, precisando do auxílio da sua figura vinculativa. Acrescenta-se ainda o facto de algumas emoções negativas servirem de estratégia na procura de proximidade (e.g., choro para chamar os pais). Assim, a comunicação emocional e a regulação das emoções em contexto vinculativo assumem grande importância, sendo este o contexto preferencial para o seu desenvolvimento (Lay, Waters, Posada, & Ridgeway, 1995; Martins, 2007). A resposta da figura vinculativa a essa procura de proximidade e a forma como a mesma auxilia a criança na regulação das suas emoções, vai conduzir a uma organização específica do sistema comportamental vinculativo e, conseqüentemente, a diferentes formas de regulação emocional (Main, 1990; Zimmermann, 1999).

A qualidade das experiências e das relações precoces pode variar, não só em função dos cuidados prestados pela figura vinculativa, como também em função do modo como estes são percebidos pela criança (Soares, 1996). Por outro lado, a qualidade das relações vinculativas e a capacidade de auto-regulação emocional possuem uma influência significativa no desenvolvimento posterior da mesma e reflectem-se na sua capacidade para identificar e exprimir emoções (Schore, 2001; Sroufe, 1996).

No âmbito da Psicologia Desenvolvimental, diversos autores propõem que, previamente à capacidade de auto-regular emoções, a criança experiencia uma sequência de tarefas adaptativas negociadas na díade mãe-criança. A curto prazo estas interacções regulam o estado afectivo da criança e a longo prazo, conduzem a alterações estruturais (Campos, Campos & Barrett, 1989; Izard, 1977; Parke, Ornstein, Raiser & Zahn-Waxler, 1993). Thompson (1990) sublinha que a emoção, inicialmente regulada pela figura vinculativa, torna-se cada vez mais auto-regulada à medida que se processa a maturação¹³ das funções neurofisiológicas da criança.

Ao mediar os estímulos ambientais, a figura vinculativa fornece a experiência necessária para a maturação do sistema estrutural, que é o responsável pela regulação da função sócio-afectiva. Desta forma, se a mãe for capaz de modular eficazmente os estímulos ambientais, estará a facilitar o crescimento de conexões entre estruturas límbicas corticais e sub-corticais que neuro-biologicamente medeiam as funções auto-reguladoras da criança

¹³ No desenvolvimento da regulação sócio-afectiva, a maturação depende da experiência e, conseqüente, do desenvolvimento das estruturas corticais e límbicas, que são responsáveis pelo aparecimento de emoções mais complexas. Sabe-se actualmente que os lobos pré-frontais desenvolvem-se por estádios e que as áreas orbito-frontais do cérebro estão, particularmente, ligadas a funções reguladoras, emocionais e sociais (Rutter, 1995; Schore, 2005; Vilarinho, 2003).

(Schore, 2008). As experiências relacionais influenciam, de forma directa¹⁴, a emergência de um sistema fronto-límbico, no hemisfério direito, capaz de auto-regular, adaptativamente, quer os afectos positivos, quer os negativos, em resposta a alterações sócio-emocionais (Hofer, 1994; Morris et. al., 2007; Schore, 2008; Vilarinho, 2003). Desta forma, tanto a relação vinculativa como a regulação emocional podem ser perspectivadas como organizadoras fundamentais do desenvolvimento fisiológico e cerebral da criança (Hofer, 1994; Schore, 1997; Schore, 2005; Siegel, 1999; Sroufe, 1996).

5.3. A Regulação Emocional e os Estilos Vinculativos como Factores Mediadores¹⁵ do *Stress Parental*

Já vimos que as famílias provenientes de meios socioeconómicos desfavorecidos carregam consigo diversas desvantagens que afectam a qualidade da sua parentalidade. A pesquisa efectuada sugere que estas famílias habitam, frequentemente em zonas com níveis elevados de desemprego, usufruindo de cuidados de saúde inadequados ou insuficientes e caracterizando-se por baixos níveis de literacia, normas promotoras de riscos comportamentais, poucas actividades recreativas e níveis elevados de maus-tratos infantis (Barry & Hallett, 1998; Evans, 2004; McLoyd, 1998). É bem conhecida a influência negativa dos ambientes socioeconómicos desfavorecidos nos valores parentais, na adaptação psicológica do indivíduo, no suporte social e nos níveis de *stress parental* experienciados (Hoffman, 1987; LeVine, 1974). Os adultos que se inserem nestas famílias de risco, tendem a experienciar altos índices de *stress parental* relacionados com as suas próprias características pessoais, tais como, humor depressivo, satisfação parental, acontecimentos *stressores* de vida e baixo *status* socioeconómico (Barth & Miller, 2000; Evans, 2004).

Como foi referido anteriormente, o *stress* na relação mãe-criança é complexo e multifactorial (Abidin, 1995; Belsky, 1984; Mash & Johnston, 1990; Webster-Stratton, 1990). Quando este se encontra aliado a ambientes socioeconómicos desfavorecidos, a adultos com estilos vinculativos *inseguros* (ambivalentes/ansiosos ou evitantes) e a níveis elevados de desregulação emocional, encontram-se conjugadas as variáveis necessárias para transformar qualquer seio familiar num ambiente caótico e multiproblemático - factor de risco elevado no processo de desenvolvimento sócio - emocional da criança.

¹⁴ Neste sentido, Field (2002) refere o impacto que a proximidade física e o toque materno possuem na neuroquímica cerebral e a sua importância para o desenvolvimento da regulação emocional, mediado por aspectos específicos da interacção mãe-bebé (Hofer, 1994).

¹⁵ O factor mediador é um processo de relacionamento causal entre duas variáveis: sendo que uma é designada por variável independente e a outra por variável dependente, no qual a primeira possui a capacidade de influenciar a segunda (Baron & Kenny, 1986 in Holmbeck, 1997).

Diversos estudos apontam para o facto de mães com estilos vinculativos seguros experienciarem níveis inferiores de *stress* parental comparativamente com mães inseguras (Kemp & Neimeyer 1999; Mikulincer & Florian 1998). Estes estudos, demonstram evidências claras da relação existente entre estilos vinculativos e a forma como são experienciados e expressos os níveis de *stress psicológico*. Segundo estes autores, o estilo de vinculação *evitante* foi o que demonstrou resultados mais interessantes, uma vez que, estes adultos tendem a dicotomizar os seus sentimentos e a demitirem-se das suas responsabilidades parentais, pelo que não reportam níveis elevados de *stress psicológico*. Estes resultados são congruentes com as estratégias de regulação emocional tipicamente utilizadas por estes adultos, nos quais são evidentes estratégias efectivas de supressão emocional, tais como, comportamentos de distanciamento ou evitamento de situações stressantes (Bartholomew & Horowitz, 1991; Lyons-Ruth, 1999). Contrariamente, Simpson e colaboradores (1992) encontraram evidências conclusivas de que mães com estilos vinculativos seguros recorrem tendencialmente a fontes externas de suporte social com o intuito de reduzir os níveis de *stress parental* experienciados.

Devido à natureza emocional do *stress parental* tem sido dado algum enfoque às diferenças individuais nos processos de regulação emocional como um potencial factor protectivo. Aparentemente, os indivíduos que utilizam estratégias de regulação emocional adaptativas e flexíveis, como a reavaliação cognitiva, apresentam maior resiliência face a situações de *stress*, do que indivíduos que usam estratégias menos eficazes, como a supressão emocional. Os primeiros possuem a capacidade efectiva de regular a intensidade das emoções negativas, uma vez que, conseguem reavaliar as situações que estão a vivenciar e dessa forma, reduzem, os níveis de *stress* experienciados (Mauss, Cook, Cheng & Gross, 2007), enquanto os segundos, demonstram maior vulnerabilidade ao *stress* e a longo-prazo podem desenvolver sintomatologia psicopatológica (Mauss et al., 2007).

Conclui-se assim, que a capacidade do indivíduo regular as suas emoções é determinada por inúmeros factores sócio - culturais e desenvolvimentais e que tanto os estilos vinculativos como as estratégias de regulação emocional adoptadas operam como factores moderadores face ao *stress psicológico* experienciado (Butler, Lee & Gross, 2007; Cole et al, 2004; Eisenberg, Hofer & Vaughan, 2007; Gross, 2008; Gross & John, 2003; Gross, John & Richards, 2000; Kubzansky, Martin & Buka, 2004; Niiya, Ellsworth & Yamaguchi, 2006; Rothbart & Sheese, 2007).

Capítulo VI

A Investigação

Em Portugal, as famílias beneficiárias de medidas de apoios sociais geridos pelo sistema de segurança social do estado (por exemplo: Rendimento Social de Inserção - RSI) apresentam, frequentemente, situações socioeconómicas precárias e encontram-se, maioritariamente, em contextos caracterizados pelo risco e pela privação sociocultural crónica, assente em ciclos de marginalização, disfuncionalidade, crise e desalento total. Estas famílias não possuem as ferramentas necessárias para enfrentar uma sociedade caracterizada por uma cultura consumista que exige a capacidade de assumir o controlo e a responsabilidade pelas suas próprias histórias de vida. Possuem múltiplas fragilidades sistemáticas ou “*handicaps que conduzem à pobreza económica, ao enfraquecimento dos laços familiares e sociais, ao descrédito pessoal e mesmo à perda de laços identitários.*” (Strobel, 1995, p.34-35), que levam à exclusão da sociedade na qual estão inseridas (Ditzel & Maldonado, 2004).

Vamos começar por apresentar uma breve caracterização das participantes para ser mais fácil compreender o tipo de população que avaliamos e o tipo de predições que tecemos.

6.1. Participantes

Participaram neste estudo 116 mães provenientes de contextos de risco de exclusão social por beneficiarem da medida RSI há mais de doze meses.

A amostra foi dividida em função de três Grupos de Estudo: Grupo 1, “*Beneficiárias RSI*”, constituído por agregados acompanhados no âmbito da medida de RSI há mais de um ano ($n=40$); Grupo 2, “*Beneficiárias RSI sob Promoção e/ou Protecção do Sistema Nacional*¹⁶ com medida de Supervisão na Comunidade”, grupo composto por agregados beneficiários da medida de RSI ($n=40$) acompanhados, concomitantemente, ou por *Comissão de Protecção de Jovens e Crianças em Risco*¹⁷ (CPCJ’s) ou por Equipas Multidisciplinares de Assessoria aos

¹⁶ O decreto-lei 147/99 de 01 de Setembro, regula a intervenção social do Estado e da Comunidade nas situações de crianças e jovens em perigo, carenciados de protecção, ressaltando-se a intervenção judicial para os casos em que não há consentimento dos pais ou representante legal, ou quando é necessário decidir sobre restrições ou regulação do exercício de direitos. Assim, a promoção dos direitos e a protecção da criança/jovem em perigo compete às entidades com competência em matéria de infância e juventude, às comissões de protecção de crianças e jovens (CPCJ’s) e aos tribunais (EMAT’s). As medidas de promoção dos direitos e de protecção das crianças/jovens em perigo visam: *a)* afastar o perigo em que estes se encontram; *b)* proporcionar as condições que permitam proteger e promover a sua segurança, saúde, formação, educação, bem-estar e desenvolvimento integral; *c)* garantir a recuperação física e psicológica das crianças e jovens vítimas de qualquer forma de exploração ou abuso. As medidas legislativas de promoção e protecção são as seguintes: (a) Apoio junto dos pais; (b) Apoio junto de outro familiar; (c) Confiança a pessoa idónea; (d) Apoio para a autonomia de vida; (e) Acolhimento familiar e (f) Acolhimento em instituição.

¹⁷ As Comissões de Protecção de Menores de Crianças e Jovens em Risco (CPCJ) foram criadas na sequência do Decreto - Lei nº 189/91 de 17/5 e, posteriormente, reformuladas de acordo com a Lei de Promoção e Protecção aprovada pela Lei nº 147/99, de 1 de Setembro. São instituições oficiais não judiciais com autonomia funcional

Tribunais¹⁸ (EMAT's); Grupo 3, “Beneficiárias RSI sob Promoção e/ou Protecção do Sistema Nacional com medida de Retirada de Criança” constituído por famílias beneficiárias de RSI ($n=36$) com *medida de acolhimento institucional* em Centro de Acolhimento Temporário¹⁹ (CAT).

A selecção das participantes para esta investigação não foi aleatória, a mulher tinha de ser mãe/substituta materna e ter pelo menos um filho com idade compreendida entre os cinco e os dez anos de idade. No caso de existir mais do que uma criança com idade compreendida na faixa etária em estudo, as questões remetiam para a criança mais nova.

Realça-se que as participantes tinham em média 36 anos (6.7), a maioria era casada (38.8%), existindo ainda mães solteiras (19%), divorciadas (15.5%), separadas (13.8%), viúvas (4.3%) e a residir em união de facto (8.6%).

Atendendo a esta caracterização, 70% destas mães residiam no concelho de Penafiel, 16% no grande Porto, 8% em Valongo e as restantes 6% em concelhos próximos do distrito do Porto.

No que se refere às habilitações literárias, 39% possuía o 1º ciclo de ensino básico, 10% frequentou o ensino mas não terminou. O grupo era também constituído por 10% de participantes analfabetas, porém 21% possuía o 2º ciclo de ensino básico, 17% o 3º ciclo de ensino e apenas 3% concluiu o ensino secundário. Como foi referido anteriormente, todas as participantes do estudo beneficiavam da medida de RSI, sendo que a maioria se encontrava desempregada (63%). 22% das mães estavam isentas de actividade profissional por motivos de saúde e apenas 13% das mães exerciam actividade profissional. Por último, 2% da amostra estava inserida em formação profissional. Das mães que se encontravam desempregadas ($n = 73$), 90% encontrava-se nessa situação há mais de dois anos (mais de 48 meses). Relativamente, às participantes com actividade profissional²⁰, 60% das participantes exerciam actividade como operárias, artificies e trabalhadores similares, enquanto, 40% exercia trabalho não qualificado.

que visam promover os direitos da criança e do jovem e prevenir ou pôr termo a situações susceptíveis de afectar a sua segurança, saúde, formação, educação ou desenvolvimento integral.

¹⁸ As Equipas Multidisciplinares de Apoio Técnico aos Tribunais (EMAT's) prestam apoio no âmbito dos processos judiciais de promoção de protecção de menores de acordo com a lei 147/99 e decreto-lei 332-B/2000.

¹⁹ Os Centros de Acolhimento Temporário (CAT) são equipamentos sociais que possuem como finalidade o acolhimento urgente e transitório de crianças em situação de risco, decorrente de abandono, maus tratos, negligência ou outros factores, criando condições para a definição do projecto de vida de cada criança/jovem, com vista ao seu adequado encaminhamento.

²⁰ Tendo por base a tabela de classificação nacional de profissões disponibilizada pelo portal do Instituto de Emprego e Formação Profissional (IEFP);

Quadro 1: Características sócio-demográficas

		(N = 116)	
Idade		<i>M</i> =36,13 (<i>DP</i> = 6,71) N = 116	Min=24 Max=64 %
Estado Civil	Solteira	22	19,0
	Casada	45	38,8
	Divorciada	18	15,5
	Separada	16	13,8
	Viúva	5	4,3
	União de Facto	10	8,6
	Penafiel	81	69,8
Conselho de Residência	Valongo	9	7,8
	Porto	18	15,5
	Outro(s) concelho(s)	8	6,9
		N = 112	%
Escolaridade	Analfabetismo	11	9,8
	1º ciclo Inc.	11	9,8
	1º ciclo	44	39,3
	2º ciclo	24	21,4
	3º ciclo	19	17,0
	Ens. Sec.	3	2,7
		N = 116	%
Situação Profissional	Isenta de act. prof. por motivo de doença	26	22,4
	Trabalhadora	15	12,9
	Desempregada	73	62,9
	Formação Profissional	2	1,7
		N = 15	%
		9	60,0
Profissão mães trabalhadoras	Operários, artífices e trabalhadores similares		
	Trabalhadores não qualificados	6	40,0

6.2. Objectivo e Hipóteses de Investigação

O objectivo geral desta investigação prendeu-se com o estudo de *famílias em risco de exclusão social* beneficiárias da medida de Rendimento Social de Inserção (RSI). Para tal pretendíamos avaliar especificamente os níveis de *stress parental* experienciados pelas mães destes agregados familiares, a sua capacidade de regulação emocional e os seus estilos vinculativos, uma vez que estes três vectores foram considerados de extrema importância no desenvolvimento da relação mãe-criança. O contacto prévio e directo com estas famílias e suas realidades, apoiado na análise da literatura existente, permitiu colocar algumas hipóteses.

H1: Em todas as medidas analisadas (*Stress Parental, Regulação Emocional e Estilos Vinculativos*), as participantes apresentam “piores” resultados (inferiores ou superiores consoante a medida) do que aqueles estabelecidos como “dados normativos”;

Todas as participantes são provenientes de meios socioeconómicos desfavorecidos e apresentavam situações comprovadas de precariedade económica. A cronificação de situações de privação de recursos e falta de bens essenciais acarreta níveis elevados de *stress parental*, o que evidentemente, limita a capacidade de resposta sensitiva e consistente da mãe face às necessidades demonstradas pela criança e por conseguinte, afecta a capacidade da mesma se auto-regular emocionalmente (Raikes et al., 2005).

H2: As mulheres do Grupo 3, designado de ora em diante GR3, (Beneficiárias RSI sob Promoção e/ou Protecção do Sistema Nacional com medida de Retirada de Criança) apresentam maiores Dificuldades na *Regulação Emocional* (DRE) comparativamente com as participantes do Grupo, abreviado GR1 (Beneficiárias RSI) e do Grupo 2, abreviado GR2 (Beneficiárias RSI sob Promoção e/ou Protecção do Sistema Nacional com medida de Supervisão Comunidade).

H3: As mulheres do GR3 apresentam Índices mais elevados de *Stress Parental* (ISP) comparativamente com os Grupos 1 e 2.

H4: As mulheres do GR3 apresentam Estilos Vinculativos com maior “Ansiedade” e menor “Conforto” e “Confiança” quando comparadas com os Grupos 1 e 2.

As hipóteses H2, H3 e H4 foram colocadas tendo por base a premissa de que as participantes de GR3 teriam sido alvo da aplicação de uma medida mais complexa²¹ (acolhimento institucional do menor) por apresentam maior tendência para o abandono e/ou negligência das funções parentais (Barudy, 1998) o que poderia ainda estar associado a dinâmicas de mau trato infantil. Estes factores teriam acarretado a decretação de “incapacidade judicial” destas mães e a saída da criança da família por ordem judicial. A precariedade da função emocional é um grande obstáculo ao desenvolvimento de uma relação

²¹ Para além disso, no nosso país, são sempre privilegiadas as medidas em meio natural de vida (apoio junto dos pais, de outro familiar ou confiança a pessoa idónea) – Grupo 2 – em detrimento das medidas de colocação (acolhimento familiar ou institucional) – Grupo 3.

vinculativa segura (Cyrulnik, 2002) o que, por si só, aumentaria significativamente o risco de desregulação emocional e os níveis de stress parental nestes agregados familiares.

H5: A *Regulação Emocional* é um factor mediador da relação entre os *Estilos Vinculativos do Adulto* e os *Índices de Stress Parental* percebidos

A Regulação Emocional tem uma influência directa em todos os níveis de funcionamento de um indivíduo. Considerado por muitos como um aspecto da personalidade acredita-se que possui bases biológicas e é fortemente influenciada pelo meio ambiente no qual se insere o indivíduo (Goldsmith, Buss & Lemery, 1997), uma vez que, esta capacidade é parcialmente desenvolvida e suportada pelas relações sociais que o indivíduo estabelece (Campos, Campos & Barrett, 1989; Gottman, Katz & Hooven, 1997). Desta forma, acredita-se que possa ter um papel moderador tanto nos Estilos Vinculativos como no *Stress Parental*.

6.3 Instrumentos e medidas de avaliação

6.3.1. Ficha para Técnicos²²

Foi elaborada uma ficha caracterizadora do agregado familiar que se divide em sete tópicos principais: caracterização dos progenitores, identificação do agregado familiar, identificação habitacional, identificação dos problemas de saúde do agregado, serviços que prestam acompanhamento ao agregado, acompanhamento em CPCJ/EMAT e indicadores de disfunção familiar (consultar anexo 2). Esta ficha foi preenchida pelos técnicos de acompanhamento das famílias participantes, uma vez que, alguns dos itens a preencher baseavam-se num parecer técnico. Esta caracterização exaustiva das participantes teve como objectivo final a elaboração de um índice operacional de multiproblematicidade da família.

6.3.2. Escala de Caracterização Familiar para Mães

Esta escala (consultar anexo 3) é composta por duas subescalas de resposta dicotómica (sim ou não). A primeira é referente a *Acontecimentos de Vida Stressantes* ocorridos nos últimos 12 meses, sendo que alguns dos itens foram transcritos da subescala *Acontecimentos de Vida do Índice de Stress Parental* (Abidin, 1976). A segunda é referente à Rede de Suporte Social do Agregado Familiar e foi baseada na “*Escala de Suporte Social do Agregado Familiar*” de Dunst (1998), traduzida e adaptada pelo Centro de Estudos e Apoio à Criança (CEAC/CRSS de Lisboa e Vale do Tejo).

²² Este questionário foi elaborado tendo por base a “*Ficha de Caracterização Individual e Familiar*” disponibilizada aos técnicos de acompanhamento da medida de RSI pelo Instituto da Segurança Social e o “*Perfil de Risco Psicossocial*” do Centro de Estudos da Criança da Universidade do Minho.

6.3.3. Escala de Vinculação para Adultos (EVA)

A Escala de Vinculação do Adulto (Canavarro, 1999) resulta de uma adaptação para a população portuguesa da *Adult Attachment Scale-R* (Collins & Read, 1990). Trata-se de um instrumento de auto-relato (consultar nexos 5), composto por apenas 18 itens, onde é solicitado ao indivíduo que indique o grau em que cada uma das afirmações apresentadas descreve a forma como geralmente se sente face às relações afectivas que estabelece, de acordo com uma escala *likert* de 5 pontos, em que 1 corresponde a “Nada característico em mim”, o 2 a “Pouco Característico em Mim”, o 3 a “Característico em Mim”, o 4 corresponde a “Muito Característico em Mim” e por último o 5 a “Extremamente característico em mim”.

Os autores desenvolveram esta escala com o objectivo de identificar as dimensões associadas aos estilos de vinculação no adulto, baseados nos padrões de vinculação identificados por Ainsworth (1978) para a infância.

Este instrumento avalia três dimensões: “*Ansiedade*” que se refere ao grau de ansiedade sentida pelo indivíduo relacionada com questões interpessoais de receio de abandono ou de não ser bem querido; o “*Conforto com Proximidade*”, relativa ao grau em que o indivíduo se sente confortável com a proximidade e a intimidade; e por último, “*Confiança nos Outros*” que se refere ao grau de confiança que o indivíduo tem nos outros, assim como, na disponibilidade destes quando considerada necessária (Canavarro, Dias & Lima, 2006).

Estas dimensões possuem paralelismo com os padrões vinculativos identificados por Ainsworth em 1978. Assim a dimensão “ansiedade” corresponde ao padrão de vinculação “ansiosa”, a dimensão “conforto com a proximidade” corresponde ao padrão de vinculação “segura” e, por último, a dimensão “confiança nos outros” corresponde ao padrão de vinculação “*evitante*”. Estes dados foram também constatados pelos autores portugueses (Canavarro, Dias & Lima, 2006).

Relativamente à consistência interna, neste estudo verificámos um valor elevado na dimensão *Ansiedade*, $\alpha = .85$, um valor razoável na dimensão *Conforto*, $\alpha = .70$ (com 5 dos 6 itens originais; eliminámos o item 6, que apresenta um $R^2 = .03$), e um valor baixo na dimensão *Confiança*, $\alpha = .51$, valores semelhantes ao da escala original. Não obstante este último valor, calculámos os valores médios de cada dimensão com base nos itens que as compõem.

6.3.4. Escala de Dificuldades na Regulação Emocional (EDRS)

A escala EDRS (consultar anexo 4) resulta de uma adaptação para a população portuguesa (Machado-Vaz & Branco, Greenberg, 2010) da *Difficulties in Emotion Regulation Scale* (Gratz & Roemer, 2004), criada com o objectivo de avaliar as dificuldades de regulação

emocional de forma mais abrangente do que as medidas existentes até ao momento. De uma forma geral esta escala pretende avaliar a flexibilidade do indivíduo na utilização de estratégias de regulação emocional situacionalmente efectivas e adaptadas às situações experienciadas.

A escala é composta por 36 itens organizados em 6 dimensões da regulação emocional²³: (1) não-aceitação das respostas emocionais (eg. “*Quando estou emocionalmente incomodado, fico zangado comigo próprio por me sentir dessa forma*”), (2) dificuldade em se envolver em comportamentos orientados para objectivos (eg. “*Quando estou emocionalmente incomodado, tenho dificuldade em ter o trabalho feito*”), (3) dificuldade em controlar comportamentos impulsivos (eg. “*Eu experiencio as minhas experiências como avassaladoras e fora de controlo*”), (4) falta de consciência emocional (eg. “*Eu presto atenção a como me sinto*”)²⁴, (5) acesso limitados a estratégias de regulação emocional (eg. “*Quando estou emocionalmente incomodado, acredito que não há nada que possa fazer para me fazer sentir melhor*”), (6) falta de clareza emocional (eg. “*Tenho dificuldades em atribuir um significado aos meus sentimentos*”).

Durante a aplicação deste instrumento é solicitado aos participantes que indiquem a frequência com que cada item se aplica a si próprio, as respostas variam entre 1 e 5, em que 1 é “*Quase Nunca (0-10%)*”, 2 é “*Algumas Vezes (11-35%)*”, 3 é “*Cerca de Metade do Tempo (36-65%)*”, 4 é “*A Maioria do Tempo (66-90%)*” e 5 é “*Quase Sempre (91-100%)*”.

Na sua generalidade, a análise à consistência das 6 dimensões da EDRS revelou, como em Gratz & Roemer (2004), valores elevados ou razoáveis. Assim sendo, a dimensão *Não-aceitação das respostas emocionais*, $\alpha = .82$; *Dificuldade em se envolver em comportamentos orientados para objectivos*, $\alpha = .79$; *Dificuldade em controlar comportamentos impulsivos*, $\alpha = .87$; *Falta de consciência emocional*, $\alpha = .70$; *Acesso limitado a estratégias de regulação emocional*, $\alpha = .82$; *Falta de clareza emocional*, $\alpha = .75$. O valor relativo à totalidade dos itens da EDRS é de $\alpha = .93$. Calculámos para cada dimensão o valor médio dos itens respectivos.

²³ As seis dimensões do processo de regulação emocional encontram-se descritas de forma pormenorizada no capítulo três desta dissertação.

²⁴ *Item invertido*

6.3.5. Índice de Stress Parental (PSI)²⁵

O PSI (consultar anexo 6) resulta de uma adaptação para a população portuguesa (Santos, Abidin & Rocha, 2004) do *Parenting Stress Index* (Abidin, 1983). Foi desenvolvido com o objectivo de identificar sistemas pais – criança que estivessem sob stress e em risco de desenvolver um comportamento parental disfuncional ou problemas de comportamento na criança envolvida. Assim sendo, permite avaliar dois domínios principais de fontes de *stress* na relação pais - filhos (características da criança e características da figura parental) e destina-se apenas a pais de crianças com idades compreendidas entre os 5 - 10 anos de idade.

No domínio da criança, esta escala é constituída por sete subescalas: *Distracção/Hiperactividade*, *Reforço aos Pais*, *Humor*, *Aceitação*, *Maleabilidade de Adaptação*, *Exigência e Autonomia*. Este domínio avalia aspectos do temperamento da criança e as percepções que os pais têm do impacto dessas características neles próprios.

Relativamente ao domínio dos pais, esta escala é composta por sete subescalas: *Sentido de Competência*, *Vinculação*, *Restrição do Papel*, *Depressão*, *Relação com o Marido/Mulher*, *Isolamento Social e Saúde*. Este domínio avalia as características pessoais dos pais e as variáveis do contexto familiar que influenciam a competência para responder adequadamente às exigências da parentalidade.

A versão final da adaptação portuguesa deste instrumento inclui 108 itens (54 em cada domínio). Na aplicação do mesmo é solicitado às mães/substitutas maternas que respondam às questões de acordo com cinco possibilidades: CC (concordo completamente), C (concordo), NTC (não tenho a certeza), D (discordo) e DC (discordo completamente). Alguns itens exigiram um tipo de resposta diferente, solicitando uma escolha com base em afirmações específicas propostas, no entanto, esses itens são precedidos por frases que preparou as participantes para um formato de resposta diferente da habitual.

No presente estudo calculámos o valor de consistência interna do conjunto de itens relativos aos dois domínios e respectivas subescalas. No PSI é ainda possível calcular um valor total de *stress parental*, pelo que também calculámos a consistência interna da totalidade dos itens. Na globalidade obtivemos valores de consistência interna sempre superiores aos apresentados por Santos (2004). Isto verifica-se em particular no caso das 14 subescalas dos dois domínios (7 de cada). Santos (2004) apresenta resultados que, na generalidade, se constituem como valores *aceitáveis a razoáveis* (α de Cronbach entre .60 e .80, em 11 das 14 subescalas), valores *baixos* em duas subescalas (com .57 e .59) e um valor *inaceitável* na subescala *Autonomia* que apresenta $\alpha = .28$. Neste presente estudo encontramos

²⁵ O PSI integra uma escala opcional de *Stress de Vida com 24 itens* que faculta informação acerca de situações de vida *stressantes* experienciadas pelos pais, nos últimos doze meses, no entanto, a mesma não foi aplicada, uma vez que, foi desenvolvida uma escala mais completa com este mesmo objectivo.

valores de consistência interna *elevada* em 5 subescalas (valores entre $\alpha = .82$ e $\alpha = .87$; domínio Criança - *Humor e Aceitação*, domínio Pais - *Restrição do Papel, Depressão e Relação Marido/Mulher*); valor *razoável* de consistência interna em 7 subescalas (entre $\alpha = .71$ e $\alpha = .79$; domínio Criança - *Distração/Hiperactividade, Reforço aos Pais, Maleabilidade e Exigência*, domínio Pais - *Sentido de Competência, Vinculação e Isolamento Social*); a subescala *Saúde* (domínio Pais) apresenta $\alpha = .61$; finalmente, a subescala *Autonomia* (domínio criança) apresenta um valor *baixo*, $\alpha = .48$. Foram retidos nas análises subsequentes o total de 95 dos 108 itens da escala original.²⁶ Apesar destes dois últimos valores de consistência interna, calculámos para cada subescala a média dos itens retidos. Procedemos do mesmo modo para o *Domínio Criança*, $\alpha = .94$, para o *Domínio Pais*, $\alpha = .91$, e para PSI Total, $\alpha = .97$, obtendo valores muito semelhantes ao da escala original.

6.4. Procedimento

O período de administração do protocolo²⁷ (consultar anexo 2 a 6) decorreu de Fevereiro a Novembro de 2009, tendo os instrumentos sido administrados pela própria e outra investigadora da *UniPsa*, também licenciada em Psicologia Clínica. A aplicação do protocolo de avaliação implicou a assinatura do consentimento informado pelas mães (consultar anexo 1). Nesse sentido houve a preocupação de realizar uma apresentação cuidada acerca dos objectivos do estudo, modo de aplicação individual, confidencialidade, anonimato e possibilidade de desistência. Tendo em conta a baixa escolaridade das participantes e a exigência do preenchimento das folhas de resposta dos instrumentos aplicadas, as investigadoras optaram por serem elas próprias a preencher as folhas de resposta de acordo com as respostas das participantes. Foram esclarecidas todas as instruções, existindo possibilidade de clarificação de dúvidas ao longo da aplicação. O tempo de execução do protocolo de avaliação rondava os 90 minutos apesar da sua aplicação ser realizada sem tempo limite. A administração dos instrumentos foi efectuada de uma só vez numa aplicação individual e existiu o cuidado de intercalar a ordem de uma das escalas - Escala de Dificuldades de Regulação Emocional – ao longo da aplicação dos protocolos para que os resultados fossem os mais fidedignos.

²⁶ Em várias subescalas foram eliminados itens por apresentarem valores de correlação com os demais e de R^2 muito baixos, diminuindo o valor de α : Distração/Hiperactividade, item 8; Reforço aos Pais, item 14; Humor, item 15; Exigência, item 43; Sentido de Competência, itens 30, 53, 54, 58 e 59; Vinculação, itens 68 e 73; Isolamento Social, item 62; Saúde, item 105.

²⁷ O Protocolo de Avaliação é constituído por 6 instrumentos: Questionário Sócio Demográfico para Técnicos (Nogueira, Sousa & Serra, 2009), Escala de Acontecimento de Vida para Mães (Nogueira, Sousa & Serra, 2009), Escala de Rede de Suporte Social da Família (Dunst, 1998), *Parental Stress Index* (Abidin, 1976 - versão de Vieira dos Santos, 1992), *Difficulties Emotion Regulation Scale* (Gratz & Roemer, 2004 – versão de F. M. Vaz, V. Branco & L. Greenberg, 2010) e *Adult Attachment Scale-R* (Collins & Read, 1990 – versão de M.C. Canavarro, 1999). Importante referir que foram obtidas as devidas autorizações de todos os autores dos instrumentos administrados neste protocolo de investigação.

6.5. Resultados

Nesta secção apresentamos os resultados obtidos com famílias em risco de exclusão social nos índices de *stress* parental, estilos vinculativos e regulação emocional. Resolvemos organizar esta secção de acordo com as hipóteses de investigação enunciadas anteriormente.

6.5.1. Comparação com “dados normativos”: Estilos Vinculativos, Regulação Emocional e Stress Parental

Nesta secção apresentamos os resultados que permitem testar a nossa primeira predição, ou seja, H1. No Quadro 2 apresentamos os valores obtidos pelas participantes através das três dimensões da Escala de Vinculação do Adulto: *Ansiedade*, *Conforto com Proximidade* e *Confiança nos Outros*. Como podemos verificar, os resultados confirmam a nossa predição em todas as dimensões.

Quadro 2. Estilos Vinculativos no Adulto: Comparação dos valores da amostra com os padrões obtidos por Canavarro, Dias & Lima (2006)

	Valores da Amostra <i>M (DP)</i>	Valor de comparação	<i>t</i> (115)
Ansiedade	3.03 (1.10)	2.43	5.85, $p < .001$
Conforto	3.27 (0.83)	3.49	- 2.86, $p = .005$
Confiança	2.83 (0.65)	3.27	- 7.25, $p < .001$

Nota: Valores elevados indicam, respectivamente, maior Ansiedade, maior Conforto e maior Confiança.

Como previsto, as participantes deste estudo apresentam “piores” resultados do que os estabelecidos como “dados normativos”: (1) apresentam *ansiedade mais elevada nas suas relações com os outros* (3.03 vs. 2.43); (2) apresentam *menor conforto com a proximidade e intimidade* (3.27 vs. 3.49); e (3) reportam *menor confiança nos outros e na sua disponibilidade* (2.83 vs. 3.27).

Quadro 3. Dificuldades de Regulação Emocional: Comparação dos valores da amostra com os padrões obtidos por Machado-Vaz, Branco e Greenberg (2010)

	Valores da Amostra <i>M (DP)</i>	Valor de comparação	<i>t</i> (115)
Não-Aceitação	2.56 (0.89)	2.35	2.58, $p = .01$
Objectivos	2.62 (0.90)	2.67	- 0.55, <i>ns</i>
Impulsos	2.41 (0.94)	2.22	2.03, $p = .045$
Consciência	3.04 (0.72)	2.76	4.29, $p < .001$
Estratégias	2.57 (0.76)	2.32	3.66, $p < .001$
Clareza	2.71 (0.85)	2.34	4.77, $p < .001$

Nota: Em todas as dimensões, valores elevados indicam maiores dificuldades de regulação emocional.

Os resultados obtidos na EDRS são também consistentes com aquela predição geral. Neste caso, como reportado no Quadro 3, as participantes apresentam valores mais elevados do que os “normativos” em todas as dimensões, exceptuando a que é designada por *Objectivos*.

Como previsto, apresentam maiores dificuldades de regulação emocional no que se refere tanto à compreensão e identificação dos seus estados emocionais (*Não-Aceitação*, *Consciência* e *Clareza*), como ao nível da capacidade de os modular de forma mais adequada ao contexto/situação (*Impulsos* e *Estratégias*). É curioso o facto de as nossas participantes reportarem a capacidade de conseguirem optar/manter um comportamento orientado para os objectivos que se propõem, mesmo quando se encontram emocionalmente desorganizadas.

Finalmente, verificamos que também no *Stress Parental* se confirma a nossa predição genérica. Como previsto, as participantes apresentam valores mais elevados de *Stress Parental* nas múltiplas dimensões do PSI. De facto, como podemos constatar no Quadro 4, das 14 dimensões apenas na *Vinculação* não se verifica o padrão previsto – neste caso, as participantes apresentam um valor inferior ao obtido por Santos (2003). Esta subescala diz respeito ao investimento e à motivação que o respondente sente relativamente ao seu papel parental. Dadas as características da nossa “amostra” é particularmente interessante que seja exactamente nesta dimensão que as mães do nosso estudo revelem valores mais elevados do que os “normativos”.

Obviamente, este padrão relativo às dimensões reflecte-se nos valores dos Domínios (Domínio Criança e Domínio Pais) correspondentes e valor total do PSI.

Quadro 4. Stress Parental: Comparação dos valores da amostra com os padrões obtidos por Santos (2003)

	Valores da Amostra <i>M (DP)</i>	Valor de comparação	<i>t</i> (115)
Distracção/Hiperactividade	3.25 (0.80)	2.63	8.31, <i>p</i> < .001
Reforço	2.35 (0.87)	1.64	8.73, <i>p</i> < .001
Humor	2.89 (1.19)	2.23	5.98, <i>p</i> < .001
Aceitação	2.89 (0.97)	2.07	9.12, <i>p</i> < .001
Maleabilidade de Adaptação	3.12 (0.64)	2.27	14.45, <i>p</i> < .001
Exigência	3.16 (0.82)	2.21	12.52, <i>p</i> < .001
Autonomia	2.68 (0.61)	2.34	7.25, <i>p</i> < .001
Sentido de Competência	3.09 (0.73)	2.16	13.74, <i>p</i> < .001
Vinculação	2.49 (0.80)	3.56	-14.55, <i>p</i> < .001
Restrição do Papel	3.40 (0.96)	2.46	10.56, <i>p</i> < .001
Depressão	3.18 (0.89)	2.25	11.35, <i>p</i> < .001
Relação Marido/Mulher	3.35 (0.96)	2.28	12.23, <i>p</i> < .001
Isolamento Social	3.24 (0.94)	2.24	11.47, <i>p</i> < .001
Saúde	3.23 (0.67)	2.43	12.86, <i>p</i> < .001

Domínio da Criança	2.91 (0.69)	2.22	10.87, $p < .001$
Domínio Pais	3.14 (0.66)	2.21	15.04, $p < .001$
Total	3.02 (0.64)	2.22	13.56, $p < .001$

Nota: Em todas as medidas, valores elevados indicam maior índice de stress parental.

6.5.2. Estilos Vinculativos, Regulação Emocional e Stress Parental em Função do Grupo de Estudo (GR1, GR2, GR3)

Parte importante do presente trabalho diz respeito à comparação entre os três grupos através das três variáveis centrais às nossas predições: designadamente, Estilos Vinculativos, Regulação Emocional e Stress Parental. Como discutimos anteriormente, as mulheres do GR3, abreviadamente nomeadas como “RSI – Medida Retirada” são aquelas que, à partida deveriam apresentar maiores dificuldades em todas estas dimensões. Partindo deste pressuposto, as nossas predições vão no sentido, genericamente, de serem estas mulheres as que apresentam valores mais “comprometidos” naquelas três variáveis (H2 – H4). Nesta secção, testamos estas predições.

Quadro 5. Estilos Vinculativos, Regulação Emocional e Stress Parental em Função do Grupo de Estudo

	Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3
<i>EVA</i>			
Ansiedade	2.58 (0.83) ^b	3.80 (0.88) ^a	2.67 (1.16) ^b
Conforto	3.71 (0.57) ^a	2.91 (0.92) ^b	3.18 (0.78) ^b
Confiança	2.99 (0.55)	2.80 (0.65)	2.72 (0.72)
<i>EDRS</i>			
Não-Aceitação	2.25 (1.00) ^b	2.84 (0.56) ^a	2.61 (0.96) ^{ab}
Objectivos	2.44 (1.14) ^b	3.01 (0.55) ^a	2.41 (0.79) ^b
Impulsos	2.07 (1.05) ^b	3.00 (0.60) ^a	2.13 (0.84) ^b
Consciência	2.80 (0.82) ^b	3.46 (0.30) ^a	2.87 (0.75) ^b
Estratégias	2.54 (0.88) ^b	2.96 (0.43) ^a	2.19 (0.70) ^b
Clareza	2.55 (1.00) ^b	3.23 (0.40) ^a	2.34 (0.77) ^b
<i>PSI</i>			
Domínio da Criança	2.92 (0.84)	3.19 (0.69)	2.58 (0.28)
Domínio Pais	3.10 (0.73)	3.50 (0.63)	2.79 (0.38)
Total	3.01 (0.76) ^b	3.35 (0.59) ^a	2.68 (0.30) ^c

Nota: Caracteres supra-escritos diferentes indicam diferenças significativas a $p < .05$, entre os três Grupos de Estudo.

Estilos Vinculativos. A ANOVA de medidas repetidas sobre as três dimensões da Eva (*Ansiedade, Conforto e Confiança*), entrando Grupo de estudo como factor inter-sujeitos revelou os seguintes efeitos: Dimensão EVA, $F(2, 226) = 7.06, p = .001, \eta^2 = .06$; Grupo de Estudo, $F(2, 113) = 8.25, p < .001, \eta^2 = .13$; Dimensão EVA x Grupo de Estudo, $F(4, 226) = 14.48, p < .001, \eta^2 = .20$. O efeito principal de Dimensão EVA, mostra que apenas as médias de *Conforto* ($M = 3.27, DP = 0.83$) e *Confiança*, ($M = 2.83, DP = 0.65$) diferem significativamente ($t_{115} = 5.88, p < .001$; maior diferença restante, $t_{115} = 1.52, ns$). Ou seja, independentemente do grupo, estas mulheres têm mais problemas no *Conforto* do que na *Confiança*. Mais importante para as nossas predições, verificamos que a interacção é significativa. A interacção mostra que os três grupos de mulheres não diferem relativamente à dimensão *Confiança*, $F(2, 113) = 1.68, ns$. Pelo contrário, verifica-se que tanto na *Ansiedade* como no *Conforto* se verificam diferenças significativas (respectivamente, $F_{2, 113} = 19.94, p < .001$; $F_{2, 113} = 11.21, p < .001$). Como podemos verificar no Quadro 5, contrariamente ao que prevíamos (H4) é o GR2 “RSI – Medida Supervisão na Comunidade) aquele que apresenta maior *Ansiedade*, não diferindo entre si as mulheres dos Grupos 1 e 3. Relativamente ao *Conforto*, o GR3 não difere do GR2, sendo as mulheres do GR1 “RSI” as que apresentam maior *Conforto* com a proximidade relacional. Retomando os valores padrão obtidos por Canavarro e colaboradores (2006) merece realce o facto de apenas as mulheres do GR 2 mostrarem níveis de *Ansiedade* superiores ao “valor padrão” (3.80 vs. 2.43, $t_{39} = 9.89, p < .001$; maior t restante, $t_{35} = 1.28, ns$). No que concerne ao *Conforto*, o que de facto se verifica é que as mulheres do GR1 reportam valores superiores ao valor padrão (3.71 vs. 3.49, $t_{39} = 2.444, p = .02$). Pelo contrário, tanto as mulheres do GR3 ($t_{35} = -2.40, p = .02$) como as do GP2 reportam valores abaixo do padrão. Contudo são estas últimas, justamente as que apresentam maior *Ansiedade*, as que mais diferem daquele padrão ($t_{39} = -4.01, p < .001$). Em suma, estes resultados não são consistentes com a nossa predição.

Regulação Emocional. A ANOVA de medidas repetidas sobre as 6 dimensões da EDRS revelou os seguintes efeitos: Dimensão EDRS, $F(5, 565) = 15.10, p < .001, \eta^2 = .12$; Grupo de Estudo, $F(2, 113) = 17.53, p < .001, \eta^2 = .24$; Dimensão EDRS x Grupo de Estudo, $F(10, 565) = 2.67, p = .001, \eta^2 = .05$. Uma vez mais esta interacção qualifica os dois efeitos principais. Como podemos constatar no Quadro 5, esta interacção mostra um padrão de diferenças entre grupos no qual o GR2 apresenta maiores dificuldades de *Regulação Emocional* do que os restantes que, por sua vez, não diferem entre si. A única excepção é na dimensão *Não-Aceitação*, na qual os Grupos 2 e 3 não diferem entre si. Uma vez mais a nossa

predição não se confirma - consistente com os resultados na EVA, é o GR 2, e não o GR 3, aquele que apresenta maiores Dificuldades de *Regulação Emocional*.

Stress Parental. Finalmente, efectuámos uma ANOVA de medidas repetidas sobre os dois Domínios do PSI que revelou apenas o efeito deste factor intra-sujeitos, $F(1, 113) = 33.15, p < .001, \eta^2 = .23$, e o efeito de Grupo de Estudo, $F(2, 113) = 11.90, p < .001, \eta^2 = .17$ (efeito restante, $F(2, 113) = 1.03, ns$). O efeito principal de Domínio do PSI mostra que para todas as mulheres apresentam maior *Stress Parental* no *Domínio Pais*, $M = 3.14, DP = 0.67$, do que no *Domínio Criança*, $M = 2.91, DP = 0.69$. Por seu turno, o efeito de Grupo de Estudo indica que, na globalidade, as mulheres do GR2 apresentam um índice de *Stress Parental* mais elevado do que as dos restantes grupos e, inclusive, nas mulheres do GR1 o valor encontrado é também mais elevado do que nas do GR3. De facto, estes valores, por definição, correspondem aos de PSI Total que também apresentamos no Quadro 5. Uma vez mais, os resultados não sustentam a nossa predição, sendo que em termos globais, são as mulheres do GR 2 aquelas que apresentam maior *Stress Parental*.

Quadro 6. *Stress Parental* em Função do Grupo de Estudo, através das Dimensões dos Domínios Criança e Pais.

	Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3
<i>PSI – Domínio Criança</i>			
Distração/Hiperactividade	3.22 (0.92) ^{ab}	3.55 (0.70) ^a	2.93 (0.62) ^b
Reforço	2.50 (0.94) ^a	2.61 (0.97) ^a	1.90 (0.42) ^b
Humor	2.93 (1.19) ^a	3.28 (1.42) ^a	2.42 (0.67) ^b
Aceitação	3.08 (1.01) ^a	3.20 (1.07) ^a	2.35 (0.50) ^b
Maleabilidade de Adaptação	3.09 (0.80) ^{ab}	3.35 (0.63) ^a	2.91 (0.27) ^b
Exigência	3.06 (0.94)	3.40 (0.91)	3.00 (0.42)
Autonomia	2.54 (0.61) ^b	2.94 (0.53) ^a	2.56 (0.62) ^b
<i>PSI – Domínio Pais</i>			
Sentido de Competência	3.11 (0.85) ^{ab}	3.33 (0.71) ^a	2.81 (0.49) ^b
Vinculação	2.56 (0.97) ^a	2.72 (0.79) ^a	2.14 (0.40) ^b
Restrição do Papel	3.19 (0.94) ^b	4.04 (0.89) ^a	2.91 (0.61) ^b
Depressão	3.29 (0.87) ^a	3.52 (1.00) ^a	2.69 (0.48) ^b
Relação Marido/Mulher	2.98 (0.77) ^b	3.98 (0.98) ^a	3.08 (0.73) ^b
Isolamento Social	3.26 (0.87) ^{ab}	3.57 (1.05) ^a	2.87 (0.77) ^b
Saúde	3.30 (0.67)	3.36 (0.74)	3.02 (0.56)

Nota: Caracteres supra-escritos diferentes indicam diferenças significativas a $p < .05$, entre os três Grupos de Estudo

Adicionalmente, analisámos também as diferenças entre os três grupos de estudo nas dimensões do *Stress Parental* relativas ao Domínio Criança e Domínio Pais. Para tal efectuámos uma MANOVA para com cada um dos grupos de sete dimensões, entrando Grupo de Estudo como factor inter-sujeitos. Estas duas análises revelaram efeito significativo de Grupo de Estudo, tanto através das sete dimensões do *Domínio Criança*, $F(14, 216) = 2.83$, $p = .001$, $\eta^2 = .16$, como das do *Domínio Pais*, $F(14, 216) = 5.06$, $p < .001$, $\eta^2 = .25$. De facto, analisando os efeitos univariados, no Domínio Criança apenas na dimensão *Exigência* não se verifica efeito significativo do Grupo de Estudo, $F(2, 113) = 2.72$, $p = .07$ (menor efeito restante, $F(2, 113) = 5.40$, $p = .006$, $\eta^2 = .09$). Como podemos verificar no padrão das diferenças assinaladas no Quadro 6, é o GR2 o que apresenta maior stress através das dimensões do Domínio Criança e o GR3 o que surge com os valores mais baixos de stress – comprovando, naturalmente, os resultados anteriormente referenciado.

Nas dimensões do Domínio Pais é apenas na dimensão *Saúde*, $F(2, 113) = 2.80$, $p = .07$, que não se verificam diferenças significativas entre os três grupos (menor efeito restante, $F(2, 113) = 5.10$, $p = .008$, $\eta^2 = .08$). O padrão das diferenças é similar ao descrito para as dimensões do Domínio Criança.

6.5.3. Regulação Emocional enquanto Mediador da Relação entre Estilos Vinculativos e Stress Parental

A nossa última predição diz respeito à análise da Regulação Emocional enquanto processo mediador do efeito preditivo dos Estilos Vinculativos sobre o Stress Parental (H5). Antes de apresentarmos as análises de mediação que testam esta hipótese, consideramos relevante reportar as correlações verificadas entre estes três conjuntos de medidas.

Correlações entre as medidas de Regulação Emocional, Estilos Vinculativos e Stress Parental. Para esta análise empregámos as três dimensões dos *Estilos Vinculativos* (EVA), a medida Total de *Dificuldade de Regulação Emocional* (EDRS)²⁸ e as medidas relativas aos dois domínios do *Stress Parental* (PSI). Como podemos verificar no Quadro 7, apenas o estilo vinculativo *Confiança* e o *Stress Parental* no Domínio Criança não estão correlacionados ($r = -.02$, *ns*). De facto, analisando o padrão de correlações, verificamos que a *Confiança* é a medida que, em média, apresenta correlações mais fracas com as restantes ($r_{\text{médio}} = .26$).

Como podemos verificar, os Estilos Vinculativos apresentam o padrão expectável de relação entre elas: a *Ansiedade* correlaciona-se negativamente com as restantes, que se

²⁸ Apesar de Machado-Vaz e colegas (2010) não terem reportado um valor total para o EDRS consideramos que teoricamente tal faz sentido. Além disso, Coutinho e seus colaboradores (2009) calcularam este valor nos seus trabalhos de adaptação da escala para a População Portuguesa.

correlacionam positivamente entre si, exactamente como reportado por Canavarro e colegas (2006)²⁹. O mesmo se verifica entre as medidas de *Stress Parental*, que estão correlacionadas positivamente. Mais importante para o propósito do presente trabalho é o padrão que se verifica entre as medidas dos Estilos Vinculativos e as restantes. Como podemos verificar: (1) quanto mais marcada é a *Ansiedade* enquanto estilo vinculativo, maiores são as *Dificuldades de Regulação Emocional*, bem como o *Stress Parental* em ambos os domínios. Como expectável, encontramos o padrão inverso relativamente ao estilo vinculativo *Conforto*: (2) quanto mais este está presente, menores são as *Dificuldades de Regulação Emocional* e o *Stress Parental*. Também na *Confiança* (3) encontramos este padrão de correlações negativas (excepção feita à correlação mencionada acima com o stress no Domínio Criança).

Quadro 7. Correlações entre as medidas de *Regulação Emocional*, *Estilos Vinculativos* e *Stress Parental*.

(N =116)	EVA	EVA	EVA	EDRS	PSI
<i>r</i> de Pearson	<i>Ansiedade</i>	<i>Conforto</i>	<i>Confiança</i>	Total	Dom. Criança
EVA Conforto	-.54***				
EVA Confiança	-.43***	.45***			
EDRS Total	.60***	-.31***	-.23**		
PSI Dom. Criança	.41***	-.32***	-.02	.51***	
PSI Dom. pais	.51***	-.46***	-.18*	.56***	.80***

Nota: * $p < .05$, ** $p < .01$, *** $p < .001$

Regulação emocional enquanto processo mediador. Nesta secção final de resultados testamos a nossa predição geral de que o efeito preditivo dos Estilos Vinculativos sobre os Índices de *Stress Parental* é mediado pela *Regulação Emocional* ou, concretamente, pelas dificuldades neste âmbito (H5). Esta nossa predição é, de facto, uma predição “múltipla”: refere-se à relação entre as três variáveis em análise, mas estas são operacionalizadas em múltiplas medidas, às quais se aplica a nossa predição geral.

Podemos definir uma variável enquanto mediadora da relação entre duas outras quando estão presente os seguintes quatro requisitos (Kenny, Kashy & Bolger, 1998): (1) a variável

²⁹ Com efeito, os autores sugerem uma inversão da escala *Confiança* no seu todo para corresponder a esta lógica.

preditora tem de estar correlacionada com a variável definida no modelo como dependente ou “produto” (no presente caso, *Estilos Vinculativos* e *Stress Parental*, respectivamente); (2) o preditor tem de estar correlacionado com a variável que é definida no modelo como “mediador” (neste caso, as *Dificuldade de Regulação Emocional*); (3) o mediador tem de ter um efeito significativo sobre a variável dependente (este requisito é testado, através de uma análise de regressão múltipla, analisando o efeito de Dificuldades de Regulação Emocional sobre o *Stress Parental*, controlando o efeito de *Estilos Vinculativos*); (4) finalmente, o efeito do preditor sobre a variável dependente deve decrescer quando controlado o efeito do mediador (requisito 3).

Para testar o nosso último conjunto de predições (H5), por razões de clareza das análises, quando a variável em questão o permite utilizámos a medida global da mesma. Este é o caso das medidas de *Dificuldades de Regulação Emocional (EDRS Total)* e de *Stress Parental (PSI Total)*, mas não das três dimensões dos *Estilos Vinculativos* (EVA: *Ansiedade*, *Conforto* e *Confiança*). Assim sendo, a nossa predição corresponde a três análises de mediação diferente, diferindo entre elas apenas o preditor. Como é patente através do padrão de correlações da *Confiança* com os dois domínios da PSI apresentado no Quadro 7, a nossa predição não se verifica no modelo que envolve a *Confiança*. Desde logo, o primeiro requisito não se verifica: a *Confiança* não prediz significativamente o *Stress Parental* ($\beta = -.11$, *ns*). Contudo, a nossa predição confirma-se tanto no caso da *Ansiedade* como do *Conforto*. Passemos à descrição destas análises: (1) tanto a *Ansiedade*, $\beta = .50$, como o *Conforto*, $\beta = -.41$, são preditores significativo do *Stress Parental*.³⁰ Como ilustramos na Figura 1, e como predito, quanto mais é característica a *Ansiedade* enquanto estilo vincutivo, mais elevado é o *Stress Parental*. De modo consistente, mas conversamente, este é tanto menor quanto mais é característico das mulheres do nosso estudo o estilo vincutivo *Conforto*. Também em ambos os casos se confirma o segundo requisito da mediação: (2) tanto a *Ansiedade*, $\beta = .50$, como o *Conforto*, $\beta = -.31$, são também preditores significativos de *Dificuldades de Regulação Emocional*.³¹ Como esperado, a *Ansiedade* prediz maiores dificuldades de *Regulação Emocional*, enquanto o inverso acontece com o *Conforto*. Finalmente, verificamos que ao entrar a *Regulação Emocional* na equação, a regressão múltipla é também significativa nos dois modelos (com *Ansiedade* como preditor: $R = .60$, $R^2_{ajust} = .36$; $F(2, 113) = 31.82$, $p < .001$; com *Conforto* como preditor: $R = .62$, $R^2_{ajust} = .37$; $F(2, 113) = 34.67$, $p < .001$). Como esperado e como ilustrado na Figura 1, em ambos os modelos (3) as Dificuldades de

³⁰ Regressão de *PSI Stress Parental* em EVA *Ansiedade*: $\beta = .50$; $R^2_{ajust} = .25$; $F(1, 114) = 38.86$, $p < .001$. Regressão de *PSI Stress Parental* em EVA *Conforto*: $\beta = -.41$; $R^2_{ajust} = .16$; $F(1, 114) = 23.11$, $p < .001$.

³¹ Regressão de *EDRS Total* em EVA *Ansiedade*: $\beta = .60$; $R^2_{ajust} = .36$; $F(1, 114) = 35.48$, $p < .001$. Regressão de *EDRS Total* em EVA *Conforto*: $\beta = -.31$; $R^2_{ajust} = .09$; $F(1, 114) = 11.89$, $p = .001$.

Regulação Emocional têm um efeito directo no *Stress Parental*, respectivamente, $\beta = .41$ e $\beta = .48$.

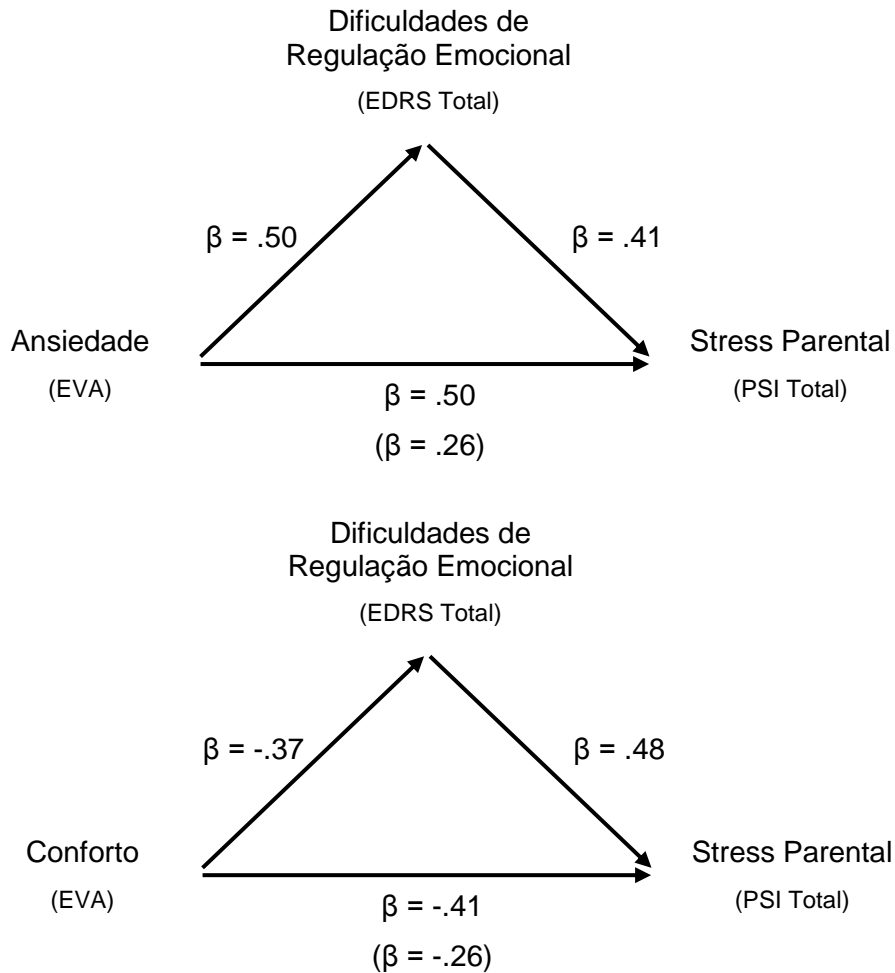


Figura 1. Teste ao modelo das *Dificuldades de Regulação Emocional* enquanto processo psicológico mediador entre os *Estilos Vinculativos* e o *Stress Parental*.

Mais importante, como ilustramos no diagrama que representa o efeito de mediação na Figura 1, em consonância com a nossa previsão, (4) o efeito de *Ansiiedade* sobre o *Stress Parental* decresce de $\beta = .50$ para $\beta = .26$ ($p = .007$), e o efeito de *Conforto* sobre esta última decresce de $\beta = -.41$ para $\beta = -.26$ ($p = .001$). Ou seja, estes resultados demonstram que, como predito, quanto mais a *Ansiiedade* está presente como estilo vinculativo nestas mulheres, maior é o *Stress Parental* que elas apresentam, contudo não se trata de um “efeito directo”, as *Dificuldades de Regulação Emocional* são o processo mediador na manifestação do *Stress Parental*. Verificamos o mesmo processo psicológico relativamente ao *Conforto* enquanto estilo vinculativo, contudo, este tem o efeito inverso nas dificuldades de *Regulação*

Emocional. Em termos práticos, devemos inverter a interpretação do processo mediador neste modelo. Ou seja, quanto mais o *Conforto* está presente enquanto estilo vincutivo, menores são as dificuldades de *Regulação Emocional* e, conseqüentemente, menor será o *Stress Parental*.

Para finalizar, merece destaque o facto de estes resultados indicarem que as dificuldades de *Regulação Emocional* enquanto processo mediador explicarem 48% [1 - (.26/.50)] do efeito da *Ansiedade* no *Stress Parental*, e 36.59% [1 - (-.26/-.41)] do efeito do *Conforto*. O teste de Sobel confirma que o decréscimo do efeito de Estilos Vinculativos sobre *Stress Parental* devido às *Dificuldades de Regulação Emocional* enquanto factor mediador é significativo, tanto no modelo que entra o preditor *Ansiedade*, $z = 3.85$, $p < .001$, como quando o preditor é o *Conforto*, $z = 3.05$, $p = .001$.³²

Capítulo VII

Discussão e Análise dos Resultados

Após a apresentação de resultados, o presente capítulo termina com uma análise dos resultados obtidos no estudo empírico. As questões em estudo serão debatidas tendo em conta a literatura existente acerca da teoria da vinculação, regulação emocional e stress parental.

Quando comparamos os resultados obtidos pelas participantes com os “dados normativos” das medidas em estudo verifica-se, na sua globalidade, a prevalência de padrões vinculativos inseguros (caracterizados por níveis mais elevados de ansiedade e baixos níveis de confiança e conforto em relações de proximidade), maior dificuldade de regulação emocional (exceptuando a dimensão comportamentos orientados para objectivos) e níveis mais elevados de stress parental (excepto para a dimensão *Vinculação*). Relativamente à subescala *Vinculação* (PSI - Domínio Pais), é importante notar que a mesma foi desenvolvida com o intuito de avaliar o investimento intrínseco e a motivação da figura materna no desempenho do seu papel. Esta foi a única subescala na qual as participantes revelaram resultados inferiores comparativamente com a amostra normativa. De acordo com Santos e colaboradores (2003), o facto de estas mães apresentarem dificuldades no desempenho do seu papel parental não invalida que aparentemente se encontrem emocionalmente ligadas à criança e nutram sentimentos positivos pela mesma. Parece-nos, no entanto, que a nossa amostra poderá ter, de certa forma, “forçado” este resultado, no sentido de proteger a sua própria imagem. Relativamente aos resultados evidenciados pelas participantes na EDRS –

³² Utilizámos a seguinte variante do teste de Sobel: $z = a*b / \text{SQRT}(b^2*S_a^2 + a^2*S_b^2 - S_a^2*S_b^2)$; a = coeficiente beta do Mediador predito apenas pela VI, b = coeficiente beta da VD predita pelo Mediador com a VI no modelo, S_a = erro padrão de a , S_b = erro padrão de b .

dimensão comportamentos orientados para objectivos – os mesmos aproximam-se bastante dos valores normativos o que poderá significar que estas mães quando experienciam emoções negativas não apresentam dificuldades em direccionar os seus comportamentos para objectivos anteriormente estabelecidos. Apesar de não termos encontrado nada na literatura que nos permita perceber o porquê deste resultado, pensamos que a experiência de inúmeros acontecimentos de vida stressantes poderá conter em si mesma um efeito adaptativo que, permita a estas mães manterem-se centradas nos seus objectivos iniciais apesar das situação emocionalmente negativas com que de deparam frequentemente.

Quando as famílias possuem poucos recursos e são privadas de bens essenciais para a sua sobrevivência, os níveis de stress podem atingir valores elevados (Santrock, 1999). Perante stressores comuns podem ser utilizadas estratégias conhecidas e familiares do indivíduo, porém, o mesmo não acontece quando estamos perante stressores severos que exigem estratégias mais complexas, nem sempre disponíveis ao indivíduo que tem de os enfrentar. Situações como a morte de um familiar, escassez de recursos, divórcio, separação de um cuidador, co-habitação com elemento de família alcoólico, ou “perseguição” constante de credores, são exemplos de stressores severos quer para crianças, quer para adultos. (Franklin, 2005). Ora, analisando a distribuição dos acontecimentos de vida³³ constata-se que há situações muito específicas que são sinalizadas por mais de 50% das participantes, designadamente aspectos relacionados com aumento da precariedade económica (52.6%), desemprego (82.8%), conflito no casal (92.2%) e existência de dívidas (52.6%). Quando questionados sobre estes mesmos aspectos (Ponto 7 da Ficha Sócio-Demográfica), os técnicos relatam um cenário ainda mais caótico e desorganizado. Por exemplo, 70.7% das famílias são sinalizadas como tendo uma situação económica precária, em 50% dos agregados considera-se que existe “desorganização na gestão económica”, em 47.7% há indicadores de “desorganização habitacional”. Com efeito uma parte substancial destas famílias parece enquadrar-se na conceptualização de famílias multiproblemáticas segundo Gómez e colegas (2007), concretamente nos eixos da polisintomatologia e crises recorrentes e desorganização.

Este tipo de stressores pode originar reacções de stress com o objectivo primário de conservação de recursos (Hobfoll, 1998). Nestas situações de intenso stress, as mães, principalmente as que possuem estilos vinculativos inseguros, tendem a abandonar o seu papel parental de forma a proteger o seu próprio equilíbrio emocional (Franklin, 2005;

³³ Recordamos que foi solicitado às participantes o preenchimento da escala de Acontecimentos de Vida *Stressantes* ocorridos nos últimos 12 meses e a escala Rede de Suporte Social do Agregado Familiar. Por uma questão de gestão de espaço optamos por não apresentar estes dados na secção dos resultados e salientar os mais relevantes nesta secção.

Minuchin, 1967). Sob estas condições, a adaptação mútua mãe-criança, da qual depende o desenvolvimento da relação vinculativa, pode ser impedida tanto pela falta de competência materna na interacção com a criança como pela falta de competência da mãe para lidar com os acontecimentos de vida stressantes, para procurar o suporte social necessário ou para gerir muitos outros aspectos da sua vida (Booth, Speiker & Barnard, 1992). Uma consequência desses factores interferentes poderá ser a adopção de comportamentos inconsistentes ou insensíveis, o que levará ao estabelecimento de relações vinculativas inseguras (Booth et al., 1992). A uma mãe que já se encontra stressada é, quase impossível, conseguir tempo e energia suficiente para auxiliar a criança no desenvolvimento de padrões comportamentais organizados, na regulação das suas emoções e a tornar-se adequadamente responsiva. Por outro lado, as mães que se sentem confortáveis nas suas relações de intimidade, possuem redes de suporte adequadas, contando por isso com a oportunidade de expressarem as suas emoções, experienciando níveis inferiores de *Stress Parental* (Waters, Vaughn & Egeland, 1980).

Um largo corpo da literatura identificou as circunstâncias de pobreza e de stress crónico, como impeditivas da adopção de padrões vinculativos seguros (Ainsworth et. al., 1978; Lyons-Ruth et al., 1986; Pederson & Moran, 1995). Obstáculos de cariz emocional e/ou ambiental assim como redes frágeis de suporte social podem afectar a capacidade de resposta efectiva e sensitiva aos sinais e necessidades do outro. Easterbrooks (1999) não tem dúvidas acerca do impacto devastador que a situação de pobreza possui no processo vinculativo. As mães que possuem escassos recursos económicos expressam menos “calor”, afectividade e responsividade, assim como, menos consistência nos cuidados prestados à criança quando comparadas com mães em vantagem económica, o que se encontra de acordo com os resultados obtidos e corrobora a nossa primeira hipótese (H1).

Ao comparamos os resultados dos três grupos para as três variáveis centrais em estudo (EV, RE e SP) observamos que as nossas predições H2, H3 e H4, não se verificaram, uma vez que, as mulheres do Grupo 3, “RSI – Medida Retirada” não foram as que demonstraram maiores dificuldades de regulação emocional, índices mais elevados de stress parental e padrões de vinculação relacional “mais ansiosos” e “menos confortáveis e confiantes”. De facto, dos três grupos de estudo é o Grupo 2 “RSI – Medida Supervisão”, que apresenta maiores dificuldades de RE em todas as dimensões; índices mais elevados de *Stress Parental* e um padrão vinculativo inseguro evitante (caracterizados por elevados *scores* na dimensão “*Ansiedade*”). Convém ainda salientar que através da análise comparativa efectuada aos três grupos, as mães do Grupo 1 “RSI” destacam-se por apresentarem estilos vinculativos mais seguros (*score* mais elevado na dimensão “Conforto com a Proximidade”).

Sempre foi nossa expectativa que a medida de retirada (acolhimento institucional) se devesse ao facto de as mães do Grupo 3 apresentarem menos competências parentais e mais dificuldades pessoais quando comparadas com mães com medida de apoio na comunidade - isto é, em acompanhamento por CPCJ/EMAT. Tentamos então avaliar em que medida os agregados do Grupo 2 e do Grupo 3 diferiam relativamente à sinalização de acontecimentos de vida de natureza negativa durante os últimos 12 meses, à avaliação da sua rede de suporte social (formal e/ou informal) e relativamente à avaliação técnica sobre condições económicas e organização familiar. A ANOVA sobre os 12 *Acontecimentos Negativos de Vida* da escala apresentada às participantes permitiu concluir que existem diferenças significativas na quantidade de eventos assinalados como presentes na vida das participantes $F(2, 113) = 10.32, p = .000$. Contudo apesar do número médio de acontecimentos do Grupo 2 ser superior ao Grupo 3 ($M = 5.45, DP = 2.18$ vs. $M = 4.80, DP = 1.99$), a diferença encontrada reporta-se ao Grupo 1 ($M = 3.50, DP = 1.65$). Encontrámos exactamente o mesmo padrão de dados quando realizamos a ANOVA entrando com o factor *Avaliação Técnica*: uma vez mais as diferenças encontradas, $F(2, 113) = 51.57, p = .000$, dizem apenas respeito ao Grupo 1 ($M = 1.55, DP = 0.85$) vs. Grupo 2 ($M = 5.55, DP = 2.16$) e Grupo 3 ($M = 5.08, DP = 2.42$). Apenas na avaliação do *Suporte Social* o Grupo 2 se destaca $F(2, 112) = 6.48, p > .001$ por reportar um nível significativamente inferior de suporte³⁴ ($M = 1.89, DP = 0.60$) comparativamente com os outros dois grupos (Grupo 1 - $M = 2.37, DP = 0.65$; Grupo 3 - $M = 2.20, DP = 0.51$) que não diferem entre si.

Posto isto fica em aberto a seguinte questão: não existindo diferenças significativas entre Grupo 2 e Grupo 3 relativamente a acontecimentos de vida negativos e a indicadores técnicos de disfunção familiar, porque é que as retiradas acontecem em agregados de mães que apresentam melhores resultados em termos de estilo vincutivo, regulação emocional e stress parental (apesar de inferiores aos valores de referência para a população portuguesa)? Ou, perguntando de outra forma, o que fundamenta a difícil decisão de retirar uma criança do seu contexto familiar? Naturalmente, a resposta a esta questão passaria por uma análise profunda e pela ponderação de outros factores, como os motivos de intervenção³⁵ das EMAT e da CPCJ, a avaliação das figuras paternas, entre outros.

Para além disso, quando analisamos as respostas fornecidas apenas pelas mães do Grupo 3 verificamos a existência de um padrão de incoerência nas suas respostas. Aparentemente estas mães responderam ao que consideravam ser a resposta mais correcta ou adequada. Para o efeito, contribuiu o facto das entrevistas terem sido realizadas em contexto

³⁴ Escala varia entre 1 e 5.

³⁵ Na sua globalidade a tipologia de risco predominante no Grupo 2 e Grupo 3 é a negligência e/ou negligência associada a outros tipos de maus-tratos.

institucional, no qual se encontravam acolhidos os seus filhos, o que poderá ter levado estas mães a tentar ocultar/manipular alguns dados (facto confirmado por alguns técnicos das instituições).

A literatura consultada (eg. Martini, Root & Jenkins, 2004) evidencia as associações existentes entre ambientes familiares caóticos (grupos 2 e 3) e níveis elevados de stress parental, quer pela desorganização familiar quer pela escassez de recursos económicos. Estes factores possuem um grande impacto, quer no desempenho das funções parentais como no estabelecimento de relações vinculativas, tanto com crianças como com outros adultos. A exposição contínua, a factores de stress moderados ou severos (falta de organização do sistema familiar, falta de recursos económicos, falta de suporte social) aumenta o cansaço e a tensão psicológica do indivíduo, assim como, a tendência para responder de forma negativa a outros elementos do agregado e a dificuldades de Regulação Emocional (Evans et al. 1999). Acresce-se ainda o facto de que estas mães quando se deparam com o caos familiar que, habitualmente, se encontra muito além das suas capacidades de controlo, tenderem a desmotivarem do processo dinâmico de educarem as suas crianças e promoverem actividades de adaptabilidade social e de Regulação Emocional (Cohen, Evans, Krantz, & Stokols, 1980).

Relativamente à nossa predição de que a Regulação Emocional poderia funcionar como factor mediador na relação entre Estilo Vinculativo e índices de Stress Parental, os resultados encontrados confirmaram a nossa hipótese (H5).

As relações vinculativas no adulto não se revelam numa simples análise de comportamentos, como acontece com a criança (ex. procura física de afecto, comportamento de exploração, entre outros) mas através da análise da forma como o adulto experiência e expressa as suas emoções, ou seja, através da sua capacidade de regulação emocional. Halpern (1998) encontrou fortes evidências da relação entre estilos vinculativos e experiência emocional. Num dos seus inúmeros estudos, encontrou evidências de que indivíduos com predominância de estilo vinculativo inseguro/evitante estariam associados a traços de raiva, enquanto, os participantes com estilo de vinculação inseguro/ambivalente estariam associados a traços de ansiedade. Relativamente ao grupo de indivíduos com estilo vinculativo seguro foi encontrada uma relação inversa com o traço depressão; foram confirmadas as hipóteses do estudo que apontavam para que indivíduos com vinculação insegura apresentariam forte tendência para observar emoções negativas nas fotografias apresentadas e de que indivíduos com estilos vinculativos seguros tendencialmente observariam emoções positivas nas mesmas fotos. De forma interessante, o autor concluiu que indivíduos com estilo evitante observavam com maior frequência as emoções raiva, desprezo e nojo nas fotografias quando comparados com grupo de indivíduos com estilos seguros. Essas emoções representariam a tríade de

hostilidade referenciada pela teoria das emoções (David-Vilker, 1999). Estes resultados são congruentes com a restante literatura que refere inúmeras evidências de que indivíduos inseguros apresentam uma vigilância perceptual para identificar nos outros emoções da tríade hostil (raiva, desprezo e nojo) enquanto tentam esconder ou mascarar os seus próprios sentimentos hostis face à resposta ou indisponibilidade da figura vinculativa (Adickman, 1993).

A pesquisa de Slade & Aber (1987) demonstrou que mães ansiosas apresentam maior dificuldade em falar acerca das emoções associadas ao exercício da sua parentalidade, quando comparadas com mães seguras, assim como, na regulação de emoções positivas e negativas. Desta forma, dificuldade em expressar e partilhar emoções e sentimentos poderá representar uma rede de suporte mais frágil e por conseguinte, índices mais elevados de *Stress Parental* (Evans, 2004).

Em adição, encontraram-se evidências de que os adultos que expressam maior número de emoções positivas desenvolvem relações parentais positivas que promovem interações adaptativas e uma regulação comportamental adequada (Cummings & Davies, 1996). Por outro lado, quando estas mães apresentam um modelo de desregulação emocional, com predominância de emoções da tríade hostil (nojo, raiva e rejeição) promovem relações vinculativas desestruturantes que minam a adopção de estratégias eficazes de regulação emocional por parte dos restantes elementos do agregado familiar (Kochanska & Murray, 2000). Contrariamente, a capacidade de regular emoções negativas de forma eficaz foi associada a estilos vinculativos seguros e ao conforto com a proximidade relacional em situações de stress (Dayton, 2009). De facto, existem diversas circunstâncias familiares que, como vimos anteriormente, representam fontes substanciais de stress para a parentalidade e diminuem a capacidade de adoptar comportamentos consistentes e sensitivos. Nestas situações, adultos com estilos vinculativos inseguros percebem mais dificuldades e uma maior desorganização, o que exacerba o stress percebido. Porém, a Regulação Emocional possui um papel relevante na mediação destes factores, principalmente, ao nível do factor *stress*, que é o activador principal do sistema comportamental vinculativo (Franklin, 2005).

Importante ainda referenciar que, de acordo com a literatura consultada (eg. Lewis, in Gross, 2008) as mães provenientes de populações de risco percebem maior número de emoções negativas, como a rejeição. A dificuldade de expressar e regular este tipo de emoções acarreta desconforto e pouca confiança na proximidade relacional, assim como índices mais elevados de *Stress Parental*, o que afecta de forma negativa a sua parentalidade e as relações vinculativas construídas com as suas crianças, perpetuando desta forma, o ciclo de desorganização e caos familiar característico destas famílias.

Capítulo VIII

Conclusão

O presente estudo revelou-se bastante gratificante por ter evidenciado de forma clara, o papel moderador que a Regulação Emocional possui na relação existente entre Estilos Vinculativos e Stress Parental, nomeadamente, em populações de alto risco de exclusão social. Estes resultados, além de permitirem clarificar algumas das dinâmicas existentes no seio destas *famílias multiproblemáticas*, ajudam a perspectivar novos sistemas de trabalho para os técnicos que intervêm junto destas famílias.

Este estudo direcciona, ainda, a nossa atenção para as dificuldades acrescidas que estas mães encontram no desempenho da sua parentalidade, para vidas marcadas por inúmeros acontecimentos negativos e *stressantes*, precariamente suportadas por redes de suporte social e institucional. Porém, o desenvolvimento deste estudo foi marcado por algumas dificuldades e limitações.

Em primeiro lugar salientamos o escasso número de instrumentos traduzidos e validados para a população portuguesa, concretamente no âmbito da parentalidade. Inicialmente, não pretendíamos apenas estudar os índices de stress parental mas uma dimensão mais focalizada nas práticas e crenças parentais das participantes. Tal não foi possível mas, surpreendentemente, o PSI mostrou ser de grande utilidade a avaliar famílias de risco – exactamente como a autora responsável pela adaptação tinha enunciado no manual. A partir do momento em que decidimos usar o *PSI* a nossa (potencial) amostra de participantes reduziu drasticamente, uma vez que, apenas puderam participar mães de crianças em idade escolar (dos cinco aos dez anos), idades para os quais este instrumento se encontra validado em Portugal.

Foi também nossa pretensão inicial abarcar o estudo dos pais destas crianças, mas desde logo nos deparamos com uma adesão mínima. Além disso, muitos destes pais não têm qualquer contacto com os filhos ou trabalham longe, regressando apenas ao fim de semana, aspectos que inviabilizaram por completo a sua participação neste estudo.

Dada a baixa escolaridade das participantes e o facto de alguns instrumentos utilizados (por exemplo, *PSI*, *EDRE*) apresentarem itens formulados de forma complexa (por exemplo, dupla negativa), grande variação na escala de resposta e mesmo folhas de resposta pouco “acessíveis”, foram criadas “ferramentas” específicas para tornar a administração mais fluida, como “facilitadores de memória” em tamanho grande com a escala de respostas para cada

instrumento. Foram ainda antecipadas algumas dificuldades de interpretação em questões da *EDRE* que foram expostas e solucionadas com ajuda da autora responsável pela sua adaptação para a população portuguesa e, no sentido de colmatar a dificuldade no preenchimento da complexa folha de respostas do *PSI*, as investigadoras optaram por preencher as folhas de acordo com as respostas das participantes.

Importa ainda referir a dificuldade em aceder e em conseguir a colaboração efectiva das mães do Grupo 3 – mães com medida de retirada de menor aplicada. De salientar que, enquanto os dados das participantes dos grupos 1 e 2 foram obtidos em três meses, foi necessário o dobro do tempo para obter os dados do terceiro grupo e não foi possível alcançar um total de 40 participantes como era a nossa intenção inicial. Curiosamente, após os resultados, fica a sensação da extrema necessidade de avaliar estas famílias e estas mães com maior rigor e de forma mais “ecológica” pois claramente, falamos de agregados pautados por altos níveis de disfuncionalidade³⁶ que necessitam de uma intervenção que em muito ultrapassa a aplicação de medidas de retirada dos menores em situação de perigo. Dado o padrão de respostas que detectámos neste grupo em particular, já referenciado, alerta-se para a utilização de escalas de avaliação da desajustabilidade social no sentido de obter uma medida de sinceridade da informação obtida.

A última dificuldade a mencionar prende-se com o preenchimento das *Fichas Sócio-Demográficas* pelos técnicos de acompanhamento psicossocial da família, dado que estes encontram-se sobrecarregados de trabalho, tendo imensas dificuldades na sua entrega atempada.

Relativamente às potencialidades deste estudo é, importante referir que não se conhece nenhum estudo do género em Portugal. O estudo das *Famílias Multiproblemáticas* é bastante reduzido no nosso país e não é conhecido nenhum estudo que abarque uma caracterização sócio-demográfica rigorosa associada ao estudo dos níveis de *stress* parental, da capacidade de regulação emocional e das relações vinculativas estabelecidas pelas mães destes agregados familiares. Assim sendo, este tipo de estudos poderá revelar-se uma ferramenta de grande utilidade para conhecer e caracterizar profundamente este tipo de população e, desta forma, criar programas de intervenção e prevenção de qualidade para esta população. Era nossa intenção (e daí a exaustividade dos instrumentos de caracterização sócio-demográfica) criar um *Índice de Operacionalização da Multiproblematicidade das Famílias* com base na organização axial proposta por Gómez e colegas (2007). Tal não foi possível de concretizar por dificuldades inerentes à própria operacionalização e, principalmente, por motivos ligados

³⁶ Cf. dissertação de Cristina Sousa realizada no âmbito do mesmo curso de mestrado.

ao limite de páginas deste trabalho. Mantivemos intacta a componente teórica relativa a esta temática (que poderá pensar-se acessória) pois é nosso objectivo consolidar esta ideia que nos parece revestir-se de grande utilidade para os técnicos de terreno.

Além disso, acreditamos que este estudo poderá ajudar a perceber melhor o que distingue pais de crianças com medida de retirada aplicada de pais a quem é aplicada medida de apoio com orientação, seja por técnicos de Comissões de Protecção de Crianças e Jovens (CPCJ), seja por técnicos que prestam Assessoria a Tribunais (EMAT). Quem trabalha directamente com estas famílias percebe que os técnicos que acompanham estas famílias nem sempre estão seguros das medidas que propõem pela ambiguidade e complexidade das situações.

Por último, gostávamos que este estudo “abrisse” novos caminhos quer na área da investigação, quer ao nível da intervenção. Ao nível da investigação abre portas não só para futuros estudos relacionados com a necessidade de conhecer melhor esta população, as suas dificuldades e a pressão a que está sujeita pelo risco de exclusão que enfrenta diariamente, como para estudos relacionados com o desenvolvimento de ferramentas e instrumentos específicos para apoiar os técnicos de acompanhamento psicossocial, na tomada de decisões devidamente fundamentadas, ao invés de meramente intuitivas. Ao nível da intervenção, este estudo abre caminho para o desenvolvimento de programas específicos de intervenção e/ou prevenção quer para crianças, quer para adultos destas famílias; programas que conjuguem a intervenção ao nível das competências parentais, capacidade de regulação emocional e estilos vinculativos, no sentido de melhorar o clima emocional destes agregados familiares e quebrar o ciclo transgeracional de caos e desorganização familiar tão característicos. Trilhar caminhos para o desenvolvimento de crianças e jovens saudáveis e felizes é rumar na direcção da construção de um mundo mais simples de habitar e de co-existir.

Bibliografia

- Aber, J. L., Jones, S. & Cohen, J. (2000). The impact of poverty in mental health and development of very young children. In C.H. Zeanah, Jr. (Eds), *Handbook of infant mental health*. New York: The Guilford Press.
- Abidin, R.R. (1983). *The parenting stress index*. Charlottesville, VA: Pediatric Psychology Press.
- Abidin, R.R. (1992). Presidential address: The determinants of parenting behavior. *Journal of Clinical Child Psychology*, 21, 407-412.
- Abidin, R. (1995). *Parenting Stress Index*. 3rd edition. Odessa, FL: Psychological Assessment Resources.
- Adams, L. (2009). *A confirmatory factor analyses of the difficulties in emotion regulation scale*. Tese de Doutorado não publicada. Department of Psychology Southern Illinois University Carbondale.
- Adickman, J. D. (1993). *Children's emotion biases: Their relation to internal representations of attachment security and to patterns of perceived maternal discipline*. Unpublished doctoral dissertation, Long Island University, New York.
- Ainsworth, M., Blehar, M. C., Waters, E., & Wall, S. (1978). *Patterns of attachment: A psychological study of the strange situation*. Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Ainsworth, M. & Bowlby, J. (1991). An ethological approach to personality development. *American Psychologist*, 46, 331-341.
- Alarcão, M. (2000). *(Des)Equilíbrios Familiares*. Coimbra: Quarteto.
- Allen, N., Yap, M. & Sheeber, L. (2007). Using an Emotion Regulation Framework to Understand the Role of Temperament and Family Processes in Risk for Adolescent Depressive Disorders. *Clinical Child and Family Psychology Review*.
- Alvord, M. K., & Grados, J. J. (2005). Enhancing resilience in children: A proactive approach. *Professional Psychology: Research and Practice*, 36(3), 238-245.
- American Psychiatric Association (2000). *DSM-IV-TR: Manual de diagnóstico e estatística das perturbações mentais*. 4ª ed. Lisboa: Climepsi.
- Asarnow, J. R., Tompson, M., Hamilton, E. B., Goldstein, M. J., & Guthrie, D. (1994). Family expressed emotion, childhood-onset depression, and childhood-onset schizophrenia spectrum disorders: Is expressed emotion a nonspecific correlate of child psychopathology or a specific risk factor for depression? *Journal of Abnormal Child Psychology*, 22, 129–146.

- Asarnow, J. R., Tompson, M., Woo, S., & Cantwell, D. P. (2001). Is expressed emotion a specific risk factor for depression or a nonspecific correlate of psychopathology? *Journal of Abnormal Child Psychology*, *29*, 573–583.
- Arch, J. J., & Craske, M. G. (2006). Mechanisms of mindfulness: Emotion regulation following a focused breathing induction. *Behaviour Research and Therapy*, *44*, 1849–1858.
- Avison, W. R. (1997). Single motherhood and mental health: Implications for primary prevention. *Canadian Medical Association*, *156*(5), 661–663.
- Aunola, K. & Nurmi, J. E. (2005). The role of parenting styles in children's problem behavior. *Child Development*, *76*, 1144–1159.
- Bagby, R., Taylor, G., & Parker, J. (1994). The Twenty-Item Toronto Alexithymia Scale- II. Convergent, discriminant and concurrent validity. *Journal of Psychosomatic Research*, *38*, 33-40.
- Barel, Y. (1990). Le Grand Intégrateur. *Connexions Paris*, *56*, 85-100.
- Bargh, J. A., & Williams, L. E. (2007). The case for nonconscious emotion regulation. In J. J. Gross (Ed.), *Handbook of emotion regulation*. New York: Guilford Press.
- Barlow, D. H. (2002). *Anxiety and its disorders: The nature and treatment of anxiety and panic*. New York: The Guilford Press.
- Barrett, L. F. & Gross, J. J. (2001). Emotion representation and regulation: a process model of emotional intelligence. In T. Mayne & G. Bonnano (Eds.), *Emotion: Current Issues and Future Directions*. New York: Guilford.
- Bartholomew, K. & Horowitz, L. (1991). Attachment styles among young adults: a test of a four-category model. *Journal of Personality and Social Psychology*, *61*(2), 226-244.
- Barth, R. P., & Miller, J. M. (2000). Building effective post-adoption services: What is the empirical foundation? *Family Relations*, *49*, 447- 455.
- Barry, M. & Hallett, C., (1998). *Social Exclusion and Social Work*. Russell House Publishing.
- Barudy, J. (1998). *El dolor invisible de la infancia: Una lectura ecosistémica del maltrato infantil*. Barcelona: Paidós.
- Bauman, Z. (1998). *O Mal-estar da Pós Modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores.
- Baumeister, R. F., Zell, A. L. & Tice, D. M. (2007). How emotions facilitate and impair self-regulation. In J. J. Gross (Ed.) *The handbook of emotion regulation*. New York: The Guilford Press.
- Baumrind, D. (1971). Current patterns of parental authority. *Developmental Psychology Monograph*, *4*, 1–103.

- Benzies, K. M., Harrison, M. J., & Magill-Evans, J. (2004). Parenting stress, marital quality, and child behavior problems at age 7 years. *Public Health Nursing, 21*(2), 111–121.
- Berman, W. H., & Sperling, M. B. (1994). The structure and function of adult attachment. In M. B. Sperling & W. H. Berman (Eds.), *Attachment in adults – clinical and developmental perspectives*. New York: Guilford Press.
- Bernstein, D. E. (2005). *Maternal Depression, Maternal Stress and Children's Behaviour Outcomes among Families in the National Early Head Start Program*. A doctoral project submitted for the degree of Doctor of Psychology in the Department of Psychology at Pace University: New York.
- Belsky, J. (1984). The determinants of parenting: A process model. *Child Development, 55*, 83–96.
- Belsky, J., Crnic, K., & Woodworth, S. (1995). Personality and parenting: Exploring the mediating role of transient mood and daily hassles. *Journal of Personality, 63*(4), 906–929.
- Booth, C., Speiker, S. & Barnard, K. (1992). Infants at Risk: The Role of Preventive Intervention in Deflecting a Maladaptative Development Trajectory. In McCord J., Trembley, R. (Eds), *Preventing Antisocial Behavior: Interventions from Birth Through Adolescence* (21-42). New York: Guilford Press.
- Brazelton, T. B., & Cramer, B. G. (1990). *The earliest relationship: Parents, infants, and the drama of early attachment*. Don Mills, Ontario: Addison-Wesley Publishing Company.
- Brody, G.H., Stoneman, Z., Flor, D., McCrary, C., Hastings, L., & Conyer, O. (1994). Financial resources, parent psychological functioning, parent co-caregiving, and early adolescent competence in rural two-parent African-American families. *Child Development, 65*(2), 590–605.
- Brooks-Gunn J, Duncan G. (1997). The effects of poverty on children and youth. *Future Child 7*, 55 -71.
- Bowlby, J. (1969/1982). *Attachment and loss: Attachment*. London: Basic Books.
- Bowlby, J. (1977). The making and breaking of affectional bonds. *British Journal of Psychiatry, 130*, 201-210, 421-431.
- Bowlby, J. (1980). *Attachment and loss: Loss, sadness and depression*. London: Basic Books.
- Bowlby, J. (1988). Developmental psychiatry comes of age. *The American Journal of Psychiatry, 145*, 1-10.

- Burchinal, M., Follmer, A., & Bryant, D. (1996). The relations of maternal social support and family structure with maternal responsiveness and child outcomes among African-American families. *Developmental Psychology*, 32(6), 1073–1083.
- Butler, E. A., Lee, T. L., & Gross, J. J. (2007). Emotion regulation and culture: Are the social consequences of emotion suppression culture-specific? *Emotion*, 7(1), 30-48.
- Cairney, J., & Wade, T. J. (2002). Single parent mothers and mental health care service use. *Social Psychiatry and Psychiatric Epidemiology*, 37(5), 236–242.
- Cairney, J., Boyle, M., Offord, D. R., & Racine, Y. (2003). Stress, social support, and depression in single and married mothers. *Social Psychiatry and Psychiatric Epidemiology*, 38(8), 442–449.
- Calkins, S. D., Smith, C. L., Gill, K. L., & Johnson, M. C. (1998). Maternal interactive style across contexts: Relations to emotional, behavioral, and physiological regulation during toddlerhood. *Social Development*, 7, 350–369.
- Campbell-Stills, L., Barlow, D. H., Brown, T. A., & Hofmann, S. G. (2006). Effects of suppression and acceptance on emotional responses of individuals with anxiety and mood disorders. *Behaviour Research and Therapy*, 44, 1251-1263.
- Campos, J.J., Campos, R. G., & Barrett, K. C. (1989). Emergent themes in the study of emotional development and emotion regulation. *Developmental Psychology*, 25, 394-402.
- Canavarro, M. C. (1999). *Relações afectivas e saúde mental*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Canavarro, M. C., Dias, P. & Lima, V. (2006). A Avaliação da Vinculação do Adulto: uma revisão crítica a propósito da aplicação da Adult Attachment Scale-R (AAS-R) na população portuguesa. *Psicologia*, 20 (1), 155-186.
- Cancrini, L., De Gregorio, F. & Nocerino, S. (1997). Las familias muitproblematicas. En M. Coletti & J. Linares, *La intervencion sistematica en los servicios sociales ante la familia multiproblematica: La experiencia de Ciutat Vella* (pp. 45-82). Barcelona: Paidós Terapia Familiar.
- Capucha, L. (1998). “Pobreza, exclusão social e marginalidades”. *Portugal, Que Modernidade?* Oeiras, Celta Editora, pp. 209-244.
- Capucha, L., Castro, J., Gonçalves, H., Guerreiro, M., Melro, F., Pegado, E., Reis, A., Saleiro, S. & Santos, P. (1998), *Rendimento Mínimo Garantido: Avaliação da Fase Experimental*, Lisboa, MTS/Comissão Nacional do Rendimento Mínimo/Departamento de Estudos, Prospectiva e Planeamento /CIES.
- Castel, R. (1996). *Les métamorphoses de la question sociale: une chronique du salariat*. Paris: Fayard.

- Catanzaro, S. J. & Mearns, J. (1990). Measuring generalized expectancies for negative mood regulation: Initial scale development and implications. *Journal of Personality Assessment*, 54(3), 546-563.
- Clavel, G. (2005). *A Sociedade da Exclusão: Compreendê-la para dela sair*. Porto Editora.
- Clavel, G. (1998). *La société d'exclusion: comprendre pour en sortir*. Paris/Montréal: L'Harmattan.
- Cogill, S. R., Caplan, H. L., Alexandra, H., Bobson, K. M., & Kumar, R. (1986). Impact of maternal postnatal depression on cognitive development of young children. *British Medical Journal*, 292, 1165-1167.
- Cohen, S., Evans, G. W., Krantz, D. S., & Stokols, D. (1980). Physiological, motivational, and cognitive effects of aircraft noise on children: Moving from the laboratory to the field. *American Psychologist*, 35, 231-243.
- Cohn, J. F., & Tronick, E. Z. (1983). Three-month-old infants' reaction to simulated maternal depression. *Child Development*, 54, 185-193.
- Cole, P., Michel, M. & O'Donnell-Teti, L. (1994). The development of emotion regulation and dysregulation: A clinical perspective. In N. Fox (Ed.), *The Development of Emotion Regulation. Monographs of the Society for Research in Child Development*, 59, 73-100.
- Cole-Detke, H., & Kobak, R. (1996). Attachment processes in eating disorder and depression. *Journal of consulting and clinical psychology*, 64, 282-290.
- Cole, P., Martin, S. & Dennis, T. (2004). Emotion regulation as a scientific construct: Methodological challenges and directions for child development research. *Child Development*, 75, 317-333.
- Collins, N.L. & Read, S. J. (1990). Adult Attachment, Working Models and Relationship Quality in Dating Couples. *Journal of Personality and Social Psychology*, 58, 644-663
- Collins, N. L., Dunkel-Schetter, C., Lobel, M., & Schrinshaw, S. C. (1993). Social support in pregnancy: Psychosocial correlates of birth outcomes and postpartum depression. *Journal of Personality and Social Psychology*, 65(6), 1243-1258.
- Conger, R., Elder, G., Lorenz, F., & Simons, R. (1994). Economic stress, coercive family process, and developmental problems of adolescence. *Child Development*, 65(2), 541-561.
- Cox, T. & Ferguson, E. (1991). *Individual differences, stress and coping. Personality and Stress*. Chichester: Wiley and Sons.

- Coutinho, J., Ribeiro, E., Ferreirinha, R. & Dias, P. (2009). The Portuguese version of the Difficulties in Emotion Regulation Scale and its relationship with psychopathological symptoms. *Revista Psiquiatria Clínica* 37(4), 145-51.
- Crnic, K. A., Greenberg, M. T. & Slough, N. M. (1986). Early stress and social support influences on mother's and high-risk infants functioning in late infancy. *Infancy Mental Healthy Journal*, 7, 19-33.
- Crnic, K., & Greenberg, M. (1987). Maternal stress, social support, and coping: Influences on early mother-child relationships. In C. Boukydis (Ed.), *Research on support for parents and infants in the post-natal period*. Norwood, NJ: Ablex.
- Cummings, E. M., & Davies, P. T. (1994). *Children and marital conflict: The impact of family dispute and resolution*. New York: The Guilford Press.
- Cummings, E. M., & Davies, P. T., Sturge-Apple, M. L. & Woitach, M. J., (2009). A Process Analysis of the Transmission of Distress from Interparental Conflict to Parenting: Adult Relationship Security as an Explanatory Mechanism. *Developmental Psychology*, 45(6), 1761-1773
- Cummings, E. M., Davies, P. T., & Campbell, S. B. (2000). *Developmental psychopathology and family process: Theory, research, and clinical implications*. New York: Guilford.
- Cutrona, C.E. (1984). Social support and stress in the transition to parenthood. *Journal of Abnormal Psychology*, 93(4), 378-390.
- Darling, N., & Steinberg, L. (1993). Parenting style as context: An integrative model. *Psychological Bulletin*, 113, 487-496.
- David-Vilker, R., 1999. *The Contribution of Emotion Socialization and Attachment to Adult Emotion Organization and Regulation*. Unpublished doctoral dissertation. Richard L. Conolly College of Long Island University.
- Davies, M. (2000). *The blackwell encyclopedia of social work* (pp. 245). Wiley-Blackwell.
- Davies, L., Avison, W. R. & McAlpine, D. D. (1997). Significant life experiences and depression among single and married mothers. *Journal of Marriage and the Family*, 59(2), 294-308.
- Davies, P. T., & Cummings, E. M. (1998). Exploring children's emotional security as a mediator of the link between marital relations and child adjustment. *Child Development*, 69, 124-139.
- Davies, P. T., Harold, G. T., Goeke-Morey, M. C., & Cummings, E. M. (2002). Child emotional security and interparental conflict. *Monographs of the Society for Research in Child Development*, 67, vii-viii.

- Dayton, C.J. (2009). *A Longitudinal Examination of Emotion Regulation Across Early Development: Infant Attachment and Maternal Parenting in the context of Domestic Violence*. Unpublished doctoral dissertation. Michigan State University.
- Dennis, T. (2007). Interactions between emotion regulation strategies and affective style: Implications for trait anxiety versus depressed mood. *Motivation and Emotion, 31*, 200–207.
- Diamond L. M., Aspinwall L. G. (2003). Emotion regulation across the life span: An integrative perspective emphasizing self-regulation, positive affect, and dyadic processes. *Motivation & Emotion, 27*(2), 125–156
- Diefendorff, J. M., Hall, R. J., Lord, R. G., & Streat, M. L. (2000). Action-state orientation: Construct validity of a revised measure and its relationship to work-related variables. *Journal of Applied Psychology, 85*, 250-263.
- Ditzel, L. & Maldonado, M. (2004). *El apoyo a la familia en sus funciones primordiales, un eje fundamental de la reforma del Sename*. Ponencia presentada en el XIX Congreso Panamericano del Niflo, Santiago, Chile.
- Dolan, R. T., Arnkoff, D. B., & Glass, C. R. (1993). Client attachment style and the psychotherapist's interpersonal stance. *Psychotherapy, 30*, 3, 408-412.
- Doron, R. & Parot, F. (2001). *Dicionário de Psicologia*. Lisboa: Climepsi.
- Dozier, M., Stevenson, A. L., Lee, S. W. & Velligan, D. I. (1991). Attachment organization and familial overinvolvement for adults with serious psychopathological disorders. *Development and Psychopathology, 3*, 475-489.
- Duncan, G., & Brooks-Gunn, J. (2000). Family poverty, welfare reform, and child development. *Child Development, 71*(1), 188–196.
- Duncan, G., & Magnuson, K. A. (2002). Low income (poverty) during prenatal and early postnatal periods and its impact on psychosocial child development. *Early Child Development, 22*, 345-356.
- Dunn, J. & Munn, P. (1985). Becoming a family member: Family conflict and the development of social understanding in the second year. *Child Development, 56*, 480–492.
- Dunst, C. J., Trivette, C. M. & Deal, A. G (1998). *“Ealing and Empowering Families: Principles Guidelines for Practice, 145-146*.
- Easterbrooks, M. (1999). Security of Attachment and Parenting: Homeless and Low Income Housed Mothers and Infants. *American Journal of Orthopshichiatric 69*(3), 337-346.

- Early Child Care Research Network. (2004). Affect dysregulation in the mother-child relationship in the toddler years: Antecedents and consequences. *Development and Psychopathology, 16*, 43–68.
- Eisenberg, N., Cumberland, A., & Spinrad, T. L. (1998). Parental socialization of emotion. *Psychological Inquiry, 9*, 241–273.
- Eisenberg, Losoya, S., Fabes, R., Guthrie, I., Reiser, M., Murphy, B., Shepard, S., Poulin, R. and Padgett, S. (2000), Parental socialization of children's dysregulated expression of emotion and externalizing problems, *Journal of Family Psychology 15*, 183–205.
- Eisenberg, N., Fabes, R. A., Schaller, M., Carlo, G., & Miller, P. A. (1991). The relations of parental characteristics and practices to children's vicarious emotional responding. *Child Development, 62*, 1393–1408.
- Eisenberg, N., Hofer, C., & Vaughan, J. (2007). Effortful control and its socioemotional consequences. In J. J. Gross (Ed.), *The handbook of emotion regulation*. New York: The Guilford Press.
- Eisenberg, N., Valiente, C., Morris, A. S., Fabes, R. A., Cumberland, A. J., Reiser, M., (2003). Longitudinal relations among parental emotional expressivity, children's regulation, and quality of socioemotional functioning. *Developmental Psychology, 39*, 3–19.
- Eisenberg, N., & Zhou, Q. (2000). Regulation from a developmental perspective. *Psychological Inquiry, 11*, 166–171.
- Essex, M. J., Klein, M. H., Cho, E., & Kalin, N. H. (2002). Maternal stress beginning in infancy may sensitize children to later stress exposure: Effects on cortisol and behavior. *Biological Psychiatry, 52*, 776–784.
- Essex, M. J., Klein, M. H., Meich, R., & Smider, N. A. (2001). Timing of initial exposure to maternal major depression and children's mental health symptoms in kindergarten. *British Journal of Psychiatry, 179*, 156–159.
- Embry, L., & Dawson, G. (2002). Disruptions in parenting behavior related to maternal depression: Influences on children's behavioral and psychobiological development. In J. G. Borkowski & S. L. Ramey (Eds.), *Parenting and the child's world: Influences on academic, intellectual, and socio-emotional development*. Mahwah, NJ: Erlbaum.
- Emerson (2007). Poverty and People with Intellectual Disabilities. *Mental Retardation and Developmental Disabilities Research Reviews 13*, 107-113.
- Evans, G. W. (2004). The environment of childhood poverty. *American Psychologist, 59* (2), 77-92.

- Evans, G. W., Maxwell, L. E., & Hart, B. (1999). Parental language and verbal responsiveness to children in crowded homes. *Developmental Psychology, 35*, 1020–1023.
- Escorel, S. (1999). *Vidas ao léu: trajetórias de exclusão social*. Rio de Janeiro: Fiocruz.
- Fabes, R. A., Eisenberg, N., Karbon, M., Bernzweig, J., Speer, A. L., & Carlo, G. (1994). Socialization of children's vicarious emotional responding and prosocial behavior: Relations with mothers' perceptions of children's emotional reactivity. *Developmental Psychology, 30*, 44–55.
- Faria, C., Fonseca, M., Lima, V., Soares, I., & Klein, J. (2007). Vinculação na idade adulta. In I. Soares (Coord.), *Relações de vinculação ao longo do desenvolvimento: Teoria e Avaliação* (121-158). Braga: Psiquilibrios.
- Feeney, B. C. & Collins, N. (2004). Interpersonal safe haven and secure base caregiving processes in adulthood. In W. S. Rholes & J. A. Simpson (Eds.), *Adult attachment: Theory, research, and clinical implications*. New York: Guilford Press.
- Fernandes, A. T. (1991). *Formas e Mecanismos de Exclusão Social* in *Sociologia*, n.º1, Faculdade de Letras do Porto, 9 - 66.
- Fernandes, F. (1995), *Em busca do socialismo: últimos escritos & outros textos*. São Paulo, Xamã.
- Field, T. (2002). Infant's need for touch. *Human Development, 45*, 100-103.
- Fraley, R. C. (1999). *Attachment continuity from infancy to adulthood: Meta-analysis and dynamic modeling of developmental mechanisms*. Manuscript submitted for publication.
- Franklin, L. C., (2005). *The relationship between Attachment, Parenting Stress and Parenting Practices*. A doctoral project submitted for the degree of Doctor of Psychology in the Department of Psychology at University of Northern Colorado: Greeley, Colorado.
- Fretigné, C. (1999). *La sociologie de l' exclusion*. Paris: Harmattan.
- Frijda, N. H. (1986). *The emotions*. Cambridge, England: Cambridge University Press.
- Frijda, N. H. (1988). The laws of emotion. *American Psychologist, 43*, 349-358.
- Gable, S., & Isabella, R. A. (1992). Maternal contributions to infant regulation of arousal. *Infant Behavior and Development, 15*, 95–107.
- Gage, G. M., & Christensen, D. H. (1991). Parental role socialization and the transition to parenthood. *Family Relations, 40*(3), 332–337.
- Garnefski, N., Kraaij, V., & Spinhoven, P. (2001). Negative life events, cognitive emotion regulation and emotional problems. *Personality and Individual Differences, 30*, 1311-1327.

- George, C., Kaplan, N., & Main, M. (1985) *The adult attachment interview*. Unpublished manuscript, University of California, Berkeley.
- Gómez, E, Munoz, M. M., Haz, A.M. (2007). Familias Múltiplemente Problemáticas y en Riesgo Social: Características e Intervención. Multiproblem Families at Social Risk. *Psyke*, 16 (2), 43-54.
- Gratz, K. L., & Roemer, L. (2004). Multidimensional assessment of emotion regulation and dysregulation: Development, factor structure, and initial validation of the Difficulties in Emotion Regulation Scale. *Journal of Psychopathology and Behavioral Assessment*, 26(1), 41-54.
- Greenberg, L. (2002). *Emotion-focused therapy: Coaching clients to work through their feelings*. Washington, DC: American Psychiatric Press.
- Greenberg, L. (2006). Emotion-focused therapy: A synopsis. *Journal of Contemporary Psychotherapy*, 36, 87-93.
- Greenberg, M. A., Wortman, C. B., & Stone, A. A. (1996). Emotional expression and physical health: Revising traumatic memories or fostering self-regulation. *Journal of Personality and Social Psychology*, 71(3), 588-602.
- Gross, J. J. (1998). The emerging field of emotion regulation: An integrative review. *Review of General Psychology*, 2, 271–299.
- Gross, J. J. (1999). Emotion and emotion regulation. In Pervin & John Eds. *Handbook of Personality: Theory and research* (2^a ed.). New York: Guilford.
- Gross, J. J. (2002). Emotion regulation: Affective, cognitive, and social consequences. *Psychophysiology*, 39, 281-291.
- Gross, J.J. (2007). *Handbook of emotion regulation*. New York: The Guilford Press.
- Gross, J. J. (2008). Emotion regulation. In: M. Lewis, J. M. Haviland-Jones & L. F. Barrett (Eds), *Handbook of emotions* (3^a ed., pp. 497-512). New York, NY: Guilford.
- Gross, J. J., John, O. P., & Richards, J. M. (2000). The Dissociating of emotion expression from emotion experience: A personality perspective. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 25(6), 712-726.
- Gross, J. J., & John, O. P. (2002). Wise emotion regulation. In L. F. Barrett & P. Salovey (Eds.), *The wisdom in feeling: Psychological processes in emotional intelligence*. New York, NY: Guilford Press.
- Gross, J.J. & John, O.P. (2003) Individual differences in two emotion regulation processes: implications for affect, relationships, and wellbeing. *J. Pers. Soc. Psychol.* 85, 348–362.

- Gross, J. J. & Thompson, R. (2007). Emotion regulation: Conceptual foundations. In J. J. Gross (Ed.), *Handbook of Emotion Regulation*. New York: Guilford Press.
- Gross, J. J., & Munõz, R. F. (1995). Emotion regulation and mental health. *Clinical Psychology: Science and Practice*, 2, 151-164.
- Goodman, S. H., & Gotlib, I. H. (1999). Risk for psychopathology in the children of depressed mothers: A developmental model for understanding mechanisms of transmission. *Psychological Review*, 106, 458–490.
- Gomes, M. & Pereira, A. (2005). *Famílias em situações de vulnerabilidades sociais: uma questão de políticas públicas* in *Ciências & Saúde Colectiva* 10(2): 357-363 Universidade Estadual do Ceará. Gomez, E., Munoz, M. & Haz, A. (2007). Familias Multiproblemáticas y en Riesgo Social: características e intervención. *Psykhé* 16(2), 43-54.
- Goldin, P., McRae, K., Ramel, W. & Gross, J. (2008). The Neural Bases of Emotion Regulation: Reappraisal and Suppression of Negative Emotion. *Biol Psychiatry* 63, 577-586.
- Goldberg, S. (1977). Social competence in infancy: A model of parent-infant interaction. *Merrill-Palmer Quarterly*, 23(3), 163–177.
- Goleman, D. (1997). *Emotional intelligence: Why it can matter more than IQ*. London: Bloomsbury.
- Gottman, J. M., Katz, L. F., & Hooven, C. (1997). *Meta-emotion*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum.
- Halberstadt, A. G., Crisp, V. W., & Eaton, K. L. (1999). Family expressiveness: A retrospective and new directions for research. In P. Philippot, R. S. Feldman, & E. Coats (Eds.). *The social context of nonverbal behavior*. New York: Cambridge University Press.
- Halberstadt, A. G., Denham, S. A., & Dunsmore, J. C. (2001). Affective social competence. *Social Development*, 70, 79-119.
- Halpern, B., (1998). *Emotion Regulation and its relation to Internal Working Models of Attachment in Adults*. Unpublished doctoral dissertation. Richard L. Conolly College of Long Island University.
- Hardy, D. F., Power, T. G., & Jaedicke, S. (1993). Examining the relation of parenting to children's coping with everyday stress. *Child Development*, 64, 1829–1841.
- Hariri, A. R., & Forbes, E. E. (2007). Genetics of emotion regulation. In J. J. Gross (Ed.), *Handbook of emotion regulation*. New York: The Guildford Press.

- Hazan, C. & Shaver, P. (1987). Romantic love conceptualized as an attachment process. *Journal of Personality and Social Psychology*, 52 (3), 511-524.
- Hibbs, E. D., Hamburger, S. D., Lenane, M., & Rappaport, J. L. (1991). Determinants of expressed emotion in families of disturbed and normal children. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 32, 757-770.
- Hobfoll, S.E. (1998). *The Ecology of Stress*. New York: Hemisphere.
- Holmbeck, G. N. (1997). Toward terminological, conceptual, and statistical clarity in the study of mediators and moderators: Examples from the child-clinical and pediatric psychology literatures. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 65(4), 599-610.
- Hofer, M. A. (1994). Hidden regulators in attachment, separation and loss. *Monographs of the Society of Research in Child Development*, 59, (1-2), 192-207.
- Hoffman, L. W. (1987). The Value of Children to Parents and Childrearing Patterns. *Social Behavioral*, 2(3), 123-141.
- Hurst, N., Sawatzky, D. & Pare, D. (1996). Families with multiple problems through a Bowenian lens. *Child Welfare*, 75(6), 693-708.
- Izard, C.E., (1977). *Human Emotions*. New York : Plenum.
- Juby, C. & Rycraft, J. (2004). Family preservation strategies for families in poverty. *Families in Society*, 85(4), 581-588
- Karl, D. (1991). The consequences of maternal depression for early mother-infant interaction: A nursing issue. *Journal of Pediatric Nursing*, 6(6), 384-390.
- Karen, R. (1994). *Becoming attached: Unfolding the mystery of the infant—mother bond and its impact on later life*. New York: Warner.
- Kauffman, D (2000). *A Família Reconstituída e o Seu Ciclo Vital: uma análise qualitativa dos seus perfis*. Universidade Presbiteriana Mackenzie: Estado de São Paulo.
- Kemp, M., & Neimeyer, G. (1999). Interpersonal Attachment: Experiencing, expressing and coping with stress. *Journal of Conseling Psychology*, 46, (3), 388-394.
- Kenny, D. A., Kashy, D. A, & Bolger, N. (1998). Data analysis in social psychology. In D. Gilbert, S. Fiske, & G. Lindzey (Eds.), *The handbook of social psychology* (Vol. 1, 4th ed., pp. 233-265). Boston, MA: McGraw-Hill.
- Klebanov, P. K., Brooks-Gunn, J., McCarton, C., & McCormick, C. (1998). The contribution of neighborhood and family income to developmental test scores over the first three years of life. *Child Development*, 69(5), 1420-1436.

- Kliewer, W., Fearnow, M. D., & Miller, P. A. (1996). Coping socialization in middle childhood: Tests of maternal and paternal influences. *Child Development, 67*, 2339–2357.
- Kobak, R., & Sceery, A. (1988). Attachment in late adolescence: Working models, affect regulation, and representations of self and others. *Child Development, 59*, 135–146.
- Kochanska, G., & Murray, K. T. (2000). Mother-child mutually responsive orientation and conscience development: From toddler to early school age. *Child Development, 71*, 417–431.
- Koster, E. H. W., Raedt, R. D., Goeleven, E., Franck, E., & Crombez, G. (2005). Moodcongruent attentional bias in dysphoria: maintained attention to and impaired disengagement from negative information. *Emotion, 5*(4), 446–455.
- Kowarick, L. (2003). Sobre vulnerabilidade social e civil: Estados Unidos, França e Brasil. *Revista Brasileira de Ciências Sociais, 18*(51).
- Kubzansky, L. D., Martin, L. T., & Buka, S. L. (2004). Early manifestations of personality and adult emotional functioning. *Emotion, 4*(4), 364–377.
- Kunce, L. J. & Shaver, P. R. (1994). An attachment-theoretical approach to caregiving in romantic relationships. In K. Bartholomew & D. Perlman (Eds.), *Attachment process in adulthood*. London: Jessica Kingsley.
- Labandeiro, I., R. (2004). *A Vida num Cerco: Exclusão Social – Um Estudo de Caso e Histórias de Vida no Bairro do Cerco do Porto*. Dissertação de mestrado não publicada. Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Lay, K.-L., Waters, E., Posada, G., & Ridgeway, D. (1995). Attachment security, affect regulation, and defensive responses to mood induction. In E. Waters, B. Vaughn, G. Posada, K. Kondo-Ikemura (Eds.), *Caregiving, cultural, and cognitive perspectives on secure-base behavior and working models. New growing points of attachment theory and research* (pp. 179–196). *Monographs of the Society for Research in Child Development, 60*(2-3, 244).
- Lazarus, R. S. (1991). *Emotion and adaptation*. New York: Oxford University Press.
- Lederberg, A. R., & Golbach, T. (2002). Parenting stress and social support in hearing mothers of deaf and hearing children: A longitudinal study. *Journal of Deaf Studies and Deaf Education, 7*(4), 330–345.
- Lemerise, E. A., & Dodge, K. A. (1993). The development of anger and hostile interactions. In M. Lewis, & J. Haviland (Eds.), *Handbook of emotion* (pp. 537–546). New York: The Guilford Press.

- LeVine, R. A. (1974). Parental goals: A cross-cultural view. *Teachers College Record*, 76(2), 226-239
- Levitt, J., Brown, T., Orsillo, S. & Barlow, D. (2004). The effects of acceptance versus suppression of emotion on subjective and psychophysiological response to carbon dioxide challenge in patients with panic disorder. *Behaviour Research and Therapy*, 35, 747-766.
- Levy-Shiff, R., Dimitrovsky, L., Shulman, S., & Har-Even, D. (1998). Cognitive appraisals, coping strategies, and support resources as correlates of parenting and infant development. *Developmental Psychology*, 34(6), 1417–1427.
- Linares, J. (1997). Modelo sistémico y familia multiproblemática. En M. Coletti & J. Linares (Ed.), *La intervención sistémica en los servicios sociales ante la familia multiproblemática: la experiencia de Ciutat Vella*. Barcelona: Paidós Terapia Familiar.
- Liotti, G. (1991). Insecure attachment and agoraphobia. In C. M. Parkes, J. Stevenson-Hinde, & P. Marris (Eds.), *Attachment across the life cycle*. New York: Tavistock/Routledge.
- Lutenbacher, M. (2002). Relationships between psychosocial factors and abusive parenting attitudes in low-income single mothers. *Nursing Research*, 51(3), 158–167.
- Luthar, S. (1999). *Poverty and children's adjustment*. Thousand Oaks, CA: Sage.
- Lyons-Ruth, K. (1999). From birth to school-age: Influence of maternal factors, infant attachment, and preventive intervention on outcomes of the infant at social risk. *Prospettive Psicoanalitiche nel Lavoro Istituzionale*, 17, 164–198.
- Maccoby, E. E., & Martin, J. (1983). Socialization in the context of the family: Parent-child interaction. In E. M. Hetherington (Ed.), *Handbook of child psychology: Vol. 4: Socialization, personality, and social development*. New York: Wiley.
- MacDonald, Cohen, Stenger & Carter (2000). Dissociating the role of the dorsolateral prefrontal and anterior cingulate cortex in cognitive control. *Science* 288,1835–1838.
- Machado-Vaz, F. (2009). *Diferenciação e Regulação Emocional na Idade Adulta: Tradução e Validação de Dois Instrumentos de Avaliação para a População Portuguesa*. Tese de Mestrado não publicada. Instituto de Educação e Psicologia da Universidade do Minho, Portugal.
- Machado-Vaz, F., Branco, V., A., Greenberg, L (2010). Escala de Dificuldades na Regulação Emocional: adaptação para a população Portuguesa. Portugal. Tese de Doutoramento não publicada. Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa.

- Main, M. (1991). Metacognitive knowledge, metacognitive monitoring, and singular (coherent) vs. multiple (incoherent) model of attachment: Findings and directions for future research. In C. M. Parkes, J. Stevenson-Hinde & P. Marris (Eds.), *Attachment across the life cycle*. London: Routledge.
- Main, M. & Weston, D. (1982). Avoidance of the attachment figure in infancy: Descriptions and interpretations. In Parkes & J. Stevenson-Hindle (Eds.), *The place of attachment in human behavior*. Londres: Tavistock Publications.
- Main, M., Kaplan, N., & Cassidy, J. (1985). Security of infancy, childhood, and adulthood: A move to the level of representation. In I. Bretherton & E. Waters (Eds.), *Growing points of attachment theory and research*. Chicago: University of Chicago Press.
- Main, M. & Goldwyn, R. (1988/1994). *Adult attachment classification system*. University of California at Berkeley. Manual não publicado.
- Main, M. (1990). Cross-cultural studies of attachment organization: Recent studies, changing methodologies, and the concept of conditional strategies. *Human Development* 33, 48–61.
- Manzeske, D. & Stright, A. (2009). Parenting Styles and Emotion Regulation: The Role of Behavioral and Psychological Control During Young Adulthood. *Journal of Adult Development* 16, 223–229.
- Marmot, M. & Wilkinson, R. G. (Eds) (2006). *Social determinants of health*. Oxford, UK, Oxford University Press.
- Martini, T. S., Root, C. A., Jenkins, J. M. (2004). Low and Middle Income Mothers Regulation of Negative Emotion: Effects of Children's Temperament and Situational Emotion Responses. *Social Development* 13(4), 515-530.
- Martins, E. (2007). *Regulação emocional diádica, temperamento e nível de desenvolvimento aos 10 meses como preditores da qualidade da vinculação aos 12/16 meses*. Tese de Doutoramento não publicada. Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, Portugal.
- Matheny, A. P., Wachs, T. D., Ludwig, J. L., & Phillips, K. (1995). Bringing order out of chaos: Psychometric characteristics of the confusion, hubbub, and order scale. *Journal of Applied Developmental Psychology*, 16, 429-444.
- Mash, E. J., & Johnston, C. (1990). Parental perceptions of child behavior problems, parenting self esteem, and mother's reported stress in younger and older hyperactive and normal children. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 51, 86–99.
- Matos, P. M. (2002). *Vinculação e relações românticas*. Tese de Doutoramento não publicada. Universidade do Porto, Portugal.

- Matos, A. & Sousa, L. (2004). How multiproblem families try to find support in social services. *Journal of Social Work Practice, 18* (1), 65-80.
- Mauss, I. B., Bunge, S. A., & Gross, J. J. (2007). Automatic emotion regulation. *Social and Personality Psychology Compass, 1*, 146-167.
- Mauss, I. B., Cook, C. L., Cheng, J. Y. J., & Gross, J. J. (2007). Individual differences in cognitive reappraisal: Experiential and physiological responses to an anger provocation. *International Journal of Psychophysiology, 43*, 698–711.
- McEwen, C. & Flouri, E. (2009). Fathers' parenting, adverse life events, and adolescents' emotional and eating disorder symptoms: the role of emotion regulation. *Eur Child Adolescent Psychiatry, 18*, 206–216.
- McLoyd, V.C. (1990). The impact of economic hardship on Black families and children: Psychological distress, parenting, and socio-emotional development. *Child Development, 61*, 311–346.
- McLoyd, V.C. (1998). Socioeconomic disadvantage and child development. *American Psychologist, 53*(2), 185–204.
- Mercer, R. T. (1995). *Becoming a mother: Research on maternal identity from Rubin to the present*. New York: Springer.
- Mercer, R. T., & Ferketich, S. L. (1995). Experienced and inexperienced mothers' perceptions of maternal competence during infancy. *Research in Nursing and Health, 18*, 333–343.
- Mennin, D. S. (2006). Emotion regulation therapy: An integrative approach to treatment resistant anxiety disorders. *Journal of Contemporary Psychotherapy, 36*, 95-105.
- McGrath, M., Boukydis, C.F.Z. & Lester, B. (1993). Determinants of maternal self-esteem in the neonatal period. *Infant Mental Health Journal, 14*(1), 35-48.
- Mikulincer, M., & Florian, V. (1998). The relationship between adult attachment styles and emotional and cognitive reactions to stressful events. In J. A. Simpson & W. S. Rholes (Eds.), *Attachment theory and close relationships*. New York: Guilford Press.
- Minuchin, S., Montalvo, B., Guerney, B., Rosman, B. & Schumer, F. (1967). *Families of the Slums*. Basic Books, New York.
- Minuchin, P, Colapinto, J. & Minuchin, S. (2000). *Pobreza, institucion, familia*. Buenos Aires: Amorrortu.
- Melzer D, Fryers T, Jenkins R. (2004). *Social inequalities and the distribution of common mental disorders*. Hove: Psychology Press.
- Mercer, R. T., & Ferketich, S. L. (1986). Predictors of maternal role attainment at one year postbirth. *Western Journal of Nursing Research, 8*(1), 9–32.

- Mercer, R. T., & Ferketich, S. L. (1981). A theoretical framework for studying factors that impact on the maternal role. *Nursing Research, 30*(2), 73–77.
- Meloy, J. R. (1992). *Violent attachments*. North vale, NJ: Jason Aronson.
- Morris, A., Silk, J., Steinberg, L., Myers, S. & Robinson, L. (2007). The role of the family context in the development of emotion regulation. *Social Development, 16*, 361–388.
- Morris, A. S., Silk, J. S., Steinberg, L., Sessa, F. M., Avenevoli, S. & Essex, M. J. (2002). Temperamental vulnerability and negative parenting as interacting predictors of child adjustment. *Journal of Marriage and Family, 64*, 461–471.
- Moutinho, A., Machado, J. & Felino. L. (2006). *Rendimento Social de Inserção*. Porto: Universidade Católica Portuguesa.
- Mulsow, M., Caldera, Y. M., Pursley, M., Reifman, A., & Huston, A. C. (2002). Multilevel factors influencing maternal stress during the first three years. *Journal of Marriage and Family, 64*(4), 944–956.
- Muntaner C, Eaton W. & Miech R. (2004). Socioeconomic position and major mental disorders. *Epidemiol Rev 26*:53–62.
- Murray, S. L. (2005). Regulating the risks of closeness: A relationship-specific sense of felt security. *Current Directions in Psychological Science, 14*, 74-78.
- Navarro, M. (2002). *La intervencion psicossocial con famílias muitiproblemáticas: La perspectiva ecologica*. Tesis Doctoral, Universidad de Valencia, Espana.
- Najman, J. M., Aird, R., O’Callaghan, M., Williams, G. M., et al. (2004). The generational transmission of socioeconomic inequalities in child cognitive development and emotional health. *Social Science & Medicine, 58*(6), 1147.
- Nereo, N. E., Fee, R. J., & Hinton, V. J. (2003). Parental stress in mothers of boys with Duchenne muscular dystrophy. *Journal of Pediatric Psychology, 28*, 473–484.
- Neumann, R., Seibt, B., & Strack, F. (2001). The influence of mood on the intensity of emotional responses: disentangling feeling and knowing. *Cognition and emotion, 15*(6), 725-747.
- Niiya, Y., Ellsworth, P. C., & Yamaguchi, S. (2006). Amae in Japan and the United States: An exploration of a "culturally unique" emotion. *Emotion, 6*(2), 279-295.
- Ochsner, K. & Gross, J. (2005). The cognitive control of emotion. *Trends in Cognitive Sciences, 9*(5).
- Ochsner, K., Robertson, E, Chopra, S., Gabrieli, J. & Gross, J. (2004). For better or for worse: Neural systems supporting the cognitive down- and up-regulation of negative Emotion. *Neuroimage, 23*, 483–499.

- Olson, S., Bates, J., & Bayles, K. (1990). Early antecedents of childhood impulsivity: The role of parent-child interaction, cognitive competence, and temperament. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 18, 335-345.
- O'Leary, S. G., Slep, A. M., & Reid, M. J. (1999). A longitudinal study of mother's overreactive discipline and toddler's externalizing behavior. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 27(5), 331-341.
- Ostberg, M. (1998). Parental stress, psychosocial problems and responsiveness in helpseeking parents with small (2-45 month old) children. *Acta Paediatrica*, 87, 69-76.
- Ostberg, M., Hagekull, B. & Wettergren, S. (1997). A measure of parental stress in mother's with small children: dimensionality, stability and validity. *Scandinavian Journal of Psychology*, 38, 199-208.
- Ostberg, M., & Hagekull, B. (2000). A structural modeling approach to the understanding of parenting stress. *Journal of Clinical Child Psychology*, 29(4), 615-625.
- Pacheco, J. (2009). *Impacto diferencial da violência doméstica no funcionamento psicológico de crianças vítimas de violência indirecta e/ou directa*. Tese de mestrado não publicada. Instituto Superior Ciências da Saúde - Norte.
- Pan, B. A., Rowe, M. L., Spier, E., & Tamis-LeMonda, C. S. B. (2004). Measuring productive vocabulary of toddlers in low-income families: Concurrent and predictive validity of three sources of data. *Journal of Child Language*, 31, 587-608.
- Parke, R. D., Ornstein, P. A., Raiser, J. J. & Zahn-Waxler, C. (1993). *A century of developmental psychology*. Washington: American Psychological Association.
- Parke, R. D., & Buriel, R. (1998). Socialization in the family: Ethnic and ecological perspectives. In N. Eisenberg (Ed.), *Handbook of child psychology: Vol. 3. Social, emotional, and personality development*. Wiley: New York.
- Paugman, S. (1996). *L'exclusion: l'etat des savoirs*. Paris: Seuil
- Paugman, S. (1991). *La disqualification sociale: essai sur la nouvelle pauvreté*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Pederson, D. & Moran, G., (1995). A categorical description of infant-mother relationships in the home and its relation on Q-short measures of infant-mother interaction. *Monographs of Society of Research in Child Development*, 60 (2-3), 111-132.
- Petrini, J.C.(2003). *Pós-modernidade e família*. Ed. Edusc, Bauru.
- Petterson, S.M., & Albers, A. B. (2001). Effects of poverty and maternal depression on early child development. *Child Development*, 72, 1794-1813.
- Peterson, C., & Steen, T. (2002). Optimistic Explanatory Style. In C. R. Snyder & S. J. Lopez (Eds.), *Handbook of Positive Psychology*. (pp. 244-256). Oxford: University Press.

- Porges, S. W. (1997). Emotion: An Evolutionary By-Product of the Neural Regulation of the Autonomic Nervous System. *Annals of the New York Academy of Sciences: Integrative N*, 807(1), 62-77.
- Porges, S. W. (2007). The polyvagal perspective. *Biological Psychology*, 74, 116–143.
- Raikes, A. & Thompson, R.A., (2005). Efficacy and social support as predictors of parenting stress among families in poverty. *Infant Mental Health Journal*, 26(3), 177-190.
- Razzino, B. E., New, M., Lewin, A., & Joseph, J. (2004). Need for and use of mental health services among parents of children in a head start program. *Psychiatric Services*, 55(5), 583–586.
- Reece, S. M., & Harkless, G. (1998). Self-efficacy, stress, and parental adaptation: Applications to the care of childbearing families. *Journal of Family Nursing*, 4(2), 198– 215.
- Robinson, J.L., Emde, R.N., & Korfmacher, J. (1997). Integrating an emotional regulation perspective in a program of prenatal and early childhood home visitation. *Journal of Community Psychology*, 25(1), 59–75.
- Rothermund, K., Voss, A., & Wentura, D. (2008). Counter-regulation in affective attentional bias: A basic mechanism that warrants flexibility in motivation and emotion. *Emotion*, 8, 34-46.
- Rothbart, M. K., Ahadi, S. A. & Hershey, K. L. (1994) Temperament and social behaviour in childhood. *Merril-Palmer Quarterly*, 40, 1, 21-39.
- Rothbart, M. K., & Sheese, B. E. (2007). Temperament and emotion regulation. In J. J. Gross (Ed.), *The handbook of emotion regulation* (pp. 331-350). New York: The Guilford Press.
- Rutter, M. (1995). Clinical Implications of attachment concepts: Retrospect and prospect. *Journal of Child Psychology and Psychiatric*, 36, 549-571.
- Sable, P. (1992). Attachment theory: Application to clinical practice with adults. *Clinical Social Work Journal*, 20(3), 271-283.
- Sable, P. (1994). Separation anxiety, attachment, and agoraphobia. *Clinical Social Work Journal*, 22(4), 369-383.
- Sable, P. (1997). Attachment, detachment, and borderline personality disorder. *Psychotherapy*, 34(2), 171-181.
- Salovey, P., Mayer, J. D., Golman, S. L., Turvey, C., & Palfi, T. P. (1995). Emotional attention, clarity, and repair: Exploring emotional intelligence using the trait meta-mood scale. In J. W. Pennebaker (Ed.), *Emotion, disclosure, and health*. Washington, DC: American Psychological Association.

- Sameroff, A.J. & Fiese, B.H. (2000). Models of development and developmental risk. In C. Zeanah (Ed.), *Handbook of infant mental health*. New York: Guilford.
- Santos, S., Abidin, R. & Rocha, A. (2004). *PSI: Índice de Stress Parental: manual*. Portugal, CEGOC – Investigações e Publicações Psicológicas.
- Santrock, J. (1999). *Lifespan Development*. New York: McGraw-Hill.
- Sapolsky, R. M. (2007). Stress, stress-related disease, and emotional regulation. In J. J. Gross (Ed.), *Handbook of emotion regulation*. New York: Guilford Press.
- Scharfe, E. & Bartholomew, K. (1994). Reliability and stability of adult attachment patterns. *Personal Relationships, 1*, 23-43;
- Schore, A. N. (1997). Early organization of the nonlinear right brain and development of a predisposition to psychiatric disorders. *Develop. & Psychopathologie, 9*, 595–631.
- Schore, A. N. (2001). Effects of a secure attachment relationship on brain development, affect regulation, and infant mental health. *Infant Mental Health Journal, 22* (1-2), 7-66.
- Schore, A. N. (2005). Attachment, affect regulation, and the developing right brain: linking developmental neuroscience to pediatrics. *Pediatrics in Review, 26*, 204–212.
- Schore, A. N. (2008). Attachment trauma and the developing right brain: Origins of pathological dissociation. In P. F. Dell & J. A. O’Neil (Eds.), *Dissociation and the dissociative disorders: DSM-V and beyond*. Routledge, New York.
- Schwartz, C. E., Dorer, D. J., Beardslee, W. R., Lavori, P.W., & Keller, M. B. (1990). Maternal expressed emotion and parental affective disorder: Risk for childhood depressive disorder, substance abuse, or conduct disorder. *Journal of Psychiatric Research, 24*, 231–250.
- Secco, M. L., & Moffatt, M. E. (2003). Situational, maternal, and infant influences on parenting stress among adolescent mothers. *Issues in Comprehensive Pediatric Nursing, 26*, 102–122
- Seguin, L., Potvin, L., St-Denis, M., & Loiselle, J. (1999). Depressive symptoms in them late postpartum among low socioeconomic status women. *Birth, 26*(3), 157–163.
- Siegel, D. (1999). *The Developing Mind*. New York: Guilford Press.
- Soares, I. (1996). *Representação da vinculação na idade adulta e na adolescência: Estudo intergeracional mãe-filho*. Braga: Instituto de Educação e Psicologia.
- Shaver, P. R., Hazan, C., & Bradshaw, D. (1988). Love as attachment: The integration of three behavioral systems. In J. Sternberg & M. L. Barnes (Eds.), *The psychology of love*. New Haven, CT: Yale University Press.

- Shaver, P. R. & Mikulincer, M. (2002). Dialogue on adult attachment: Diversity and integration. *Attachment and Human Development*, 4 (2), 243-257.
- Simpson, J.A., Rholes, W.S., & Nelligan, J.S. (1992). Support seeking and support giving within couples in an anxiety-provoking situation: The role of attachment styles. *Journal of Personality and Social Psychology*, 62, 434-446.
- Slade, A. & Aber, L. (1987). *Parental representations of the child and the mother-child relationship and correlates*. Paper presented at the Fifth Biennial Training Institute of the National Center for Clinical Infant Programs. Washington, D.C.
- Sluzki, C. (1996). *La red social: Frontera de la practica sistematica*. Barcelona: Gedisa.
- Smith, T. B., Oliver, M. N. I., & Innocenti, M. S. (2001). Parenting stress in families of children with disabilities. *American Journal of Orthopsychiatry*, 71, 257–261.
- Sousa, L. (2005). Building on personal networks when intervening with multiproblem poor families. *Journal of Social Work Practice*, 19(2). 163-179.
- Sousa, L. & Matos, A. (2004). How multiproblem families try to find support in social services. *Journal of Social Work Practice*, 18 (1), 65-80.
- Sousa, L. & Eusebio, C. (2005). When multi-problem poor individuals' values meet practitioners' values! *Journal of Community & Applied Social Psychology*, 15, 353-367.
- Sroufe, L. A. (1996). *Emotional development: The organization of emotional life in the early years*. New York: Cambridge University Press.
- Strobel, P. (1995). De la Pauvreté à l'Exclusion: quelques questions theoriques. *Social Indicateurs, Problematic Issues, CE DG XII*, 35-36.
- Susman-Stillman, A., & Siebenbruner, J. (2003). For better or for worse: An ecological perspective on parents' relationships and parent-infant interaction. *Zero To Three*, 23(3), 2–12.
- Targosz, S., Bebbington, P., Lewis, G., Brugha, T., Jenkins, R., Farrell, M., & Meltzer, H. (2003). Lone mothers, social exclusion, and depression. *Psychological Medicine*, 33, 715–722.
- Taylor, R. (1997). The effects of economic and social stressors on parenting and adolescent adjustment in African-American families. In R. Taylor & M. Wang (Eds.), *Social and emotional adjustment and family relations in ethnic minority families*. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Taylor, S. E. & Lobel, M. (1989). Social comparison activity under threat: Downward evaluation and upwards contacts. *Psychology Review*, 96, 569 – 575.

- Tessier, R., Piche, C., Tarabulsy, G. M., & Muckle, G. (1992). Mothers' experiences of stress following the birth of a first child: Identification of stressors and coping resources. *Journal of Applied Social Psychology, 22*(17), 1319–1339.
- Thompson, R. A. (1990). Emotion and self regulation. In R. A. Thompson (Ed.), *Socioemotional development. Nebraska symposium on motivation, 36*, 367-467. Lincoln, NE: University of Nebraska Press.
- Thompson, R.A. (1995). *Preventing child maltreatment through social support*. Thousand Oaks, CA: Sage.
- Turk, C. L., Heimberg, R. G., Luterek, J. A., Mennin, D. S., & Fresco, D. M. (2005). Emotion dysregulation in Generalized Anxiety Disorder: A comparison with Social Anxiety Disorder. *Cognitive Therapy and Research, 29*(1), 89-106.
- UNICEF (2007). *Children's Poverty in Perspective: An Overview of Child Well Being in Rich Countries*. Innocenti Report Card7. Unicef Innocenti Research Centre, Florence.
- Utting, W. B. (1991), *Children in the Public Care (The Utting Report)*, London: HMS
- Valiente, C., Lemery-Chalfant, K., & Reiser, M. (2007). Pathways to Problem Behaviors: Chaotic Homes, Parent and Child Effortful Control and Parenting. *Social Development, 16* (2).
- Vega, S. (1997). Instrumentos de trabajo. En M. Coletti & J. Linares (Eds.), *La intervencion sistematica en los servicios sociales ante la familia multiproblematica: La experiencia de Ciutat Vella* (pp. 167-200). Barcelona: Paidos Terapia Familiar.
- Vilarinho, S.M. (2003). *Estratégias de Vinculação e Acontecimentos Emocionais nas Perturbações do Comportamento Alimentar*. Tese de Mestrado não publicada. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, Portugal.
- Visconti, K. J., Saudino, K. J., Rappaport, L. A., Newburger, J. W., & Bellinger, D. C. (2002). Influence of parental stress and social support on the behavioural adjustment of children with transposition of the great arteries. *Developmental and Behavioral Pediatrics, 23*(5), 314–321.
- Volling, B. L., McElwain, N. L., & Miller, A. L. (2002). Emotion regulation in context: The jealousy complex between young siblings and its relations with child and family characteristics. *Child Development, 73*, 581–600.
- Vostanis, P., Nicholls, J., & Harrington, R. (1994). Maternal expressed emotion in conduct and emotional disorders of childhood. *Journal of Child Psychology and Psychiatry, 35*, 365–376.

- Wachs, T. D. (2000). *Necessary but not sufficient: The respective roles of single and multiple influences on individual development*. Washington, DC: American Psychological Association.
- Wahler, R. G. M. (1997). Strengthening child compliance through positive parenting practices: What works? *Journal of Clinical Child Psychology*, 26(4), 433–440.
- Walker, L. O., Crain, H., & Thompson, E. (1986). Maternal role attainment and identity in the postpartum period: Stability and change. *Nursing Research*, 35(2), 68–71.
- Walker, L. O., & Montgomery, E. (1994). Maternal identity and role attainment: Longterm relations to child development. *Nursing Research*, 43(2), 105–110.
- Walling, B., Mills, R. & Freeman, W. (2007). Parenting Cognitions Associated with the Use of Psychological Control. *Journal Child Family Study*, 16, 642–659.
- Walsh, F. (2004). *Resiliencia familiar: Estrategias para su fortalecimiento*. Buenos Aires: Amorrortu.
- Warfield, M. E. (2005). Family and work predictors of parenting role stress among two earner families of children with disabilities. *Infant and Child Development*, 14, 155–176.
- Waters, E., Vaughn, B & Egeland, B. (1980). Individual differences in infant-mother attachment relationship at age one: Antecedents in neonatal behavior in an urban, economically disadvantaged sample. *Child Development*, 51(1), 208-216.
- Wearden, A. J., Tarrier, N., Barrowclough, C., Zastowny, T. R., & Rahill, A. A. (2000). A review of expressed emotion research in health care. *Clinical Psychology Review*, 20, 633–666.
- Webster-Stratton, C. (1990). Stress: A potential disruption of parent perceptions and family interactions. *Journal of Clinical Child Psychology*, 19, 302–312.
- Weinraub, M., & Wolf, B. M. (1983). Effects of stress and social supports on motherchild interaction in single and two parent families. *Child Development*, 54, 1297– 1311.
- Weiss, R. S. (1991). The attachment bond in childhood and adulthood. In P. Marris, J. Stevenson-Hinde & C. Parkes (Eds.), *Attachment across the life cycle*. New York: Routledge.
- Weizman, J. (1985). Engaging the severely dysfunctional family in treatment: basic considerations. *Family Process*, 24, 473-485.
- Wrate, R. M., Rooney, A. C., Thomas, P. F., & Cox, J. F. (1985). Postnatal depression and child development. *British Journal of Psychiatry*, 146, 622–627.
- Xiberras, M. (1994). Les théories de l'exclusion: pour um construction de l'imaginaire de la déviance. Paris: Méridiens Klincksieck.

- Yazbeck, M. C. (2003). *Classes subalternas e assistência social*. (4ª ed.). São Paulo: Edições Cortez.
- Younger, J. B. (1991). A model of parenting stress. *Research in Nursing & Health*, 14, 197–204.
- Zahn-Waxler, C., Klimes-Dougan, B., & Slattery, M. J. (2000). Internalizing problems of childhood and adolescence: Prospects, pitfalls, and progress in understanding the development of anxiety and depression. *Development and Psychopathology*, 12, 443–466.
- Zimmermann, P. (1999). Structure and functions of internal working models of attachment and their role for emotion regulation. *Attachment & Human Development*, 1(3), 291–306.
- Zuravin, S. J. (1989). Severity of maternal depression and three types of mother-to-child aggression. *American Journal of Orthopsychiatry*, 59(3), 377–389

ANEXOS



Estudo sobre Regulação Emocional e Stress Parental

A presente investigação permitirá a recolha de dados para um estudo acerca da ligação entre os processos de Regulação Emocional e os Índices de Stress Parental em Famílias em Risco de Exclusão Social. Estes dados contribuirão para uma melhor compreensão e aperfeiçoamento ao nível da avaliação e intervenção psicoterapêuticas em Famílias de Risco.

Desde já Agradecemos a sua Colaboração!

Nome criança / Nr.º Atribuído ao Participante: _____.

Data ____/____/____

Local/ Instituição: _____.

Estudo sobre Emoções e Parentalidade

TERMO DE CONSENTIMENTO

Eu, _____, após ser devidamente informada sobre os objectivos e sobre o protocolo de investigação, declaro que aceitei participar de livre vontade no estudo que está a ser realizado sobre a Regulação das Emoções e as Preocupações Parentais, pela Unidade de Investigação em Psicologia e Saúde (UniPSa) do ISCSN.

Além disso, declaro que estou informada de que poderei desistir de participar no estudo, se assim desejar, comprometendo-me por isso a contactar a Equipa de Investigação para informar dessa decisão (Dr.^a Sandra Nogueira – 255 215 272).

Neste estudo procura-se obter diversos dados da população para recolher indicadores que permitam compreender melhor a ligação existente entre a Regulação das Emoções e as Preocupações Parentais.

_____, ____ de _____ de 2010

Assinatura: _____.

A investigadora responsável: _____.

**Anexo 2: Questionário Sócio Demográfico
para Técnicos**

Caracterização da Situação Familiar e Social de Famílias em Risco de Exclusão Social

1. Caracterização dos Progenitores

Mãe/Substituta Materna

Nome: _____

Freguesia: _____

Data Nascimento: ____/____/____. Idade: _____.

Nacionalidade: _____

Profissão: _____

Pai/Substituto Paterno

Nome: _____

Freguesia: _____

Data Nascimento: ____/____/____. Idade: _____.

Nacionalidade: _____

Habilitações literárias	Mãe/Subs. Materna	Pai/Subs. Paterno
Analfabetismo		
Ensino primário incompleto		
1º ciclo completo		
2º ciclo completo		
Escolaridade obrigatória (9º ano);		
Ensino secundário completo (12º ano);		
Ensino universitário (licenciatura ou bacharelato de curso superior)		

Situação Profissional	Mãe/Subs. Materna	Pai/Subs. Paterno	Duração da situação Profissional (anos, meses, etc)
Empregado (a)			
Desempregado (a)			
Doméstica (o)			
Pensionista			
Estudante			
Beneficiário de RSI			
Outro. Qual?			

Profissão: _____

Estado Civil	Mãe/Subs. Materna	Pai/Subs.Paterno
Solteiro (a)		
Casado (a)		
Divorciado (a)		
Separado (a)		
Viúvo (a)		
União de facto		

Identificação dos restantes elementos do Agregado Familiar							
Parentesco	Sexo	Data Nascimento	Estado Civil	Habilitações	Ocupação	Elemento c/ problema na justiça	Outra (s) Situações
1.Mãe/subst. materno							
2. Pai/subst. paterno							
3							
4							
5							
6							
7							
8							

2. Identificação do Agregado Familiar			
Tipologia do Agregado Familiar	(X)	Tipologia do Agregado Familiar	(X)
Família Nuclear		Família Alargada	
Núcleo Monoparental Feminino		Família Reconstituídas	
Núcleo Monoparental Masculino		Famílias de Substituição	
		Outra(s). Qual? _____	

3. Identificação Habitacional

Tipo de Habitação		Regime de Ocupação		Conforto e Salubridade	
Casa Unifamiliar		Própria		Água Canalizada	
Apartamento / Andar		Arrendada		Electricidade	
Parte de Casa		Cedida com a presença do dono da casa		Esgotos (similar)	
Habitação Social		Cedida sem a presença do dono da casa		Cozinha	
Tenda/Barraca		Ocupada		WC	
Sem Abrigo		Outra		Outra	
Outras				Nº Divisões da Casa	

Estado Conservação		Condições de Acessibilidade		Zona Residencial	
Bom Estado		Barreiras Arquitectónicas		Rural	
Estado de Conservação Razoável		Transportes Públicos		Periferia Rural	
Degradado Interior		Transportes Próprios		Centro urbano	
Degradado Exterior		Outros Problemas de Acessibilidade		Periferia Urbana	
Degradado Exterior e no Interior					
Em Ruína					
Outra					

4. Identificação dos Problemas de Saúde no Agregado Familiar

Identificação dos Problemas de Saúde nos Elementos do Agregado Familiar						
Elemento	Problema de Saúde Diagnosticado	Número de Hospitalizações/ Internamentos	Elemento com Doença Infecto-Contagiosa	Elemento portador de deficiência: Tipo de Deficiência	Incapacidade para o trabalho / Invalidez	Outra(s) Situações
1.Mãe/subst. materno						
2. Pai/subst. paterno						
3						
4						
5						
6						

Identificação de Problemas no Agregado Familiar								
Elemento	Problemas Alimentares	Problemas no Sono	Problemas de álcool / drogas	Distúrbios Emocionais / Psíquicos	Problemas de conduta	Abandono Escolar	Isolamento Social	Outro (s) Quais?
1.Mãe/subst. materno								
2. Pai/subst. paterno								
3								
4								
5								
6								
7								
8								

Identificação dos Serviços de Saúde Utilizados						
Elemento	Centro de Saúde Residência	Hospital Zona de Residência. Especialidade	Hospital Central Qual? Especialidade?	Centro de Respostas Integradas (CRI)	Grupos de Suporte Qual? Onde?	Outros Serviços Quais?
1.Mãe/subst. materno						
2. Pai/subst. paterno						
3						
4						
5						
6						
7						
8						

5. Serviços que Prestam Acompanhamento ao Agregado

Elemento	Acção Social	RSI	CPCJ	EMAT	DGRS	Outros (s)	Motivo do acompanhamento
1.Mãe/subst. materno							
2. Pai/subst. paterno							
3							
4							
5							
6							
7							
8							
9							
10							

6. Processo Acompanhados em CPCJ's ou EMAT's

Intervenção por entidade com competência em matéria de infância e juventude

Intervenção da Comissão de Protecção de Crianças e Jovens em Risco

Medida de Promoção e de Protecção:

Não

Sim Qual? _____.

Intervenção ao nível da EMAT

Intervenção Tutelar Educativa:

Não

Sim Qual? _____.

Medida Tutelar Educativa:

Não

Sim Qual? _____.

7. Indicadores de Disfunção Familiar

Condições Económicas do Agregado Familiar	Sim	Não	N.S.
1. Situação Económica Precária			
2. Instabilidade no Emprego			
3. Desorganização na Gestão Doméstica			
4. Ajudas Económicas Pontuais			
5. Ajudas Económicas Permanentes			
6. Outra (s)			

Organização Familiar	Sim	Não	N.S.
7. Desorganização Habitacional			
8. Falta de Higiene Habitacional			
9. Mudanças Frequentes de Habitação			
10. Desorganização na Confecção de Refeições			
11. Falta de Higiene nos elementos do Agregado Familiar			
12. Outra (s)			

Antecedentes de Risco na História de Vida dos Pais	Sim		Não		N.S.	
	Mãe	Pai	Mãe	Pai	Mãe	Pai
13. História Pessoal de Maus Tratos Físicos						
14. História Pessoal de Abandono						
15. Antecedentes de Conduta Violenta/ Anti-social						
16. Antecedentes de Problemas Psíquicos						
17. Abuso de drogas/alcoolismo						
18. Outro (s)						

Descreva de que forma as afirmações apresentadas (primeira coluna à esquerda) acerca das diversas relações se adequam ou não à família que está a ser caracterizada. Em caso afirmativo, utilize a escala de 1 a 5 valores (em que 1 é nada significativo e 5 é muito significativo) para expressar o grau em que isso acontece.

Qualidade da Relação Familiar	Sim	Não	N.S.	Nada Significativo (1)	(2)	Razoavelmente Significativo (3)	(4)	Muito Significativo (5)
19. Relação Conjugal Instável								
20. Relação Conjugal Violenta								
21. Relação Pais - Filhos Conflituosa								
22. Relações Conflituosas entre Irmãos								
23. Relações Conflituosas com a Família Alargada								
24. Outra (s)								

Descreva de que forma as afirmações apresentadas (primeira coluna à esquerda) se adequam ou não à família que está a ser caracterizada. Em caso afirmativo, utilize a escala de 1 a 5 valores (em que 1 é nada significativo e 5 é muito significativo) para expressar o grau em que isso acontece.

	Sim	Não	N.S.	Nada Significativo (1)	(2)	Razoavelmente Significativo (3)	(4)	Muito Significativo (5)
25. Falta de Cuidados com a Higiene dos Menores								
26. Falta de Cuidados com o Estado de Saúde dos Menores								
27. Desinteresse com a Educação dos Menores								
28. Falta de Regras e Limites na Educação dos Menores								
29. Regras Excessivamente Rígidas na Educação dos Menores								
30. Negligência dos pais nos Deveres de Protecção dos Menores								
31. Uso da Punição Física								
32. Uso da Agressão Verbal								
33. Incitamento de Delinquência ou outros Comportamentos de Risco								
34. Indícios de Abusos Sexuais								

**Anexo 3: Entrevista de Caracterização
Familiar para Mães**

Escala de Caracterização Familiar para Mães

Acontecimentos de Vida Stressantes

As afirmações que se seguem dizem respeito a acontecimentos de vida. Tem duas possibilidades de resposta para cada afirmação Sim (S) ou Não (N). Durante os últimos doze meses ocorreu na sua família próxima algum dos seguintes acontecimentos?

	Sim	Não
1. Mudança de residência.		
2. Promoção no emprego.		
3. Diminuição substancial do rendimento familiar.		
4. Problemas de droga ou alcoolismo.		
5. Desemprego.		
6. Divórcio.		
7. Reconciliação do casal.		
8. Casamento.		
9. Separação do casal.		
10. Ausências temporárias por motivo de trabalho.		
11. Gravidez.		
12. Nascimento de outro filho.		
13. Uma pessoa de família mudou-se para vossa casa.		
14. O rendimento familiar aumentou substancialmente.		
15. Dívidas.		
16. Morte de um amigo chegado à família.		
17. Entrada num novo emprego.		
18. Matrícula ou transferência para outra escola.		
19. Problemas com superiores, no trabalho.		
20. Problemas com professores, na escola.		
21. Problemas Judiciais.		
22. Doença Psiquiátrica.		
23. Familiar Preso.		
24. Morte de um membro da família próximo.		
25. Doença ou incapacidade com invalidez e recidiva crónica.		
26. Hospitalizações frequentes.		
27. Abandono do cônjuge.		
28. Aborto.		
29. Gravidez não desejada.		
30. Despejo de casa.		
31. Nascimento de filho com deficiência.		
32. Prostituição.		
33. Outra(s)		

Escala de Funções da Rede de Suporte Social da Família

São apresentados a seguir diferentes tipos de ajuda que, por exemplo, existem para dar resposta a determinadas necessidades. Por favor assinale a alternativa que melhor traduz em que medida tem beneficiado de cada um dos seguintes tipos de ajuda ou de apoio. Para cada item indique ainda a(s) pessoa(s) (ex: pai, mãe, irmão, vizinho, amigo, etc.) ou instituições (ex: escola, cruz vermelha, polícia, segurança social, etc.) a quem pede ajuda.

	Nunca	Raramente	Por Vezes	Muitas Vezes	Muitíssimas Vezes	A Quem Pede Ajuda
1. Alguém para falar acerca daquilo que a(o) preocupa.						
2. Alguém que a(o) ajude a tomar conta do(s) seu(s) filho(s).						
3. Alguém a quem possa pôs questões acerca da educação do(s) seu(s) filho(s).						
4. Alguém que lhe possa emprestar dinheiro em caso de necessidade						
5. Alguém que a(o) encoraje ou a (o) incentive quando as coisas parecem difíceis.						
6. Alguém que a(o) ajude nas tarefas domésticas.						
7. Alguém com quem de descontraia ou de divirta.						
8. Alguém que o entretenha o(s) seu(s) filho(s) (brinque, faça jogos, organize passeios, etc).						
9. Alguém que assegure meio de transporte para si ou para o(s) seu(s) filho(s) (por exemplo: no caso de uma urgência).						
10. Alguém que resolva os seus assuntos quando não pode.						
11. Alguém que a(o) informe de serviços úteis para o(s) seu(s) filho(s) ou para a sua família.						
12. Outro(s) tipo(s) de apoio(s)						

Anexo 4: Escala de Dificuldades de Regulação Emocional (EDRE)

Escala de Dificuldades na Regulação Emocional (EDRS)

(Gratz, K & Roemer, L. 2004)

(Adaptado para a População Portuguesa por Machado Vaz, F. & Branco Vasco, A., Greenberg, L. 2010)

Instruções: Por favor indique com que frequência as seguintes afirmações se aplicam a si, com base na seguinte escala de 1 a 5, fazendo um círculo, no valor seleccionado, na linha ao lado de cada item.

1	2	3	4	5
Quase Nunca (0-10%)	Algumas vezes (11-35%)	Cerca de metade do tempo (36-65%)	A maioria do tempo (66-90%)	Quase Sempre (91-100%)

1. É claro para mim aquilo que estou a sentir	1	2	3	4	5
2. Eu presto atenção a como me sinto	1	2	3	4	5
3. Eu experiencio as minhas emoções como avassaladoras e fora de controlo	1	2	3	4	5
4. Não tenho ideia nenhuma de como me estou a sentir	1	2	3	4	5
5. Tenho dificuldade em atribuir um significado aos meus sentimentos	1	2	3	4	5
6. Sou atento aos meus sentimentos	1	2	3	4	5
7. Sei exactamente como me estou a sentir	1	2	3	4	5
8. Preocupo-me com aquilo que estou a sentir	1	2	3	4	5
9. Estou confuso acerca do que sinto	1	2	3	4	5
10. Quando estou emocionalmente incomodado, reconheço as minhas emoções	1	2	3	4	5
11. Quando estou emocionalmente incomodado, fico zangado comigo próprio por me sentir dessa forma	1	2	3	4	5
12. Quando estou emocionalmente incomodado, fico envergonhado por me sentir dessa forma	1	2	3	4	5
13. Quando estou emocionalmente incomodado, tenho dificuldade em ter o trabalho feito	1	2	3	4	5
14. Quando estou emocionalmente incomodado, fico fora de controlo	1	2	3	4	5
15. Quando estou emocionalmente incomodado, acredito que me irei manter dessa forma durante muito tempo	1	2	3	4	5
16. Quando estou emocionalmente incomodado, acredito que acabarei por me sentir muito deprimido	1	2	3	4	5

17. Quando estou emocionalmente incomodado, acredito que os meus sentimentos são válidos e importantes	1	2	3	4	5
18. Quando estou emocionalmente incomodado, tenho dificuldade em focar em outras coisas	1	2	3	4	5
19. Quando estou emocionalmente incomodado, sinto-me fora de controlo	1	2	3	4	5
20. Quando estou emocionalmente incomodado, ainda consigo fazer as coisas	1	2	3	4	5
21. Quando estou emocionalmente incomodado, sinto-me envergonhado comigo mesmo por me sentir dessa forma	1	2	3	4	5
22. Quando estou emocionalmente incomodado, sei que consigo encontrar uma forma para eventualmente me sentir melhor	1	2	3	4	5
23. Quando estou emocionalmente incomodado, sinto que sou fraco	1	2	3	4	5
24. Quando estou emocionalmente incomodado, sinto que consigo manter o controlo dos meus comportamentos	1	2	3	4	5
25. Quando estou emocionalmente incomodado, sinto-me culpado por me sentir dessa forma	1	2	3	4	5
26. Quando estou emocionalmente incomodado, tenho dificuldade em concentrar	1	2	3	4	5
27. Quando estou emocionalmente incomodado, tenho dificuldade controlar os meus comportamentos	1	2	3	4	5
28. Quando estou emocionalmente incomodado, acredito que não há nada que possa fazer para me fazer sentir melhor	1	2	3	4	5
29. Quando estou emocionalmente incomodado, fico irritado comigo próprio por me sentir dessa forma	1	2	3	4	5
30. Quando estou emocionalmente incomodado, começo a sentir-me mesmo mal comigo próprio	1	2	3	4	5
31. Quando estou emocionalmente incomodado, acredito que permitir o que estou a sentir é tudo o que posso fazer	1	2	3	4	5
32. Quando estou emocionalmente incomodado, perco o controlo sobre os meus comportamentos	1	2	3	4	5
33. Quando estou emocionalmente incomodado, tenho dificuldades em pensar acerca de outra coisa qualquer	1	2	3	4	5
34. Quando estou emocionalmente incomodado, paro um tempo, para perceber o que estou mesmo a sentir.	1	2	3	4	5
35. Quando estou emocionalmente incomodado, demoro muito tempo para me sentir melhor	1	2	3	4	5
36. Quando estou emocionalmente incomodado, as minhas emoções parecem avassaladoras	1	2	3	4	5

Anexo 5: Escala de Vinculação para Adultos (EVA)

Escala de Vinculação do Adulto

EVA - M.C. Canavarro, 1995; Versão Portuguesa da *Adult Attachment Scale-R*; Collins & Read, 1990

Por favor leia com atenção cada uma das afirmações que se seguem e assinale o grau em que cada uma descreve a forma como se sente em relação às relações afectivas que estabelece. Pense em todas as relações (passadas e presentes) e responda de acordo com o que geralmente sente. Se nunca esteve afectivamente envolvido com um parceiro, responda de acordo com o que pensa que sentiria nesse tipo de situação.

	Nada característico em mim	Pouco característico em mim	Característico em mim	Muito característico em mim	Extremamente característico em mim
1. Estabeleço, com facilidade, relações com as pessoas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. Tenho dificuldade em sentir-me dependente dos outros.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. Costumo preocupar-me com a possibilidade dos meus parceiros não gostarem verdadeiramente de mim.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. As outras pessoas não se aproximam de mim tanto quanto eu gostaria.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. Sinto-me bem dependendo dos outros.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6. <u>Não</u> me preocupo pelo facto das pessoas se aproximarem muito de mim.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7. Acho que as pessoas nunca estão presentes quando são necessárias.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8. Sinto-me de alguma forma <u>desconfortável</u> quando me aproximo das pessoas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9. Preocupo-me frequentemente com a possibilidade dos meus parceiros me deixarem.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10. Quando mostro os meus sentimentos, tenho medo que os outros não sintam o mesmo por mim.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11. Pergunto frequentemente a mim mesmo se os meus parceiros realmente se importam comigo.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12. Sinto-me bem quando me relaciono de forma próxima com outras pessoas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
13. Fico <u>incomodado</u> quando alguém se aproxima emocionalmente de mim.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
14. Quando precisar, sinto que posso contar com as pessoas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
15. Quero aproximar-me das pessoas mas tenho medo de ser magoado(a).	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
16. Acho difícil confiar completamente nos outros.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
17. Os meus parceiros desejam frequentemente que eu esteja mais próximo deles do que eu me sinto confortável em estar.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
18. Não tenho a certeza de poder contar com as pessoas quando precisar delas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

CADERNO DE APLICAÇÃO

Índice de Stress Parental (PSI)

Parenting Stress Index

Richard R. Abidin



Autor: Richard R. Abidin
Copyright © 1983, 1990, 1995 by Psychological Assessment Resources, Inc., Odessa, Florida.
Copyright © 2003 by CEGOC-TEA, para a adaptação portuguesa. Adaptação portuguesa de Salomé Vieira Santos.
Edição CEGOC-TEA: Av. António Augusto Aguiar, nº 21 - 2º, 1050-012 Lisboa.
Depósito legal: 203868/03

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução total ou parcial, sob qualquer forma ou meio, nomeadamente fotocópia. As infracções serão penalizadas nos termos da legislação em vigor.

Este exemplar está impresso a tinta azul e laranja. Se lhe apresentarem um exemplar apenas a negro é uma reprodução ilegal, não a utilize.

INSTRUÇÕES

Na Folha de Resposta do PSI escreva, por favor, o seu nome, sexo, idade, estado civil, habilitações literárias e profissão, e o nome, sexo e idade da criança; escreva ainda a data de hoje. Nessa Folha assinale, por favor, todas as suas respostas. **NÃO ESCREVA NADA NESTE CADERNO.**

Este questionário contém 132 afirmações. Leia cada uma delas cuidadosamente. Para cada afirmação, centre-se, por favor, no filho ou filha que a/o preocupa, e faça um círculo a rodear a resposta que melhor exprime a sua opinião, utilizando o seguinte procedimento:

- Faça um círculo em CC se **Concorda Completamente** com a afirmação.
- Faça um círculo em C se **Concorda** com a afirmação.
- Faça um círculo em NTC se **Não Tem a Certeza**.
- Faça um círculo em D se **Discorda** da afirmação.
- Faça um círculo em DC se **Discorda Completamente** da afirmação.

Por exemplo, se gosta de ir ao cinema às vezes, deverá fazer um círculo em redor de C, como resposta à seguinte afirmação:

Gosto de ir ao cinema. CC NTC D DC

Se não conseguir encontrar uma resposta que expresse exactamente o que sente, assinale, por favor, aquela que mais se aproxima daquilo que sente. **NÃO PENSE MUITO, RESPONDA A PRIMEIRA COISA QUE LHE OCORRER.**

Assinale apenas uma resposta para cada afirmação e responda a todas as questões. Se quiser alterar uma resposta faça um “X” sobre a resposta incorrecta e assinale com um círculo a resposta correcta. Por exemplo:

Gosto de ir ao cinema. CC NTC D DC

**NÃO ESCREVA NADA NESTE CADERNO.
DÊ AS SUAS RESPOSTAS NA FOLHA DE RESPOSTAS.**

CC	Concordo completamente	C	Concordo	NTC	Não tenho a certeza	D	Discordo	DC	Discordo completamente
----	------------------------	---	----------	-----	---------------------	---	----------	----	------------------------

- 1 Quando ele/a quer alguma coisa, não desiste até conseguir.
- 2 É tão irrequieto/a que me esgota.
- 3 Parece descontrolado/a e distrai-se por tudo e por nada.
- 4 Comparando-o/a com outras crianças, acho que tem mais dificuldade do que elas em se concentrar e em prestar atenção.
- 5 Entretem-se sozinho/a com os seus brinquedos.
- 6 Afasta-se de nós, sem que saibamos para onde, mais do que eu esperava.
- 7 É mais mexido/a do que eu esperava que fosse.
- 8 É fácil de convencer quando lhe negamos alguma coisa.
- 9 Raramente faz coisas que me deixem contente.
- 10 Em geral, sinto que gosta de mim.
- 11 Por vezes sinto que não gosta de mim e que não gosta de estar comigo.
- 12 Ri-se para mim menos do que eu esperava.
- 13 Quando trato das coisas para ele/a, tenho a sensação de que o meu esforço não é muito apreciado.

Para a questão 14, escolha uma resposta entre as possibilidades de resposta 1 a 4 abaixo indicadas.

- 14 Qual das frases descreve melhor a criança?
- quase sempre gosta de conversar comigo1
 - algumas vezes gosta de conversar comigo2
 - geralmente não gosta de conversar comigo3
 - quase nunca gosta de conversar comigo4

Para a afirmação 15, escolha uma resposta entre as possibilidades de resposta 1 a 5 abaixo indicadas.

- 15 Implica ou chora:
- muito menos do que eu esperava1
 - menos do que eu esperava2
 - tanto quanto eu esperava3
 - muito mais do que eu esperava4
 - constantemente5

Continua na página seguinte.

CC	Concordo completamente	C	Concordo	NTC	Não tenho a certeza	D	Discordo	DC	Discordo completamente
16	Parece implicar e/ou chorar mais do que a maior parte das crianças.								
17	Geralmente acorda de mau humor.								
18	Está muitas vezes mal disposto/a e descontrola-se com facilidade.								
19	É mais desobediente do que as outras crianças.								
20	Tem um aspecto físico um pouco diferente do que eu esperava e isso, às vezes, custa-me.								
21	Em algumas coisas parece ter esquecido o que aprendeu e comporta-se como uma criança mais pequena.								
22	Parece ter mais dificuldade em aprender do que a maior parte das crianças.								
23	Parece ser menos sorridente do que a maior parte das crianças.								
24	Faz coisas que me aborrecem muito.								
25	Não é tão capaz e desembaraçado/a quanto eu esperava.								
26	Não gosta muito que lhe façam festas nem de beijos e abraços.								
27	Quando voltou da maternidade tive dúvidas acerca da minha capacidade para cuidar dele/a.								
28	Criar um filho é mais difícil do que eu julgava.								
29	Quando estávamos à espera desta criança tivemos muitos problemas.								
30	Quando estou a cuidar dele/a ou de coisas para ele/a sinto-me à vontade e realizada/o como pessoa.								
31	Sempre que há alterações de horário ou mudanças no lugar das coisas, ele/a tem bastante dificuldade em se habituar.								
32	Reage intensamente quando acontece alguma coisa que lhe desagrada.								
33	Deixá-lo/a ao cuidado de outra pessoa, mesmo sendo conhecida, é um problema.								
34	Descontrola-se com a mais pequena coisa.								
35	Repara em tudo e assusta-se com facilidade.								
36	Quando era pequeno/a foi difícil estabelecer horários regulares para comer e dormir.								

Continua na página seguinte.

CC	Concordo completamente	C	Concordo	NTC	Não tenho a certeza	D	Discordo	DC	Discordo completamente
----	------------------------	---	----------	-----	---------------------	---	----------	----	------------------------

37 Geralmente evita um brinquedo novo durante algum tempo antes de começar a brincar com ele.

38 É difícil habituar-se a coisas ou a situações novas e leva muito tempo a consegui-lo.

39 Não fica à vontade quando encontra estranhos a quem, por qualquer circunstância, tem que falar.

40 Parece não gostar de conviver com outras crianças.

Para a afirmação 41, escolha uma resposta entre as possibilidades de resposta 1 a 4 abaixo indicadas.

- 41 Quando está descontrolado/a:
- é fácil de acalmar1
 - é mais difícil de acalmar do que eu esperava2
 - é muito difícil de acalmar3
 - nada do que eu faça consegue acalmá-lo/a4

Para a afirmação 42, escolha uma resposta entre as possibilidades de resposta 1 a 5 abaixo indicadas.

- 42 Levá-lo/a a fazer alguma coisa ou a interromper qualquer coisa:
- muito mais difícil do que eu esperava1
 - é um pouco mais difícil do que eu esperava2
 - é tão difícil quanto eu esperava3
 - é mais fácil do que eu esperava4
 - é muito mais fácil do que eu esperava5

Para a questão 43, escolha uma resposta entre as possibilidades de resposta 1 a 5 abaixo indicadas.

- 43 Pense cuidadosamente e conte o número de coisas que ele/a faz e que a/o aborrecem (por exemplo: fazer ronha; não ouvir o que se lhe diz; não parar quieto/a; chorar; interromper; brigar; fazer lamúrias, etc). Por favor, assinale o número correspondente à contagem que fez:
- 1-31
 - 4-52
 - 6-73
 - 8-94
 - 10 ou mais5

44 Faz coisas que eu não suporto.

45 Tem tido mais problemas de saúde do que eu esperava.

46 À medida que vai crescendo e se vai tornando mais independente, sinto cada vez mais receio de que ele/a possa aleijar-se ou meter-se em complicações.

Continua na página seguinte.

CC	Concordo completamente	C	Concordo	NTC	Não tenho a certeza	D	Discordo	DC	Discordo completamente
----	------------------------	---	----------	-----	---------------------	---	----------	----	------------------------

- 47 Ele/a saiu-me um problema muito mais complicado do que eu esperava.
- 48 Parece muito mais difícil de cuidar do que a maior parte das crianças.
- 49 Anda sempre agarrado/a a mim.
- 50 Exige mais de mim do que as crianças costumam exigir dos pais.
- 51 Não consigo tomar decisões sem ajuda.
- 52 Tenho tido muito mais problemas em criar os filhos do que eu esperava.
- 53 Tenho prazer em ser mãe/pai.
- 54 A maior parte das vezes sinto que sou bem sucedida/o quando procuro levá-lo/a a fazer (ou a não fazer) alguma coisa.
- 55 Percebo que tenho mais dificuldade em cuidar desta criança desde o nascimento do meu último filho/a. Preciso de ajuda.
- 56 Muitas vezes sinto que me desenvolvo mal das coisas que vão acontecendo.
- 57 Tenho que me controlar para não lhe estar sempre a bater (e/ou castigar).

Para a afirmação 58, escolha uma resposta entre as possibilidades de resposta 1 a 5 abaixo indicadas.

- 58 Quando penso em mim como mãe/pai acho que:
 - sei lidar com qualquer coisa que aconteça1
 - sei lidar bastante bem com a maior parte das coisas2
 - lido sem problemas com a maior parte das coisas, ainda que às vezes tenha dúvidas3
 - tenho dúvidas sobre a minha maneira de lidar com as coisas4
 - não sou capaz de lidar muito bem com as coisas5

Para a afirmação 59, escolha uma resposta entre as possibilidades de resposta 1 a 5 abaixo indicadas.

- 59 Sinto que:
 - sou uma ótima mãe/pai1
 - sou uma mãe/pai melhor do que a maioria2
 - sou uma mãe/pai igual aos outros3
 - sou uma pessoa que tem alguma dificuldade em ser mãe/pai4
 - não sou lá muito boa mãe/pai5

Continua na página seguinte.

CC Concordo completamente C Concordo NTC Não tenho a certeza D Discordo DC Discordo completamente

- 60 Desde cedo que insiste em vestir-se sozinho/a.
- 61 Reclama que quer tomar banho sozinho/a.
- 62 Nunca me preocupei em ensiná-lo/a a vestir-se e a tomar banho sozinho/a.
- 63 Quer comer sozinho/a, mas eu prefiro ajudá-lo/a por ser mais rápido dar-lhe o comer à boca.
- 64 Não gosta de se sentir vigiado/a nas suas brincadeiras.
- 65 Em casa, acho importante que ele/a se habitue a ajudar em tarefas simples.
- 66 Nunca achei muito importante que ele/a convivesse com outras crianças.
- 67 Gosta de brincar com outras crianças fora de casa, mas eu evito deixá-lo/a porque tenho medo.

Para a questão 68, escolha uma resposta entre as possibilidades de resposta 1 a 5 abaixo indicadas.

- 68 É-lhe fácil compreender o que ele/a deseja ou precisa?
 - muito fácil 1
 - fácil 2
 - um pouco difícil 3
 - muito difícil 4
 - geralmente não consigo descobrir o problema dele/a 5

- 69 Os pais demoram muito tempo até conseguirem sentir verdadeiramente amor pelos filhos.
- 70 Esperava ter mais afecto por ele/a do que realmente tenho e isso aborrece-me.
- 71 Às vezes faz coisas que me aborrecem, só por maldade.
- 72 Quando eu era mais nova/o não gostava muito de crianças.
- 73 Reconheceu-me desde muito cedo e teve uma preferência especial por mim.
- 74 Neste momento acho que tenho filhos a mais.
- 75 Gasto as horas do meu dia a tratar das coisas para ele/a.
- 76 Para poder responder às necessidades dos meus filhos acabo por privar-me de ter a minha própria vida.

Continua na página seguinte.

CC	Concordo completamente	C	Concordo	NTC	Não tenho a certeza	D	Discordo	DC	Discordo completamente
77	Sinto-me limitada/o por causa das minhas responsabilidades como mãe/pai.								
78	Sinto, muitas vezes, que as necessidades dele/a controlam a minha vida.								
79	Desde que esta criança nasceu nunca mais consegui fazer coisas novas e diferentes.								
80	Desde que esta criança nasceu sinto que não posso fazer as coisas de que gosto.								
81	Em casa, é difícil encontrar um espaço só para mim.								
82	Quando penso no tipo de mãe/pai que sou, muitas vezes sinto-me culpada/o ou mal comigo mesma/o.								
83	Acontece-me ir comprar roupa para mim e ficar descontente.								
84	Quando ele/a se porta mal ou faz uma birra sinto-me responsável; é como se eu não estivesse a agir correctamente.								
85	Quando ele/a faz alguma coisa errada, sinto realmente que a culpa é minha.								
86	Sinto-me, muitas vezes, culpada/o pelos sentimentos que tenho em relação a ele/a.								
87	Há bastantes coisas na minha vida que me aborrecem.								
88	A seguir ao nascimento desta criança senti-me mais triste e deprimida/o do que esperava.								
89	Quando me zango com ele/a acabo sempre por me sentir culpada/o e isso aborrece-me.								
90	Depois do nascimento desta criança senti-me durante algum tempo mais triste e deprimida/o do que esperava.								
91	Depois de ele/a nascer, o meu marido/mulher não me deu tanta atenção e ajuda como eu esperava.								
92	Ter filhos tem causado mais problemas do que eu esperava, no relacionamento com o meu marido/mulher.								
93	Desde que os filhos apareceram, eu e o meu marido/mulher não fazemos tantas coisas juntos como fazíamos.								
94	Desde que ele/a nasceu eu e o meu marido/mulher não estamos tanto tempo juntos, em família, como eu esperava.								
95	Desde que o meu último filho/a nasceu tenho tido menos interesse pelo sexo.								
96	A vinda dos filhos parece ter contribuído para aumentar o número de problemas que temos com os sogros e familiares.								

Continua na página seguinte.

CC Concordo completamente C Concordo NTC Não tenho a certeza D Discordo DC Discordo completamente

- 97 Ter filhos tem saído muito mais dispendioso do que eu julgava.
- 98 Sinto-me sozinha/o e sem amigos.
- 99 Geralmente quando vou a uma festa não espero divertir-me.
- 100 Antes interessava-me mais o convívio com os outros do que agora.
- 101 Sinto muitas vezes que as pessoas da minha idade não gostam especialmente da minha companhia.
- 102 Quando tenho um problema com os meus filhos conto sempre com alguém para pedir ajuda ou conselho.
- 103 Com a vinda dos filhos tenho tido menos possibilidades de ver os meus amigos e fazer novas amizades.
- 104 Nos últimos tempos tenho estado mais em baixo ou com mais achaques do que era costume.
- 105 Em geral, sinto-me bem fisicamente.
- 106 Com o nascimento dos meus filhos mudaram os meus hábitos de sono.
- 107 Não aprecio as coisas como dantes.

Para a afirmação 108, escolha uma resposta entre as possibilidades de resposta 1 a 4 abaixo indicadas.

- 108 Desde que ele/a nasceu:
- tenho estado mais vezes doente1
 - não me tenho sentido tão bem2
 - não notei qualquer alteração na minha saúde3
 - tenho sido mais saudável4

AS AFIRMAÇÕES QUE SE SEGUEM DIZEM RESPEITO A ACONTECIMENTOS DE VIDA

Para as afirmações 109 a 132 tem duas possibilidades de resposta – Sim (S) e Não (N); para cada afirmação, assinale, por favor, na folha de respostas, se ela se aplica ou não à sua situação.

Durante os últimos doze meses ocorreu na sua família próxima algum dos seguintes acontecimentos?

- 109 Mudança de residência.
- 110 Promoção no emprego.
- 111 Diminuição substancial do rendimento familiar.

Continua na página seguinte.

- 112 Problemas de droga ou alcoolismo.
- 113 Desemprego.
- 114 Divórcio.
- 115 Reconciliação do casal.
- 116 Casamento.
- 117 Separação do casal.
- 118 Ausências temporárias por motivos de trabalho.
- 119 Gravidez.
- 120 Nascimento de um outro filho.
- 121 Uma pessoa de família mudou-se para a vossa casa.
- 122 O rendimento familiar aumentou substancialmente.
- 123 Dívidas.
- 124 Morte de um amigo chegado da família.
- 125 Entrada num novo emprego.
- 126 Matrícula ou transferência para uma nova escola.
- 127 Problemas com superiores, no trabalho.
- 128 Problemas com professores, na escola.
- 129 Problemas judiciais.
- 130 Doença psiquiátrica.
- 131 Familiar preso.
- 132 Morte de um membro da família próxima.

Terminou. Verifique se respondeu a todas as questões.

PSI - Folha de Respostas

Pai/Mãe

Nome _____ Sexo _____ Idade _____
 Estado Civil _____ Habilitações Literárias _____ Profissão _____

Criança

Nome _____ Sexo _____ Idade _____
 Data da Aplicação _____

CC = Concordo Completamente		C = Concordo		NTC = Não Tenho a Certeza	
D = Discordo		DC = Discordo Completamente			
1. CC C NTC D DC	28. CC C NTC D DC	55. CC C NTC D DC	82. CC C NTC D DC	109. S N	
2. CC C NTC D DC	29. CC C NTC D DC	56. CC C NTC D DC	83. CC C NTC D DC	110. S N	
3. CC C NTC D DC	30. CC C NTC D DC	57. CC C NTC D DC	84. CC C NTC D DC	111. S N	
4. CC C NTC D DC	31. CC C NTC D DC	58. 1 2 3 4 5	85. CC C NTC D DC	112. S N	
5. CC C NTC D DC	32. CC C NTC D DC	59. 1 2 3 4 5	86. CC C NTC D DC	113. S N	
6. CC C NTC D DC	33. CC C NTC D DC	60. CC C NTC D DC	87. CC C NTC D DC	114. S N	
7. CC C NTC D DC	34. CC C NTC D DC	61. CC C NTC D DC	88. CC C NTC D DC	115. S N	
8. CC C NTC D DC	35. CC C NTC D DC	62. CC C NTC D DC	89. CC C NTC D DC	116. S N	
9. CC C NTC D DC	36. CC C NTC D DC	63. CC C NTC D DC	90. CC C NTC D DC	117. S N	
10. CC C NTC D DC	37. CC C NTC D DC	64. CC C NTC D DC	91. CC C NTC D DC	118. S N	
11. CC C NTC D DC	38. CC C NTC D DC	65. CC C NTC D DC	92. CC C NTC D DC	119. S N	
12. CC C NTC D DC	39. CC C NTC D DC	66. CC C NTC D DC	93. CC C NTC D DC	120. S N	
13. CC C NTC D DC	40. CC C NTC D DC	67. CC C NTC D DC	94. CC C NTC D DC	121. S N	
14. 1 2 3 4	41. 1 2 3 4	68. 1 2 3 4 5	95. CC C NTC D DC	122. S N	
15. 1 2 3 4 5	42. 1 2 3 4 5	69. CC C NTC D DC	96. CC C NTC D DC	123. S N	
16. CC C NTC D DC	43. 1 2 3 4 5	70. CC C NTC D DC	97. CC C NTC D DC	124. S N	
17. CC C NTC D DC	44. CC C NTC D DC	71. CC C NTC D DC	98. CC C NTC D DC	125. S N	
18. CC C NTC D DC	45. CC C NTC D DC	72. CC C NTC D DC	99. CC C NTC D DC	126. S N	
19. CC C NTC D DC	46. CC C NTC D DC	73. CC C NTC D DC	100. CC C NTC D DC	127. S N	
20. CC C NTC D DC	47. CC C NTC D DC	74. CC C NTC D DC	101. CC C NTC D DC	128. S N	
21. CC C NTC D DC	48. CC C NTC D DC	75. CC C NTC D DC	102. CC C NTC D DC	129. S N	
22. CC C NTC D DC	49. CC C NTC D DC	76. CC C NTC D DC	103. CC C NTC D DC	130. S N	
23. CC C NTC D DC	50. CC C NTC D DC	77. CC C NTC D DC	104. CC C NTC D DC	131. S N	
24. CC C NTC D DC	51. CC C NTC D DC	78. CC C NTC D DC	105. CC C NTC D DC	132. S N	
25. CC C NTC D DC	52. CC C NTC D DC	79. CC C NTC D DC	106. CC C NTC D DC		
26. CC C NTC D DC	53. CC C NTC D DC	80. CC C NTC D DC	107. CC C NTC D DC		
27. CC C NTC D DC	54. CC C NTC D DC	81. CC C NTC D DC	108. 1 2 3 4		



Autor: Richard R. Abidin
 Copyright © 1983, 1990, 1995 by Psychological Assessment Resources, Inc., Odessa, Florida.
 Copyright © 2003 by CEGOC-TEA, para a adaptação portuguesa. Adaptação portuguesa de Salomé Vieira Santos.
 Edição CEGOC-TEA: Av. António Augusto Aguiar N.º21-2º 1050-012 Lisboa.
 Depósito legal: 203868/03

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução total ou parcial, sob qualquer forma ou meio, nomeadamente fotocópia. As infracções serão penalizadas nos termos da legislação em vigor.

Este exemplar está impresso a tinta azul e amarela. Se lhe apresentarem um exemplar apenas a negro é uma reprodução ilegal, não a utilize.

Parenting Stress, Emotional Regulation and Adult Attachment Styles in Families in Risk of Social Exclusion

Abstract: Families are at risk of social exclusion when they are unable to benefit from all rights of a society. These families pose numerous challenges to those who intervene in this field, namely because of the intertwined social and psychological problems (e.g. Embry & Dawson, 2002) and the difficulties regarding the assumption of parental roles (e.g. Bernstein, 2005). The present study has examined Parenting Stress (PS), Difficulties in Emotional Regulation (DER) and Adult Attachment Styles (AAS) in mothers of 116 families at risk of social exclusion, comparing their values with normative data. We also determined to which extent emotional regulation mediates the relation between attachment styles and parenting stress.

Materials & Methods: Three groups of participants were considered: GRP1. Social Care Dependents ($n = 40$); GRP2. Social Care Dependents & Protection System Issue - Community Supervision ($n = 40$); GRP3. Social Care Dependents & Protection System Issue - Child Release ($n = 36$). All participants answered, counterbalanced, to the following measures: (1) *Parenting Stress Index* (Abidin, 1983; Portuguese version by Santos, 2003); (2) *Adult Attachment Scale* (Collins & Read, 1990; Portuguese version by Canavarro, 1999); (3) *Difficulties in Emotional Regulation Scale* (Gratz & Roemer, 2004; Portuguese version by Machado-Vaz, Branco Vasco & Greenberg, 2010); (4) *Family Characterization Scale: Life Events & Social Support* (Nogueira, Sousa & Serra, 2009). The social worker responsible for each family filled-out a (5) *Socio-Demographic Questionnaire* (Nogueira, Sousa & Serra, 2009).

Results: Amongst other results, we found significant differences between the main measures – SP, DER, AAS – and the respective normative data. Furthermore, we also found differences among the three groups of participants: in the whole, women in GRP2 have an attachment style characterized by higher levels of anxiety, have more difficulties in emotional regulation and higher levels of parenting stress.

Discussion & Conclusions: As predicted, (1) greater Difficulties in Emotional Regulation and higher levels of Parenting Stress have a direct relation with Anxiety, whereas (2) the relation is reversed with the attachment styles Comfort and Trust; (3) greater difficulties in Emotional Regulation are associated with higher levels of Parenting Stress; and (4) Emotional Regulation mediates the relation between those Attachment Style and Parenting Stress.

Parenting Stress, Emotional Regulation and Adult Attachment Styles in Families at Risk of Social Exclusion

Sandra Nogueira¹, Alexandra Serra¹ & Rui G. Serôdio²

Summary

Families at risk of social exclusion (RSE), pose numerous challenges to those who intervene in this field, namely because of the intertwined social and psychological problems (e.g. Embry & Dawson, 2002) and the difficulties regarding the assumption of parental roles (e.g. Bernstein, 2005). The present study examined Parenting Stress (PS), Emotional Regulation (ER) and Adult Attachment Styles (AAS) in 116 mothers (RSE), comparing their values with normative data. We also determined to which extent emotional regulation mediates the relation between attachment styles and parenting stress. Three groups of participants were considered: GRP1. Social Integration Income Dependents ($n = 40$); GRP2. Social Integration Income Dependents & Promotion and Protection National System - Community Supervision ($n = 40$); GRP3. Social Integration Income Dependents & Promotion and Protection National System - Child Withdrawal ($n = 36$). Amongst other results, we found significant differences between the main measures and the respective normative data. Furthermore, we also found differences among the three groups of participants: in the whole, women in GRP2 have an attachment style characterized by higher levels of anxiety, have more difficulties in emotional regulation and higher levels of parenting stress. As predicted Emotional Regulation mediates the relation between Attachment Style and Parenting Stress.

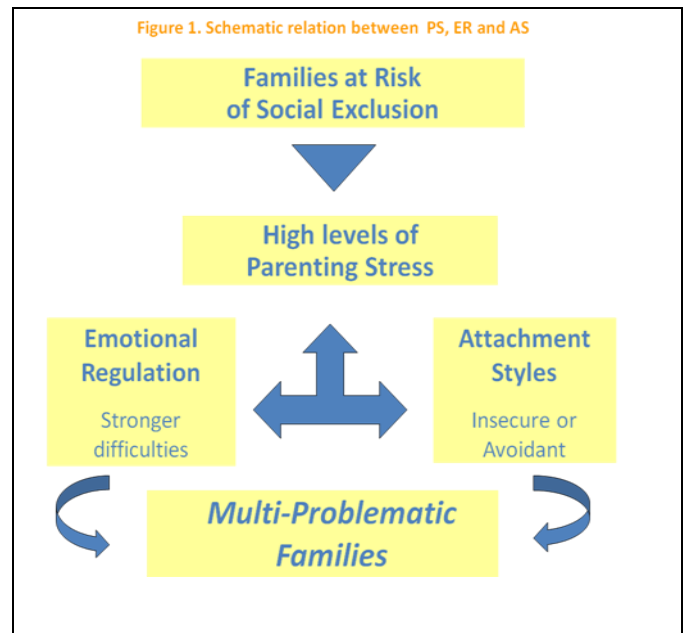
Theoretical Framework

Families are at risk of social exclusion (RSE) when they are unable to benefit from the consigned rights of society in the same ways as others do. Adults from RSE families tend to experience high levels of PS which, in turn, is associated with characteristics such as depressed mood, low parental satisfaction, stressful life events and low socioeconomic status (Barry & Hallett, 1998; Evans, 2004; McLoyd, 1998). These individuals also present difficulties regarding their emotional regulation. Not surprisingly, research shows that in their role of as parental figures they have more difficulty at recognizing the emotional needs of their own children, providing a warm family environment, adjusting their parenting style and at monitoring the socio emotional development of their offspring (Bernstein, 2005; Embry & Dawson, 2002; Petterson & Albers, 2001; Sousa, 2005). In situations where these factors combine with adult insecure or avoidant attachment style, we may consider the probable scenario of a *multi-problematic* family (Fig.1).

Method & Hypotheses

Participants

Our sample is composed by 116 mothers who benefit from the Social Integration Income (Portuguese designation: Rendimento Social de Inserção), distributed across three groups: 40 women benefit from this income for over 12 months (GRP1 - Social Integration Income Dependents); 40 other besides being Social Welfare beneficiaries, also have at least one child under the supervision of the Protection Services (GRP2 - Social Integration Income Dependents & Promotion and Protection National System - Community Supervision); and 36 women besides being Social Welfare beneficiaries, also have at least one child under the Protection Services custody (Portuguese designation: Centro de Acolhimento Temporário; GRP3 - Social Integration Income Dependents & Promotion and Protection National System - Child Withdrawal).



Procedure

Data were collected individually, and only after each participant was assured of the process' confidentiality as well as of the possibility of dropping out at any stage. Probably due to their low academic level, and to the inherent difficulty of some of the measures, the majority of the participants chose to let the interviewer read and fill in the questionnaires. In the whole, the protocol (cf. Figure 2) took about 90 minutes to complete (only one session was needed).

Figure 2. Measures

<i>Social Information</i>	<i>Parental Stress</i>	<i>Emotion Regulation</i>	<i>Attachment Styles</i>
Social and demographic information	Child Domain	Non Acceptance Goals	Comfort with closeness
Indicators of Family Dysfunction	Parental Domain	Impulse Awareness	Trust in others
Social Support & Stressful Life Events	Total	Strategies Clarity	Anxiety
Semi-structured interview for mothers and social workers (Nogueira, Serra & Sousa, 2009)	Parental Stress Index (Abidin, 1983, Portuguese version by Santos, Abidin & Rocha, 2004)	Difficulties in Emotion Regulation Scale (Gratz & Roemer, 2004, Portuguese version by Vaz, Branco & Greenberg, 2010)	Adult Attachment Scale (Collins & Read, 1990, Portuguese version by Canavarro, 1999)

Hyphoteses:

Our major predictions were the following:

H1. When compared to normative data, all three research groups (GRP1, 2, 3) present “worse” results than those standards, in all dependent measures (PS, ER, AAS)

H2. Women from GRP3 have stronger difficulties in the regulation of their emotions (DER) than do those of groups 1 and 2

H3. Women from GRP3 present higher indexes of parental stress (PS) than do those of groups 1 and 2

H4. GRP3’s adult attachment style is more “anxious” and less “comfortable” and “trustful”, than that of groups 1 and 2

H5. Emotional Regulation is a mediator of the relation between Adult Attachment Styles and Parenting Stress.

Results**Comparison with Normative Data**

Results on the **AAS-R** are consistent with our prediction: participants show higher scores on the subscale "anxiety" ($M = 3.02$, $SD = 1.10$ vs. 2.43 , $t_{115} = 5.85$, $p < .001$) and lower scores on the subscales "comfort" ($M = 3.26$, $SD = 0.83$ vs. 3.49 , $t_{115} = - 2.86$, $p = .005$) and "trust" ($M = 2.83$, $SD = 0.65$ vs. 3.27 , $t_{115} = - 7.25$, $p < .001$; value range, 1 to 5). As expected these results seem to indicate that these mothers feel less comfortable, are less trustful and more anxious than other people in their close and intimacy relationships. Also as one could expect, we found a negative correlation between the subscale "anxiety" and the subscales "comfort" and "trust", and these two correlate positively.

The pattern of result on the **DERS** measures is consistent with the previous:

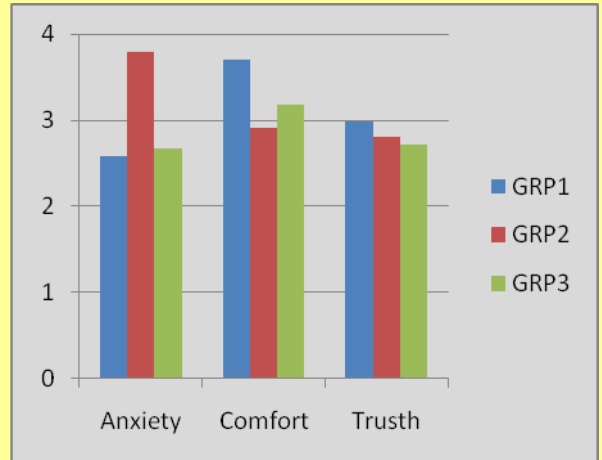
participants’ scores are higher than normative data in all subscales (lowest $t_{115} = 2.03$, $p = .045$), except for the subscale "Goals" ($t_{115} < 1$). In the whole, the mothers have stronger difficulties in regulating their emotions.

Finally, results on **PSI** measures also confirm our predictions: mothers in our sample have higher scores of Parenting Stress across 16 of the 17 indexes of PSI (lowest $t_{115} = 7.25$, $p < .001$). Totally unexpectedly, their scores are lower on the Attachment index: according to these results, these women show a stronger investment in their parenting roles than those reported in the normative data ($M = 2.49$, $SD = 0.80$ vs. 3.56 , $t_{115} = - 14.55$, $p < .001$; value range, 1 to 5, higher values represent stronger Parenting Stress).

Comparison between the three Research Groups

We predicted that mothers from GRP3 would present more negative results than those of the remaining groups. Contrary to this general assumption, we found that, in the whole, women from GRP2 were those for whom the results were more negative. As we illustrate in Figure 3, although no significant differences were found for Trust, the mothers from GRP2 display higher levels of Anxiety and lower levels of Comfort in their close relationships. A similar pattern was found for PSI ($F_{4, 226} = 6.22, p < .001, \eta^2 = .10$): women from GRP3 were those with higher Parenting Stress, both in aspects related with their Children ($F_{2, 113} = 8.26, p < .001$: GRP2, $M = 3.19$; GRP1, $M = 2.92$; GRP3, $M = 2.58$) and aspects related with the Couple ($F_{2, 113} = 13.32, p < .001$: GRP2, $M = 3.50$; GRP1, $M =$

Figure 3. AAS-R results across the three groups



3.10; GRP3, $M = 2.79$). Finally, as we may find in Figure 4, DERS results follow this same trend: women from GRP2 are those with more difficulties in regulating their emotions.

Figure 4 DERS results across three groups

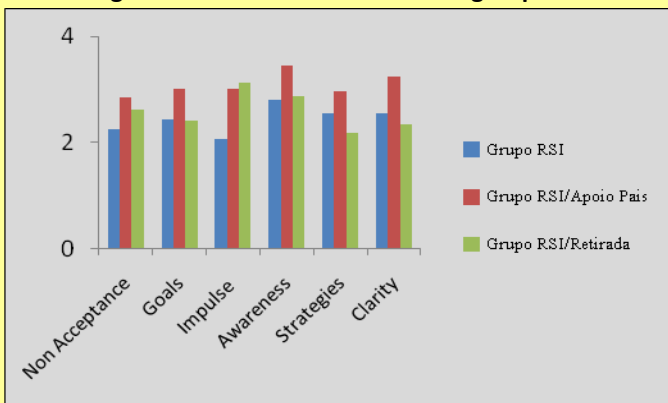
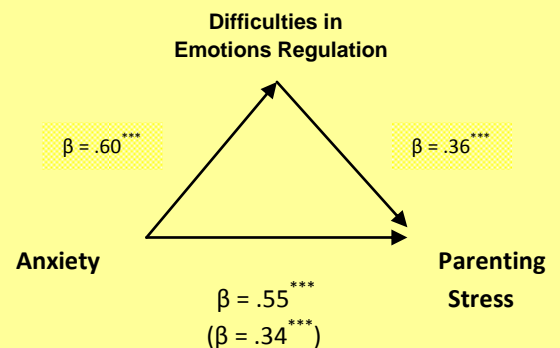


Figure 5. Mediation analysis

(ex: Predictor = AAS-Anxiety, Outcome = PSI, Mediator = DRSE)



Emotional Regulation as a Mediator of the relation between Adult Attachment Style and Parenting Stress

As we may find in Figure 5, results were consist with our hypothesis (H5). As predicted, (1) greater levels of Anxiety predict higher Parenting Stress, as well as stronger Difficulties in Emotional Regulation, (2)

additionally, the later also has a direct relation with Parenting Stress; more importantly for our assumption, (4) when we enter Emotional Regulation in the equation, the “impact” of Anxiety over Parenting Stress decreases significantly. Thus, as we expected Emotional Regulation mediates the relation between Attachment Style and Parenting Stress.

Conclusion

In the whole, our finding show that women from Families at risk of social exclusion, regardless of their particular situation (GRP1-3), display stronger difficulties in regulating their emotions, higher levels of parenting stress and also more difficulties in the ways they engage in their close relationships. At odds with our predictions, women from the group of Social Integration Income Dependents &

Promotion and Protection National System - Community Supervision, are those who display more negative scores overall.

Finally, we found that emotional regulation is indeed an important mediating psychological process regarding parenting stress. Aside the fact that this is innovative research in Portugal, we also consider that our findings are a relevant contribution in this domain and should be explored farther.

References

- Abidin, R. (1995). *Parenting Stress Index*. 3rd edition. Odessa, FL: Psychological Assessment Resources.
- Barry, M. & Hallett, C., (1998). *Social Exclusion and Social Work*. Russell House Publishing.
- Bernstein, D. E. (2005). *Maternal Depression, Maternal Stress and Children's Behaviour Outcomes among Families in the National Early Head Start Program*. A doctoral project submitted for the degree of Doctor of Psychology in the Department of Psychology at Pace University: New York.
- Canavarro, M. C. (1999). *Relações afectivas e saúde mental*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Collins, N., & Read, S. (1990). Adult attachment relationships, working models and relationship quality in dating couples. *Journal of Personality and Social Psychology*, 58, 644-683.
- Eisenberg, N., Hofer, C., & Vaughan, J. (2007). Effortful control and its socioemotional consequences. In J. J. Gross (Ed.), *The handbook of emotion regulation*. New York: The Guilford Press.
- Embry, L., & Dawson, G. (2002). Disruptions in parenting behavior related to maternal depression: Influences on children's behavioral and psychobiological development. In J. G. Borkowski & S. L. Ramey (Eds.), *Parenting and the child's world: Influences on academic, intellectual, and socio-emotional development*. Mahwah, NJ: Erlbaum.
- Evans, G. W. (2004). The environment of childhood poverty. *American Psychologist*, 59 (2), 77-92.
- Gratz, K. L., & Roemer, L. (2004). Multidimensional assessment of emotion regulation and dysregulation: Development, factor structure, and initial validation of the Difficulties in Emotion Regulation Scale. *Journal of Psychopathology and Behavioral Assessment*, 26, 41-54.
- Gross, J. J. (2008). Emotion regulation. In: M. Lewis, J. M. Haviland-Jones & L. F. Barrett (Eds), *Handbook of emotions*. New York, NY: Guilford.
- McLoyd, V.C. (1998). Socioeconomic disadvantage and child development. *American Psychologist*, 53(2), 185-204
- Petterson, S.M., & Albers, A. B. (2001). Effects of poverty and maternal depression on early child development. *Child Development*, 72, 1794-1813.
- Santos, S., Abidin, R., Rocha, A. (2004). PSI: Índice de Stress Parental: manual. Portugal, Cegoc – Investigações e Publicações Psicológicas.
- Strobel, P. (1995). De la Pauvreté à l' Exclusion: quelques questions theoriques. *Social Indicators, Problematic Issues, CE DG XII*, 35-36.
- Sousa, L. (2005). Building on personal networks when intervening with multiproblem poor families. *Journal of Social Work Practice*, 19(2). 163-179.
- Vaz, F. , Branco, V., Greenberg, L. (2010). *Escala de Dificuldades na Regulação Emocional adaptação para a população Portuguesa*. Tese de Doutoramento não publicada. Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa: Portugal.

Stress Parental, Regulação Emocional e Estilos Vinculativos em Adultos de Famílias em Risco em Exclusão Social

Nogueira, S.³⁷ & Serra, A.³⁸

Resumo: O presente artigo pretende analisar o Stress Parental (SP), as Dificuldades de Regulação Emocional (DRE) e os Estilos Vinculativos (EV) de 116 mães de Famílias em Risco de Exclusão Social. Os resultados obtidos foram comparados com os valores normativos das medidas em estudo e foi determinada a forma como a Regulação Emocional medeia a relação existente entre Estilos Vinculativos e Stress Parental.

Palavras-chave: Stress Parental, Regulação Emocional, Estilos Vinculativos do Adulto, *Famílias Multiproblemáticas*.

Introdução

A literatura científica (eg. Embry & Dawson, 2002; Petterson & Albers, 2001; Petterson & Steen, 2002; Sousa, 2005) refere que a intervenção em *famílias multiproblemáticas* é um dos maiores desafios para as equipas que trabalham no terreno e se deparam com a multiproblematicidade e desorganização familiar das mesmas. Este estudo procura contribuir para o planeamento de intervenções profissionais que possam ajudar estas mães em questões relacionadas com as dificuldades de regulação emocional e estabelecimento de laços vinculativos que favoreçam de forma positiva a relação mãe-criança.

1. Famílias Multiproblemáticas, Stress Parental, Regulação Emocional e Estilos Vinculativos

As *famílias multiproblemáticas* são conceptualizadas como sistemas vulneráveis de alto risco, não só devido às acções dos seus mecanismos internos, como também, às forças sociais que potencializam a sua disfuncionalidade (Gómez, Munoz & Haz, 2007; Sousa & Matos, 2004). Funcionam como “*bombas-relógios*”, sempre em situação de ruptura iminente, seja com o meio em que estão inseridas, seja com os próprios elementos que a compõem, experienciam níveis elevados de *Stress Parental* (SP) e *Dificuldades de Regulação Emocional* (RE).

Abidin (1992) definiu o *stress* parental como a percepção dos pais da falta de suporte em questões relacionadas com a parentalidade, sendo que o mesmo resulta da discrepância percebida entre as exigências da parentalidade e os recursos pessoais (eg. Essex, Klein, Cho, & Kalin, 2002; Warfield, 2005).

³⁷ Aluna do Curso de Mestrado de Psicologia Forense e Comportamento Transgressivo do Departamento de Psicologia do ISCS-N, UniPSa;

³⁸ Professora e Investigadora do Departamento de Psicologia do ISCS-N, UniPSa;

Relativamente ao processo de *Regulação Emocional*, o mesmo ocorre sempre que o indivíduo influencia uma ou mais componentes da emoção (frequentemente no sentido de cumprir determinadas condições e dando prioridade a objectivos específicos). Este processo de regulação pode ocorrer em todas as dimensões do processamento emocional, nomeadamente, a nível fisiológico, cognitivo, comportamental, experiencial e social (Eisenberg, Losoya, Fabes, Guthrie, Reiser, et. al., 2000; Gross, 1999 in Machado-Vaz 2009).

Na relação entre dois adultos o sistema vincutivo enquadra-se em comportamentos de apoio emocional em situações específicas, levando as pessoas a corresponderem mutuamente aos sinais de ansiedade e *stress* e à necessidade de segurança emocional uma da outra, agindo como base segura de bem-estar e, ao mesmo tempo, potenciando um grau confortável de autonomia (Kunze & Shaver, 1994). Hazan e Shaver (1987) ao nível da vinculação com adultos adoptaram o modelo proposto por Ainsworth (1978) para a infância, onde são propostos três estilos vincutivos - seguro, ansioso/ambivalente e evitante.

2. Regulação Emocional como Factor Mediador³⁹ dos Estilos Vincutivos e do Stress Parental

É bem conhecida a influência negativa dos ambientes socioeconómicos desfavorecidos nos valores parentais, na adaptação psicológica do indivíduo, no suporte social e nos níveis de *stress* parental experienciados (Hoffman, 1987; LeVine, 1974). Os adultos que se inserem nestas famílias de risco, tendem a experienciarem altos índices de *stress* parental relacionados com as suas próprias características pessoais, tais como, humor depressivo, satisfação parental, acontecimentos *stressores* de vida e baixo *status* socioeconómico (Barth & Miller, 2000; Evans, 2004). O *Stress* na relação mãe-criança é bastante complexo e multifactorial (Abidin, 1995; Belsky, 1984; Mash & Johnston, 1990; Webster-Stratton, 1990). Quando este se encontra aliado a ambientes socioeconómicos desfavorecidos, a adultos com estilos vincutivos *inseguros* ou *evitantes* e a níveis elevados de desregulação emocional, encontram-se conjugadas as variáveis necessárias para transformar qualquer seio familiar num ambiente caótico e multiproblemático - factor de risco elevado no processo de desenvolvimento sócio - emocional da criança.

Diversos estudos apontam para o facto de mães com estilos vincutivos seguros experienciarem níveis inferiores de *stress* parental comparativamente com mães inseguras (Kemp & Neimeyer 1999; Mikulincer & Florian 1998). Estes estudos demonstram evidências claras da relação existente entre estilos vincutivos e a forma como são experienciados e expressos os níveis de *stress psicológico*. Segundo estes autores, o estilo de vinculação *evitante* foi o que demonstrou resultados mais interessantes, uma vez que, estes adultos tendem a dicotomizar os seus sentimentos, a demitirem-se das suas responsabilidades parentais, pelo que não reportam níveis elevados de *stress psicológico*. Estes resultados são

³⁹ O factor mediador é um processo de relacionamento causal entre duas variáveis: sendo que uma é designada por variável independente e a outra por variável dependente, no qual a primeira possui a capacidade de influenciar a segunda (Baron & Kenny, 1986 in Holmbeck, 1997).

congruentes com as estratégias de regulação emocional tipicamente utilizadas por estes adultos, nos quais são evidentes estratégias efectivas de supressão emocional, tais como, comportamentos de distanciamento ou evitamento de situações stressantes (Bartholomew & Horowitz, 1991; Lyons-Ruth, 1999). Contrariamente, Simpson e colaboradores (1992) encontraram evidências conclusivas de que mães com estilos vinculativos seguros recorrem tendencialmente a fontes externas de suporte social com o intuito de reduzir os níveis de *stress parental* experienciados.

Devido à natureza emocional do *stress parental* tem sido dado algum enfoque às diferenças individuais nos processos de regulação emocional como um potencial factor protectorio. Aparentemente, os indivíduos que utilizam estratégias de regulação emocional adaptativas e flexíveis, como a reavaliação cognitiva, apresentam maior resiliência face a situações de *stress*, do que indivíduos que usam estratégias menos eficazes, como a supressão emocional. Os primeiros possuem a capacidade efectiva de regular a intensidade das emoções negativas, uma vez que, conseguem reavaliar as situações que estão a vivenciar e dessa forma, reduzem, os níveis de *stress* experienciados (Mauss, Cook, Cheng & Gross, 2007), enquanto os segundos, demonstram maior vulnerabilidade ao *stress* e a longo-prazo podem desenvolver sintomatologia psicopatológica (Mauss et al., 2007). Conclui-se assim que tanto os estilos vinculativos como as estratégias de regulação emocional adoptadas operam como factores moderadores face ao *stress psicológico* experienciado (Butler, Lee & Gross, 2007; Cole, Michel & O'Donnell-Teti, 2004; Eisenberg, Hofer & Vaughan, 2007; Gross, 2008; Gross & John, 2003; Gross, John & Richards, 2000; Kubzansky, Martin & Buka, 2004; Niiya, Ellsworth & Yamaguchi, 2006; Rothbart & Sheese, 2007).

3. Método

3.1. Participantes

Participaram neste estudo 116 mães provenientes de contextos de risco de exclusão social por beneficiarem da medida RSI há mais de doze meses. A amostra foi dividida em três grupos de estudo, o primeiro grupo ($n=40$) constituído apenas por agregados que são acompanhados no âmbito da medida de RSI há mais de um ano, o segundo grupo de estudo ($n=40$) composto por agregados que beneficiam da medida de RSI há mais de um ano e são, concomitantemente, acompanhados por outra equipa ao nível da protecção de menores em risco – Comissão de Protecção de Jovens e Crianças em Risco⁴⁰ (CPCJ's) ou Equipas Multidisciplinares de Assessoria aos Tribunais⁴¹ (EMAT's). O terceiro grupo ($n=36$) foi

⁴⁰ As Comissões de Protecção de Menores de Crianças e Jovens em Risco (CPCJ) foram criadas na sequência do Decreto - Lei nº 189/91 de 17/5 e, posteriormente, reformuladas de acordo com a Lei de Promoção e Protecção aprovada pela Lei nº 147/99, de 1 de Setembro. São instituições oficiais não judiciárias com autonomia funcional que visam promover os direitos da criança e do jovem e prevenir ou pôr termo a situações susceptíveis de afectar a sua segurança, saúde, formação, educação ou desenvolvimento integral.

⁴¹ As Equipas Multidisciplinares de Apoio Técnico aos Tribunais (EMAT's) prestam apoio no âmbito dos processos judiciais de promoção de protecção de menores de acordo com a lei 147/99 e decreto-lei 332-B/2000.

constituído por famílias com medida de Acolhimento Institucional de menor em Centro de Acolhimento Temporário⁴² (CAT).

3.2. Objectivo e Hipóteses de Investigação

O objectivo geral desta investigação prendeu-se com o estudo de *famílias em risco de exclusão social* beneficiárias da medida de Rendimento Social de Inserção (RSI). Para tal pretendíamos avaliar especificamente os níveis de *stress parental* experienciados pelas mães destes agregados familiares, a sua capacidade de regulação emocional e os seus estilos vinculativos, uma vez que estes três vectores foram considerados de extrema importância no desenvolvimento da relação mãe-criança. O contacto prévio e directo com estas famílias e suas realidades, apoiado na análise da literatura existente, permitiu colocar algumas hipóteses.

- H1:** Em todas as medidas analisadas (*Stress Parental, Regulação Emocional e Estilos Vinculativos*), as participantes apresentam “piores” resultados (inferiores ou superiores consoante a medida) do que aqueles estabelecidos como “dados normativos”;
- H2:** As mulheres do Grupo 3, designado de ora em diante GR3, (Beneficiárias RSI sob Promoção e/ou Protecção do Sistema Nacional com medida de Retirada de Criança) apresentam maiores Dificuldades na *Regulação Emocional* (DRE) comparativamente com as participantes do Grupo, abreviado GR1 (Beneficiárias RSI) e do Grupo 2, Abreviado GR2 (Beneficiárias RSI sob Promoção e/ou Protecção do Sistema Nacional com medida de Supervisão Comunidade).
- H3:** As mulheres do GR 3 apresentam Índices mais elevados de *Stress Parental* (ISP) comparativamente com os Grupos 1 e 2.
- H4:** As mulheres do GR 3 apresentam Estilos Vinculativos com maior “Ansiedade” e menor “Conforto” e “Confiança” quando comparadas com os Grupos 1 e 2.
- H5:** A *Regulação Emocional* é um factor mediador da relação entre os *Estilos Vinculativos do Adulto* e os *Índices de Stress Parental* percebidos

3.3. Instrumentos

3.1 Ficha para Técnicos⁴³

Foi elaborada uma ficha caracterizadora do agregado familiar que se divide em sete tópicos principais: caracterização dos progenitores, identificação do agregado familiar, identificação habitacional, identificação dos problemas de saúde do agregado, serviços que prestam

⁴² Os Centros de Acolhimento Temporário (CAT) são equipamentos sociais que possuem como finalidade o acolhimento urgente e transitório de crianças em situação de risco, decorrente de abandono, maus tratos, negligência ou outros factores, criando condições para a definição do projecto de vida de cada criança/jovem, com vista ao seu adequado encaminhamento.

⁴³ Este questionário foi elaborado tendo por base a “Ficha de Caracterização Individual e Familiar” disponibilizada aos técnicos de acompanhamento da medida de RSI pelo Instituto da Segurança Social e o “Perfil de Risco Psicossocial” do Centro de Estudos da Criança da Universidade do Minho.

acompanhamento ao agregado, acompanhamento em CPCJ/EMAT e indicadores de disfunção familiar. Esta ficha foi preenchida pelos técnicos de acompanhamento das famílias participantes, sendo que, alguns dos itens a preencher se baseavam num parecer técnico.

3.2. Escala de Caracterização Familiar para Mães

Esta escala é composta por duas subescalas de resposta dicotómica (sim ou não). A primeira é referente a Acontecimentos de Vida *Stressantes* ocorridos nos últimos 12 meses. A segunda é referente à Rede de Suporte Social do Agregado Familiar e foi baseada na “*Escala de Suporte Social do Agregado Familiar*” de Dunst (1998), traduzida e adaptada pelo Centro de Estudos e Apoio à Criança (CEAC/CRSS de Lisboa e Vale do Tejo).

3.3. Escala de Vinculação para Adultos (EVA)

A Escala de Vinculação do Adulto (Canavarro, 1999) resulta de uma adaptação para a população portuguesa da *Adult Attachment Scale-R* (Collins & Read, 1990). Trata-se de um instrumento de auto-relato, composto apenas por 18 itens, onde é solicitado ao indivíduo que indique o grau em que cada uma das afirmações apresentadas descreve a forma como geralmente se sente face às relações afectivas que estabelece, de acordo com uma escala *likert* de 5 pontos, em que 1 corresponde a “*Nada característico em mim*”, o 2 a “*Pouco Característico em Mim*”, o 3 a “*Característico em Mim*”, o 4 corresponde a “*Muito Característico em Mim*” e por último o 5 a “*Extremamente característico em mim*”. Este instrumento avalia três dimensões: “*Ansiedade*” que se refere ao grau de ansiedade sentida pelo indivíduo relacionada com questões interpessoais de receio de abandono ou de não ser bem querido; o “*Conforto com Proximidade*”, relativa ao grau em que o indivíduo se sente confortável com a proximidade e a intimidade; e por último, “*Confiança nos Outros*” que se refere ao grau de confiança que o indivíduo tem nos outros, assim como, na disponibilidade destes quando considerada necessária (Canavarro, Dias & Lima, 2006). Relativamente à consistência interna, neste estudo verificámos um valor elevado na dimensão *Ansiedade*, $\alpha = .85$, um valor razoável na dimensão *Conforto*, $\alpha = .70$ (com 5 dos 6 itens originais; eliminámos o item 6, que apresenta um $R^2 = .03$), e um valor baixo na dimensão *Confiança*, $\alpha = .51$, valores semelhantes ao da escala original. Não obstante este último valor, calculámos os valores médios de cada dimensão com base nos itens que as compõem.

3.4. Escala de Dificuldades na Regulação Emocional (EDRS)

A escala EDRS resulta de uma adaptação para a população portuguesa (Machado-Vaz & Branco, Greenberg, 2010) da *Difficulties in Emotion Regulation Scale* (Gratz & Roemer, 2004), criada com o objectivo de avaliar as dificuldades de regulação emocional de forma mais abrangente do que as medidas existentes até ao momento. De uma forma geral esta escala pretende avaliar a flexibilidade do indivíduo na utilização de estratégias de regulação emocional situacionalmente efectivas e adaptadas às situações experienciadas. A escala é composta por 36 itens organizados em 6 dimensões da regulação emocional: (1) não-aceitação

das respostas emocionais, (2) dificuldade em se envolver em comportamentos orientados para objectivos, (3) dificuldade em controlar comportamentos impulsivos, (4) falta de consciência emocional, (5) acesso limitados a estratégias de regulação, (6) falta de clareza emocional.

Durante a aplicação deste instrumento é solicitado aos participantes que indiquem a frequência com que cada item se aplica a si próprio, as respostas variam entre 1 e 5, em que 1 é “*Quase Nunca (0-10%)*”, 2 é “*Algumas Vezes (11-35%)*”, 3 é “*Cerca de Metade do Tempo (36-65%)*”, 4 é “*A Maioria do Tempo (66-90%)*” e 5 é “*Quase Sempre (91-100%)*”.

Na sua generalidade, a análise à consistência das 6 dimensões da EDRS revelou, como em Gratz & Roemer (2004), valores elevados ou razoáveis. Assim sendo, a dimensão *Não-aceitação das respostas emocionais*, $\alpha = .82$; *Dificuldade em se envolver em comportamentos orientados para objectivos*, $\alpha = .79$; *Dificuldade em controlar comportamentos impulsivos*, $\alpha = .87$; *Falta de consciência emocional*, $\alpha = .70$; *Acesso limitado a estratégias de regulação emocional*, $\alpha = .82$; *Falta de clareza emocional*, $\alpha = .75$. O valor relativo à totalidade dos itens da EDRS é de $\alpha = .93$. Calculámos para cada dimensão o valor médio dos itens respectivos.

3.5. Índice de Stress Parental (PSI)⁴⁴

O PSI resulta de uma adaptação para a população portuguesa (Santos, Abidin & Rocha, 2004) do *Parenting Stress Index* (Abidin, 1983). Foi desenvolvido com o objectivo de identificar sistemas pais – criança que estivessem sob stress e em risco de desenvolver um comportamento parental disfuncional ou problemas de comportamento na criança envolvida. Assim sendo, permite avaliar dois domínios principais de fontes de *stress* na relação pais - filhos (características da criança e características da figura parental) e destina-se apenas a pais de crianças com idades compreendidas entre os 5 - 10 anos de idade.

No domínio da criança, esta escala é constituída por sete subescalas: *Distracção/Hiperactividade*, *Reforço aos Pais*, *Humor*, *Aceitação*, *Maleabilidade de Adaptação*, *Exigência e Autonomia*. Este domínio avalia aspectos do temperamento da criança e as percepções que os pais têm do impacto dessas características neles próprios. Relativamente ao domínio dos pais, esta escala é composta por sete subescalas: *Sentido de Competência*, *Vinculação*, *Restrição do Papel*, *Depressão*, *Relação com o Marido/Mulher*, *Isolamento Social e Saúde*. Este domínio avalia as características pessoais dos pais e as variáveis do contexto familiar que influenciam a competência para responder adequadamente às exigências da parentalidade. A versão final da adaptação portuguesa deste instrumento, inclui 108 itens (54 em cada domínio). Na aplicação do mesmo é solicitado foi solicitado às mães/substitutas maternas que respondessem às questões de acordo com cinco possibilidades:

⁴⁴ O PSI integra uma escala opcional de *Stress de Vida com 24 itens* que faculta informação acerca de situações de vida *stressantes* experienciadas pelos pais, nos últimos doze meses, no entanto, a mesma não foi aplicada, uma vez que, foi desenvolvida uma escala mais completa com este mesmo objectivo.

CC (concordo completamente), C (concordo), NTC (não tenho a certeza), D (discordo) e DC (discordo completamente). Alguns itens exigiram um tipo de resposta diferente, solicitando uma escolha com base em afirmações específicas propostas, no entanto, esses itens são precedidos por frases que preparou as participantes para um formato de resposta diferente da habitual.

No presente estudo calculámos o valor de consistência interna do conjunto de itens relativos aos dois domínios e respectivas subescalas. No PSI é ainda possível calcular um valor total de *stress parental*, pelo que também calculámos a consistência interna da totalidade dos itens. Na globalidade obtivemos valores de consistência interna sempre superiores aos apresentados por Santos (2004). Isto verifica-se em particular no caso das 14 subescalas dos dois domínios (7 de cada). Santos (2004) apresenta resultados que, na generalidade, se constituem como valores *aceitáveis a razoáveis* (α de Cronbach entre .60 e .80, em 11 das 14 subescalas), valores *baixos* em duas subescalas (com .57 e .59) e um valor *inaceitável* na subescala *Autonomia* que apresenta $\alpha = .28$. Neste presente estudo encontramos valores de consistência interna *elevada* em 5 subescala (valores entre $\alpha = .82$ e $\alpha = .87$; domínio Criança - *Humor e Aceitação*, domínio Pais - *Restrição do Papel, Depressão e Relação Marido/Mulher*); valor *razoável* de consistência interna em 7 subescalas (entre $\alpha = .71$ e $\alpha = .79$; domínio Criança - *Distracção/Hiperactividade, Reforço aos Pais, Maleabilidade e Exigência*, domínio Pais - *Sentido de Competência, Vinculação e Isolamento Social*); a subescala *Saúde* (domínio Pais) apresenta $\alpha = .61$; finalmente, a subescala *Autonomia* (domínio criança) apresenta um valor *baixo*, $\alpha = .48$. Foram retidos nas análises subsequentes o total de 95 dos 108 itens da escala original.⁴⁵ Apesar destes dois últimos valores de consistência interna, calculámos para cada subescala a média dos itens retidos. Procedemos do mesmo modo para o *Domínio Criança*, $\alpha = .94$, para o *Domínio Pais*, $\alpha = .91$, e para PSI Total, $\alpha = .97$, obtendo valores muito semelhantes ao da escala original.

4. Resultados

4.1. Comparação com “dados normativos”: Estilos Vinculativos, Regulação Emocional e Stress Parental

Nesta secção apresentamos os resultados que permitem testar a nossa primeira predição, ou seja, H1.

No Quadro 1 apresentamos os valores obtidos pelas participantes através das três dimensões da Escala de Vinculação do Adulto: *Ansiedade, Conforto com Proximidade e Confiança nos Outros*. Como podemos verificar, os resultados confirmam a nossa predição em todas as dimensões. Como previsto, as participantes deste estudo apresentam “piores” resultados do

⁴⁵ Em várias subescalas foram eliminados itens por apresentarem valores de correlação com os demais e de R^2 muito baixos, diminuindo o valor de α : *Distracção/Hiperactividade*, item 8; *Reforço aos Pais*, item 14; *Humor*, item 15; *Exigência*, item 43; *Sentido de Competência*, itens 30, 53, 54, 58 e 59; *Vinculação*, itens 68 e 73; *Isolamento Social*, item 62; *Saúde*, item 105.

que os estabelecidos como “dados normativos”: (1) apresentam *ansiedade mais elevada nas suas relações com os outros* (3.03 vs. 2.43); (2) apresentam *menor conforto com a proximidade e intimidade* (3.27 vs. 3.49); e (3) reportam *menor confiança nos outros e na sua disponibilidade* (2.83 vs. 3.27).

Quadro 1. Estilos Vinculativos no Adulto: Comparação dos valores da amostra com os padrões obtidos por Canavarro, Dias & Lima (2006)

	Valores da Amostra <i>M (DP)</i>	Valor de comparação	<i>t</i> (115)
Ansiedade	3.03 (1.10)	2.43	5.85, $p < .001$
Conforto	3.27 (0.83)	3.49	- 2.86, $p = .005$
Confiança	2.83 (0.65)	3.27	- 7.25, $p < .001$

Nota: Valores elevados indicam, respectivamente, maior Ansiedade, maior Conforto e maior Confiança.

Os resultados obtidos na EDRS são também consistentes com aquela predição geral. Neste caso, como reportado no Quadro 2, as participantes apresentam valores mais elevados do que os “normativos” em todas as dimensões, exceptuando a que é designada por *Objectivos*.

Quadro 2. Dificuldades de Regulação Emocional: Comparação dos valores da amostra com os padrões obtidos por Machado-Vaz, Branco e Greenberg (2010)

	Valores da Amostra <i>M (DP)</i>	Valor de comparação	<i>t</i> (115)
Não-Aceitação	2.56 (0.89)	2.35	2.58, $p = .01$
Objectivos	2.62 (0.90)	2.67	- 0.55, <i>ns</i>
Impulsos	2.41 (0.94)	2.22	2.03, $p = .045$
Consciência	3.04 (0.72)	2.76	4.29, $p < .001$
Estratégias	2.57 (0.76)	2.32	3.66, $p < .001$
Clareza	2.71 (0.85)	2.34	4.77, $p < .001$

Nota: Em todas as dimensões, valores elevados indicam maiores dificuldades de regulação emocional.

Como previsto, apresentam maiores dificuldades de regulação emocional no que se refere tanto à compreensão e identificação dos seus estados emocionais (*Não-Aceitação*, *Consciência* e *Clareza*), como ao nível da capacidade de os modular de forma mais adequada ao contexto/situação (*Impulsos* e *Estratégias*). É curioso o facto de as nossas participantes reportarem a capacidade de conseguirem optar/manter um comportamento orientado para os objectivos que se propõem, mesmo quando se encontram emocionalmente desorganizadas.

Finalmente, verificamos que também no *Stress Parental* se confirma a nossa predição genérica. Como previsto, as participantes apresentam valores mais elevados de *Stress Parental* nas múltiplas dimensões do PSI. De facto, como podemos constatar no Quadro 3, das 14 dimensões apenas na *Vinculação* não se verifica o padrão previsto – neste caso, as participantes apresentam um valor inferior ao obtido por Santos (2003). Esta subescala diz respeito ao investimento e à motivação que o respondente sente relativamente ao seu papel parental. Dadas as características da nossa “amostra” é particularmente interessante que seja exactamente nesta dimensão que as mães do nosso estudo revelem valores mais elevados do que os “normativos”. Obviamente, este padrão relativo às dimensões reflecte-se nos valores dos Domínios (Domínio Criança e Domínio Pais) correspondentes e valor total do PSI.

Quadro 3. Stress Parental: Comparação dos valores da amostra com os padrões obtidos por Santos (2003)

	Valores da Amostra <i>M (DP)</i>	Valor de comparação	<i>t</i> (115)
Distração/Hiperactividade	3.25 (0.80)	2.63	8.31, <i>p</i> < .001
Reforço	2.35 (0.87)	1.64	8.73, <i>p</i> < .001
Humor	2.89 (1.19)	2.23	5.98, <i>p</i> < .001
Aceitação	2.89 (0.97)	2.07	9.12, <i>p</i> < .001
Maleabilidade de Adaptação	3.12 (0.64)	2.27	14.45, <i>p</i> < .001
Exigência	3.16 (0.82)	2.21	12.52, <i>p</i> < .001
Autonomia	2.68 (0.61)	2.34	7.25, <i>p</i> < .001
Sentido de Competência	3.09 (0.73)	2.16	13.74, <i>p</i> < .001
Vinculação	2.49 (0.80)	3.56	-14.55, <i>p</i> < .001
Restrição do Papel	3.40 (0.96)	2.46	10.56, <i>p</i> < .001
Depressão	3.18 (0.89)	2.25	11.35, <i>p</i> < .001
Relação Marido/Mulher	3.35 (0.96)	2.28	12.23, <i>p</i> < .001
Isolamento Social	3.24 (0.94)	2.24	11.47, <i>p</i> < .001
Saúde	3.23 (0.67)	2.43	12.86, <i>p</i> < .001
Domínio da Criança	2.91 (0.69)	2.22	10.87, <i>p</i> < .001
Domínio Pais	3.14 (0.66)	2.21	15.04, <i>p</i> < .001
Total	3.02 (0.64)	2.22	13.56, <i>p</i> < .001

Nota: Em todas as medidas, valores elevados indicam maior índice de stress parental.

4.2. Estilos Vinculativos, Regulação Emocional e Stress Parental em Função do Grupo de Estudo (GR1, GR2, GR3)

Parte importante deste presente trabalho diz respeito à comparação entre os três grupos através das três variáveis centrais às nossas predições: designadamente, Estilos Vinculativos, Regulação Emocional e Stress Parental. Como discutimos anteriormente, as mulheres do GR3, abreviadamente nomeadas como “RSI – Medida Retirada” são aquelas que, à partida deveriam apresentar maiores dificuldades em todas estas dimensões. Partindo deste pressuposto, as nossas predições vão no sentido, genericamente, de serem estas mulheres as que apresentam valores mais “comprometidos” naquelas três variáveis (H2 – H4). Nesta secção, testamos estas predições.

Quadro 4. Estilos Vinculativos, Regulação Emocional e Stress Parental em Função do Grupo de Estudo

	Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3
<i>EVA</i>			
Ansiedade	2.58 (0.83) ^b	3.80 (0.88) ^a	2.67 (1.16) ^b
Conforto	3.71 (0.57) ^a	2.91 (0.92) ^b	3.18 (0.78) ^b
Confiança	2.99 (0.55)	2.80 (0.65)	2.72 (0.72)
<i>EDRS</i>			
Não-Aceitação	2.25 (1.00) ^b	2.84 (0.56) ^a	2.61 (0.96) ^{ab}
Objectivos	2.44 (1.14) ^b	3.01 (0.55) ^a	2.41 (0.79) ^b
Impulsos	2.07 (1.05) ^b	3.00 (0.60) ^a	2.13 (0.84) ^b
Consciência	2.80 (0.82) ^b	3.46 (0.30) ^a	2.87 (0.75) ^b
Estratégias	2.54 (0.88) ^b	2.96 (0.43) ^a	2.19 (0.70) ^b
Clareza	2.55 (1.00) ^b	3.23 (0.40) ^a	2.34 (0.77) ^b
<i>PSI</i>			
Domínio da Criança	2.92 (0.84)	3.19 (0.69)	2.58 (0.28)
Domínio Pais	3.10 (0.73)	3.50 (0.63)	2.79 (0.38)
Total	3.01 (0.76) ^b	3.35 (0.59) ^a	2.68 (0.30) ^c

Nota: Caracteres supra-escritos diferentes indicam diferenças significativas a *p* < .05, entre os três Grupos de Estudo.

Estilos Vinculativos. A ANOVA de medidas repetidas sobre as três dimensões da Eva (*Ansiedade*, *Conforto* e *Confiança*), entrando Grupo de estudo como factor inter-sujeitos revelou os seguintes efeitos: Dimensão EVA, $F(2, 226) = 7.06, p = .001, \eta^2 = .06$; Grupo de Estudo, $F(2, 113) = 8.25, p < .001, \eta^2 = .13$; Dimensão EVA x Grupo de Estudo, $F(4, 226) = 14.48, p < .001, \eta^2 = .20$. O efeito principal de Dimensão EVA, mostra que apenas as médias de *Conforto* ($M = 3.27, DP = 0.83$) e *Confiança*, ($M = 2.83, DP = 0.65$) diferem significativamente ($t_{115} = 5.88, p < .001$; maior diferença restante, $t_{115} = 1.52, ns$). Ou seja, independentemente do grupo, estas mulheres têm mais problemas no *Conforto* do que na *Confiança*. Mais importante para as nossas predições, verificamos que a interacção é significativa. A interacção mostra que os três grupos de mulheres não diferem relativamente à dimensão *Confiança*, $F(2, 113) = 1.68, ns$. Pelo contrário, verifica-se que tanto na *Ansiedade* como no *Conforto* se verificam diferenças significativas (respectivamente, $F_{2, 113} = 19.94, p < .001$; $F_{2, 113} = 11.21, p < .001$). Como podemos verificar no Quadro 4, contrariamente ao que prevíamos (H4) é o GR2 “RSI – Medida Supervisão na Comunidade) aquele que apresenta maior *Ansiedade*, não diferindo entre si as mulheres dos Grupos 1 e 3. Relativamente ao *Conforto*, o GR3 não difere do GR2, sendo as mulheres do GR1 “RSI” as que apresentam maior *Conforto* com a proximidade relacional. Retomando os valores padrão obtidos por Canavarro e colaboradores (2006) merece realce o facto de apenas as mulheres do GR 2 mostrarem níveis de *Ansiedade* superiores ao “valor padrão” (3.80 vs. 2.43, $t_{39} = 9.89, p < .001$; maior t restante, $t_{35} = 1.28, ns$). No que concerne ao *Conforto*, o que de facto se verifica é que as mulheres do GR1 reportam valores superiores ao valor padrão (3.71 vs. 3.49, $t_{39} = 2.444, p = .02$). Pelo contrário, tanto as mulheres do GR3 ($t_{35} = -2.40, p = .02$) como as do GP2 reportam valores abaixo do padrão. Contudo são estas últimas, justamente as que apresentam maior *Ansiedade*, as que mais diferem daquele padrão ($t_{39} = -4.01, p < .001$). Em suma, estes resultados não são consistentes com a nossa predição.

Regulação Emocional. A ANOVA de medidas repetidas sobre as 6 dimensões da EDRS revelou os seguintes efeitos: Dimensão EDRS, $F(5, 565) = 15.10, p < .001, \eta^2 = .12$; Grupo de Estudo, $F(2, 113) = 17.53, p < .001, \eta^2 = .24$; Dimensão EDRS x Grupo de Estudo, $F(10, 565) = 2.67, p = .001, \eta^2 = .05$. Uma vez mais esta interacção qualifica os dois efeitos principais. Como podemos constatar no Quadro 5, esta interacção mostra um padrão de diferenças entre grupos no qual o GR2 apresenta maiores dificuldades de *Regulação Emocional* do que os restantes que, por sua vez, não diferem entre si. A única excepção é na dimensão *Não-Aceitação*, na qual os Grupos 2 e 3 não diferem entre si. Uma vez mais a nossa predição não se confirma - consistente com os resultados na EVA, é o GR 2, e não o GR 3, aquele que apresenta maiores Dificuldades de *Regulação Emocional*.

Stress Parental. Finalmente, efectuámos uma ANOVA de medidas repetidas sobre os dois Domínios do PSI que revelou apenas o efeito deste factor intra-sujeitos, $F(1, 113) = 33.15, p < .001, \eta^2 = .23$, e o efeito de Grupo de Estudo, $F(2, 113) = 11.90, p < .001, \eta^2 = .17$ (efeito restante, $F_{2, 113} = 1.03, ns$). O efeito principal de Domínio do PSI mostra que para todas as mulheres apresentam maior *Stress Parental* no *Domínio Pais*, $M = 3.14, DP = 0.67$, do que no

Domínio Criança, $M = 2.91$, $DP = 0.69$. Por seu turno, o efeito de Grupo de Estudo indica que, na globalidade, as mulheres do GR2 apresentam um índice de *Stress Parental* mais elevado do que as dos restantes grupos e, inclusive, nas mulheres do GR1 o valor encontrado é também mais elevado do que nas do GR3. De facto, estes valores, por definição, correspondem aos de PSI Total que também apresentamos no Quadro 4. Uma vez mais, os resultados não sustentam a nossa predição, sendo que em termos globais, são as mulheres do GR 2 aquelas que apresentam maior *Stress Parental*.

Quadro 5. *Stress Parental* em Função do Grupo de Estudo, através das Dimensões dos Domínios Criança e Pais.

	Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3
<i>PSI – Domínio Criança</i>			
Distracção/Hiperactividade	3.22 (0.92) ^{ab}	3.55 (0.70) ^a	2.93 (0.62) ^b
Reforço	2.50 (0.94) ^a	2.61 (0.97) ^a	1.90 (0.42) ^b
Humor	2.93 (1.19) ^a	3.28 (1.42) ^a	2.42 (0.67) ^b
Aceitação	3.08 (1.01) ^a	3.20 (1.07) ^a	2.35 (0.50) ^b
Maleabilidade de Adaptação	3.09 (0.80) ^{ab}	3.35 (0.63) ^a	2.91 (0.27) ^b
Exigência	3.06 (0.94)	3.40 (0.91)	3.00 (0.42)
Autonomia	2.54 (0.61) ^b	2.94 (0.53) ^a	2.56 (0.62) ^b
<i>PSI – Domínio Pais</i>			
Sentido de Competência	3.11 (0.85) ^{ab}	3.33 (0.71) ^a	2.81 (0.49) ^b
Vinculação	2.56 (0.97) ^a	2.72 (0.79) ^a	2.14 (0.40) ^b
Restrição do Papel	3.19 (0.94) ^b	4.04 (0.89) ^a	2.91 (0.61) ^b
Depressão	3.29 (0.87) ^a	3.52 (1.00) ^a	2.69 (0.48) ^b
Relação Marido/Mulher	2.98 (0.77) ^b	3.98 (0.98) ^a	3.08 (0.73) ^b
Isolamento Social	3.26 (0.87) ^{ab}	3.57 (1.05) ^a	2.87 (0.77) ^b
Saúde	3.30 (0.67)	3.36 (0.74)	3.02 (0.56)

Nota: Caracteres supra-escritos diferentes indicam diferenças significativas a $p < .05$, entre os três grupos de estudo

Adicionalmente, analisámos também as diferenças entre os três grupos de estudo nas dimensões do *Stress Parental* relativas ao Domínio Criança e Domínio Pais. Para tal efectuámos uma MANOVA para com cada um dos grupos de sete dimensões, entrando Grupo de Estudo como factor inter-sujeitos. Estas duas análises revelaram efeito significativo de Grupo de Estudo, tanto através das sete dimensões do *Domínio Criança*, $F(14, 216) = 2.83$, $p = .001$, $\eta^2 = .16$, como das do *Domínio Pais*, $F(14, 216) = 5.06$, $p < .001$, $\eta^2 = .25$. De facto, analisando os efeitos univariados, no Domínio Criança apenas na dimensão *Exigência* não se verifica efeito significativo do Grupo de Estudo, $F(2, 113) = 2.72$, $p = .07$ (menor efeito restante, $F(2, 113) = 5.40$, $p = .006$, $\eta^2 = .09$). Como podemos verificar no padrão das diferenças assinaladas no Quadro 5, é o GR2 o que apresenta maior stress através das dimensões do Domínio Criança e o GR3 o que surge com os valores mais baixos de stress – comprovando, naturalmente, os resultados anteriormente referenciado.

Nas dimensões do Domínio Pais é apenas na dimensão *Saúde*, $F(2, 113) = 2.80$, $p = .07$, que não se verificam diferenças significativas entre os três grupos (menor efeito restante, $F(2, 113) = 5.10$, $p = .008$, $\eta^2 = .08$). O padrão das diferenças é similar ao descrito para as dimensões do Domínio Criança.

4.3. Regulação Emocional enquanto Mediador da Relação entre Estilos Vinculativos e Stress Parental

A nossa última predição diz respeito à análise da Regulação Emocional enquanto processo mediador do efeito preditivo dos Estilos Vinculativos sobre o Stress Parental (H5). Antes de apresentarmos as análises de mediação que testam esta hipótese, consideramos relevante reportar as correlações verificadas entre estes três conjuntos de medidas.

Correlações entre as medidas de Regulação Emocional, Estilos Vinculativos e Stress Parental. Para esta análise empregámos as três dimensões dos *Estilos Vinculativos* (EVA), a medida Total de *Dificuldade de Regulação Emocional* (EDRS)⁴⁶ e as medidas relativas aos dois domínios do *Stress Parental* (PSI). Como podemos verificar no Quadro 6, apenas o estilo vinculativo *Confiança* e o *Stress Parental* no Domínio Criança não estão correlacionados ($r = -.02, ns$). De facto, analisando o padrão de correlações, verificamos que a *Confiança* é a medida que, em média, apresenta correlações mais fracas com as restantes ($r_{\text{médio}} = .26$).

Como podemos verificar, os Estilos Vinculativos apresentam o padrão expectável de relação entre elas: a *Ansiedade* correlaciona-se negativamente com as restantes, que se correlacionam positivamente entre si, exactamente como reportado por Canavarro e colegas (2006)⁴⁷. O mesmo se verifica entre as medidas de *Stress Parental*, que estão correlacionadas positivamente. Mais importante para o propósito do presente trabalho é o padrão que se verifica entre as medidas dos Estilos Vinculativos e as restantes. Como podemos verificar: (1) quanto mais marcada é a *Ansiedade* enquanto estilo vinculativo, maiores são as *Dificuldades de Regulação Emocional*, bem como o *Stress Parental* em ambos os domínios. Como expectável, encontramos o padrão inverso relativamente ao estilo vinculativo *Conforto*: (2) quanto mais este está presente, menores são as *Dificuldades de Regulação Emocional* e o *Stress Parental*. Também na *Confiança* (3) encontramos este padrão de correlações negativas (excepção feita à correlação mencionada acima com o stress no Domínio Criança).

Quadro 6. Correlações entre as medidas de Regulação Emocional, Estilos Vinculativos e Stress Parental.

(N = 116) r de Pearson	EVA Ansiedade	EVA Conforto	EVA Confiança	EDRS Total	PSI Dom. Criança
EVA Conforto	-.54***				
EVA Confiança	-.43***	.45***			
EDRS Total	.60***	-.31***	-.23**		
PSI Dom. Criança	.41***	-.32***	-.02	.51***	
PSI Dom. país	.51***	-.46***	-.18*	.56***	.80***

Nota: * $p < .05$, ** $p < .01$, *** $p < .001$

⁴⁶ Apesar de Machado-Vaz e colegas (2010) não terem reportado um valor total para o EDRS consideramos que teoricamente tal faz sentido. Além disso, Coutinho e seus colaboradores (2009) calcularam este valor nos seus trabalhos de adaptação da escala para a População Portuguesa.

⁴⁷ Com efeito, os autores sugerem uma inversão da escala *Confiança* no seu todo para corresponder a esta lógica.

Regulação emocional enquanto processo mediador. Nesta secção final de resultados testamos a nossa predição geral de que o efeito preditivo dos Estilos Vinculativos sobre os Índices de *Stress Parental* é mediado pela *Regulação Emocional* ou, concretamente, pelas dificuldades neste âmbito (H5). Esta nossa predição é, de facto, uma predição “múltipla”: refere-se à relação entre as três variáveis em análise, mas estas são operacionalizadas em múltiplas medidas, às quais se aplica a nossa predição geral.

Podemos definir uma variável enquanto mediadora da relação entre duas outras quando estão presente os seguintes quatro requisitos (Kenny, Kashy & Bolger, 1998): (1) a variável preditora tem de estar correlacionada com a variável definida no modelo como dependente ou “produto” (no presente caso, *Estilos Vinculativos* e *Stress Parental*, respectivamente); (2) o preditor tem de estar correlacionado com a variável que é definida no modelo como “mediador” (neste caso, as *Dificuldade de Regulação Emocional*); (3) o mediador tem de ter um efeito significativo sobre a variável dependente (este requisito é testado, através de uma análise de regressão múltipla, analisando o efeito de Dificuldades de Regulação Emocional sobre o *Stress Parental*, controlando o efeito de *Estilos Vinculativos*); (4) finalmente, o efeito do preditor sobre a variável dependente deve decrescer quando controlado o efeito do mediador (requisito 3).

Para testar o nosso último conjunto de predições (H5), por razões de clareza das análises, quando a variável em questão o permite utilizámos a medida global da mesma. Este é o caso das medidas de *Dificuldades de Regulação Emocional (EDRS Total)* e de *Stress Parental (PSI Total)*, mas não das três dimensões dos *Estilos Vinculativos (EVA: Ansiedade, Conforto e Confiança)*. Assim sendo, a nossa predição corresponde a três análises de mediação diferente, diferindo entre elas apenas o preditor. Como é patente através do padrão de correlações da *Confiança* com os dois domínios da PSI apresentado no Quadro 6, a nossa predição não se verifica no modelo que envolve a *Confiança*. Desde logo, o primeiro requisito não se verifica: a *Confiança* não prediz significativamente o *Stress Parental* ($\beta = -.11, ns$). Contudo, a nossa predição confirma-se tanto no caso da *Ansiedade* como do *Conforto*. Passemos à descrição destas análises: (1) tanto a *Ansiedade*, $\beta = .50$, como o *Conforto*, $\beta = -.41$, são preditores significativo do *Stress Parental*.⁴⁸ Como ilustramos na Figura 1, e como predito, quanto mais é característica a *Ansiedade* enquanto estilo vincutivo, mais elevado é o *Stress Parental*. De modo consistente, mas conversamente, este é tanto menor quanto mais é característico das mulheres do nosso estudo o estilo vincutivo *Conforto*. Também em ambos os casos se confirma o segundo requisito da mediação: (2) tanto a *Ansiedade*, $\beta = .50$, como o *Conforto*, $\beta = -.31$, são também preditores significativos de *Dificuldades de Regulação Emocional*.⁴⁹ Como esperado, a *Ansiedade* prediz maiores dificuldades de *Regulação Emocional*, enquanto o inverso acontece com o *Conforto*. Finalmente, verificamos que ao entrar a *Regulação Emocional* na equação, a regressão múltipla é também significativa nos dois modelos (com *Ansiedade* como preditor: $R = .60, R^2_{ajust} = .36; F(2, 113) = 31.82, p <$

⁴⁸ Regressão de *PSI Stress Parental* em *EVA Ansiedade*: $\beta = .50; R^2_{ajust} = .25; F(1, 114) = 38.86, p < .001$. Regressão de *PSI Stress Parental* em *EVA Conforto*: $\beta = -.41; R^2_{ajust} = .16; F(1, 114) = 23.11, p < .001$.

⁴⁹ Regressão de *EDRS Total* em *EVA Ansiedade*: $\beta = .60; R^2_{ajust} = .36; F(1, 114) = 35.48, p < .001$. Regressão de *EDRS Total* em *EVA Conforto*: $\beta = -.31; R^2_{ajust} = .09; F(1, 114) = 11.89, p = .001$.

.001; com *Conforto* como preditor: $R = .62$, $R^2_{\text{ajust}} = .37$; $F(2, 113) = 34.67$, $p < .001$). Como esperado e como ilustrado na Figura 1, em ambos os modelos (3) as *Dificuldades de Regulação Emocional* têm um efeito directo no *Stress Parental*, respectivamente, $\beta = .41$ e $\beta = .48$.

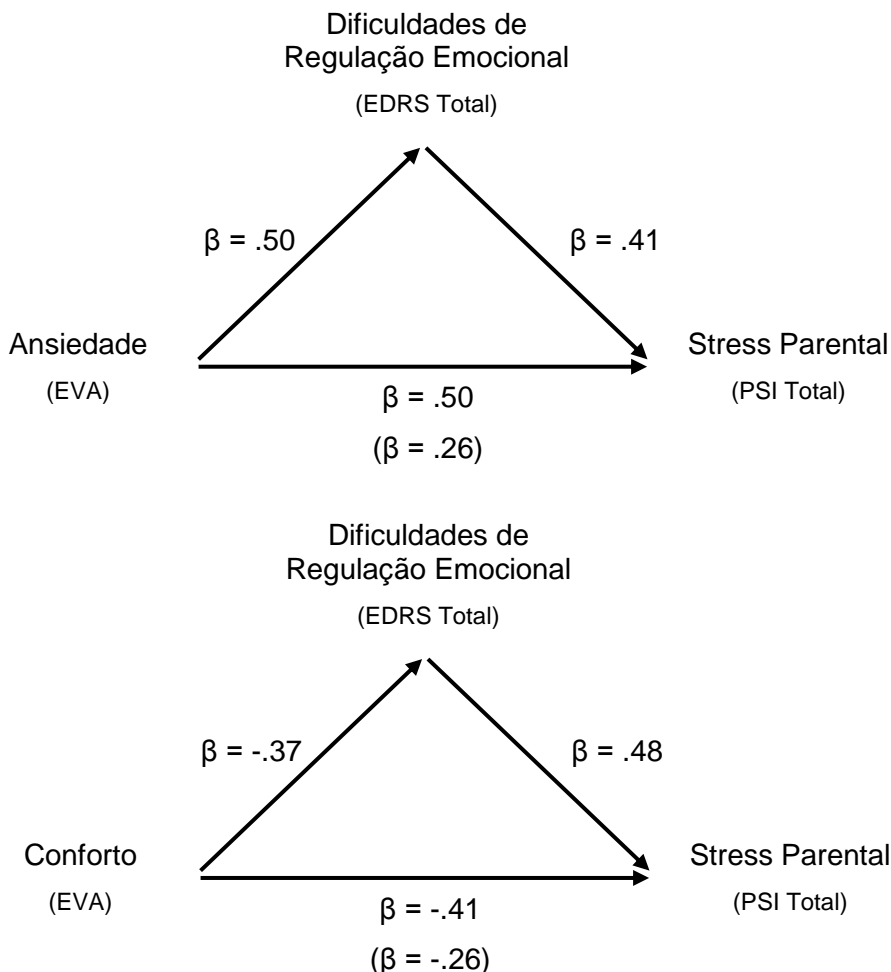


Figura 1. Teste ao modelo das *Dificuldades de Regulação Emocional* enquanto processo psicológico mediador entre os *Estilos Vinculativos* e o *Stress Parental*.

Mais importante, como ilustramos no diagrama que representa o efeito de mediação na Figura 1, em consonância com a nossa predição, (4) o efeito de *Ansiiedade* sobre o *Stress Parental* decresce de $\beta = .50$ para $\beta = .26$ ($p = .007$), e o efeito de *Conforto* sobre esta última decresce de $\beta = -.41$ para $\beta = -.26$ ($p = .001$). Ou seja, estes resultados demonstram que, como predito, quanto mais a *Ansiiedade* está presente como estilo vinculativo nestas mulheres, maior é o *Stress Parental* que elas apresentam, contudo não se trata de um “efeito directo”, as *Dificuldades de Regulação Emocional* são o processo mediador na manifestação do *Stress Parental*. Verificamos o mesmo processo psicológico relativamente ao *Conforto* enquanto estilo vinculativo, contudo, este tem o efeito inverso nas dificuldades de *Regulação Emocional*. Em termos práticos, devemos inverter a interpretação do processo mediador neste modelo. Ou seja, quanto mais o *Conforto* está presente enquanto estilo vinculativo, menores são as dificuldades de *Regulação Emocional* e, conseqüentemente, menor será o *Stress*

Parental. Para finalizar, merece destaque o facto de estes resultados indicarem que as dificuldades de *Regulação Emocional* enquanto processo mediador explicarem 48% [1 - (.26/.50)] do efeito da *Ansiedade* no *Stress Parental*, e 36.59% [1 - (-.26/-.41)] do efeito do *Conforto*. O teste de Sobel confirma que o decréscimo do efeito de Estilos Vinculativos sobre *Stress Parental* devido às *Dificuldades de Regulação Emocional* enquanto factor mediador é significativo, tanto no modelo que entra o preditor *Ansiedade*, $z = 3.85$, $p < .001$, como quando o preditor é o *Conforto*, $z = 3.05$, $p = .001$.⁵⁰

5. Discussão dos Resultados

Quando comparamos os resultados obtidos pelas participantes com os “dados normativos” das medidas em estudo verifica-se, na sua globalidade, a prevalência de padrões vinculativos inseguros (caracterizados por níveis mais elevados de ansiedade e baixos níveis de confiança e conforto em relações de proximidade), maior dificuldade de regulação emocional (exceptuando a dimensão comportamentos orientados para objectivos) e níveis mais elevados de stress parental (excepto para a dimensão *Vinculação*). Relativamente à subescala *Vinculação* (PSI - Domínio Pais), é importante notar que a mesma foi desenvolvida com o intuito de avaliar o investimento intrínseco e a motivação da figura materna no desempenho do seu papel. Esta foi a única subescala na qual as participantes revelaram resultados inferiores comparativamente com a amostra normativa. De acordo com Santos e colaboradores (2004), o facto de estas mães apresentarem dificuldades no desempenho do seu papel parental não invalida que aparentemente se encontrem emocionalmente ligadas à criança e nutram sentimentos positivos pela mesma. Parece-nos, no entanto, que a nossa amostra poderá ter, de certa forma, “forçado” este resultado, no sentido de proteger a sua própria imagem. Relativamente aos resultados evidenciados pelas participantes na EDRS – dimensão comportamentos orientados para objectivos – os mesmos aproximam-se bastante dos valores normativos o que poderá significar que estas mães quando experienciam emoções negativas não apresentam dificuldades em direccionar os seus comportamentos para objectivos anteriormente estabelecidos. Apesar de não termos encontrado nada na literatura que nos permita perceber o porquê deste resultado, pensamos que a experiência de inúmeros acontecimentos de vida stressantes poderá conter em si mesma um efeito adaptativo que, permita a estas mães manterem-se centradas nos seus objectivos iniciais apesar das situação emocionalmente negativas com que de deparam frequentemente.

Quando as famílias possuem poucos recursos e são privadas de bens essenciais para a sua sobrevivência, os níveis de stress podem atingir valores elevados (Santrock, 1999). Perante stressores comuns podem ser utilizadas estratégias conhecidas e familiares do indivíduo, porém, o mesmo não acontece quando estamos perante stressores severos que exigem estratégias mais complexas, nem sempre disponíveis ao indivíduo que tem de os enfrentar. Situações como a morte de um familiar, escassez de recursos, divórcio, separação de um

⁵⁰ Utilizámos a seguinte variante do teste de Sobel: $z = a \cdot b / \text{SQRT}(b^2 \cdot S_a^2 + a^2 \cdot S_b^2 - S_a^2 \cdot S_b^2)$; a = coeficiente beta do Mediador predito apenas pela VI, b = coeficiente beta da VD predita pelo Mediador com a VI no modelo, S_a = erro padrão de a , S_b = erro padrão de b .

cuidador, co-habitação com elemento de família alcoólico, ou “perseguição” constante de credores, são exemplos de stressores severos quer para crianças, quer para adultos (Franklin, 2005). Ora, analisando a distribuição dos acontecimentos de vida⁵¹ constata-se que há situações muito específicas que são sinalizadas por mais de 50% das participantes, designadamente aspectos relacionados com aumento da precariedade económica (52.6%), desemprego (82.8%), conflito no casal (92.2%) e existência de dívidas (52.6%). Quando questionados sobre estes mesmos aspectos (Ponto 7 da ficha sócio-demográfica), os técnicos relatam um cenário ainda mais caótico e desorganizado. Por exemplo, 70.7% das famílias são sinalizadas como tendo uma situação económica precária, em 50% dos agregados considera-se que existe “desorganização na gestão económica”, em 47.7% há indicadores de “desorganização habitacional”. Com efeito uma parte substancial destas famílias parece enquadrar-se na conceptualização de famílias multiproblemáticas segundo Gómez e colegas (2007), concretamente nos eixos da polisintomatologia e crises recorrentes e desorganização. Este tipo de stressores pode originar reacções de stress com o objectivo primário de conservação de recursos (Hobfoll, 1998). Nestas situações de intenso stress, as mães, principalmente as que possuem estilos vinculativos inseguros, tendem a abandonar o seu papel parental de forma a proteger o seu próprio equilíbrio emocional (Franklin, 2005; Minuchin, et al., 1967). Sob estas condições, a adaptação mútua mãe-criança, da qual depende o desenvolvimento da relação vinculativa, pode ser impedida tanto pela falta de competência materna na interacção com a criança como pela falta de competência da mãe para lidar com os acontecimentos de vida stressantes, para procurar o suporte social necessário ou para gerir muitos outros aspectos da sua vida (Booth, Speiker & Barnard, 1992). Uma consequência desses factores interferentes poderá ser a adopção de comportamentos inconsistentes ou insensíveis, o que levará ao estabelecimento de relações vinculativas inseguras (Booth et al., 1992). A uma mãe que já se encontra stressada é, quase impossível, conseguir tempo e energia suficiente para auxiliar a criança no desenvolvimento de padrões comportamentais organizados, na regulação das suas emoções e a tornar-se adequadamente responsiva. Por outro lado, as mães que se sentem confortáveis nas suas relações de intimidade, possuem redes de suporte adequadas, contando por isso com a oportunidade de expressarem as suas emoções, experienciando níveis inferiores de *Stress Parental* (Waters, Vaughn & Egeland, 1980). Um largo corpo da literatura identificou as circunstâncias de pobreza e de stress crónico, como impeditivas da adopção de padrões vinculativos seguros (Ainsworth et. al., 1978; Lyons-Ruth et al., 1986; Pederson & Moran, 1995). Obstáculos de cariz emocional e/ou ambiental assim como redes frágeis de suporte social podem afectar a capacidade de resposta efectiva e sensitiva aos sinais e necessidades do outro. Easterbrooks (1999) não tem dúvidas acerca do impacto devastador que a situação de pobreza possui no processo vinculativo. As mães que possuem escassos recursos económicos expressam menos “calor”, afectividade e

⁵¹ Recordamos que foi solicitado às participantes o preenchimento da escala de Acontecimentos de Vida *Stressantes* ocorridos nos últimos 12 meses e a escala Rede de Suporte Social do Agregado Familiar. Por uma questão de gestão de espaço optamos por não apresentar estes dados na secção dos resultados e salientar os mais relevantes nesta secção.

responsividade, assim como, menos consistência nos cuidados prestados à criança quando comparadas com mães em vantagem económica, o que se encontra de acordo com os resultados obtidos e corrobora a nossa primeira hipótese (H1).

Ao compararmos os resultados dos três grupos para as três variáveis centrais em estudo (EV, RE e SP) observamos que as nossas predições H2, H3 e H4, não se verificaram, uma vez que, as mulheres do Grupo 3, “RSI – Medida Retirada” não foram as que demonstraram maiores dificuldades de regulação emocional, índices mais elevados de stress parental e padrões de vinculação relacional “mais ansiosos” e “menos confortáveis e confiantes”. De facto, dos três grupos de estudo é o Grupo 2 “RSI – Medida Supervisão”, que apresenta maiores dificuldades de RE em todas as dimensões; índices mais elevados de *Stress Parental* e um padrão vincutivo inseguro evitante (caracterizados por elevados *scores* na dimensão “*Ansiedade*”). Convém ainda salientar que através da análise comparativa efectuada aos três grupos, as mães do Grupo 1 “RSI” destacam-se por apresentarem estilos vincutivos mais seguros (*score* mais elevado na dimensão “Conforto com a Proximidade”).

Sempre foi nossa expectativa que a medida de retirada (acolhimento institucional) se devesse ao facto de as mães do Grupo 3 apresentarem menos competências parentais e mais dificuldades pessoais quando comparadas com mães com medida de apoio na comunidade - isto é, em acompanhamento por CPCJ/EMAT. Tentamos então avaliar em que medida os agregados do Grupo 2 e do Grupo 3 diferiam relativamente à sinalização de acontecimentos de vida de natureza negativa durante os últimos 12 meses, à avaliação da sua rede de suporte social (formal e/ou informal) e relativamente à avaliação técnica sobre condições económicas e organização familiar. A ANOVA sobre os 12 *Acontecimentos Negativos de Vida* da escala apresentada às participantes permitiu concluir que existem diferenças significativas na quantidade de eventos assinalados como presentes na vida das participantes $F(2, 113) = 10.32, p = .000$. Contudo apesar do número médio de acontecimentos do Grupo 2 ser superior ao Grupo 3 ($M = 5.45, DP = 2.18$ vs. $M = 4.80, DP = 1.99$), a diferença encontrada reporta-se ao Grupo 1 ($M = 3.50, DP = 1.65$). Encontrámos exactamente o mesmo padrão de dados quando realizamos a ANOVA entrando com o factor *Avaliação Técnica*: uma vez mais as diferenças encontradas, $F(2, 113) = 51.57, p = .000$, dizem apenas respeito ao Grupo 1 ($M = 1.55, DP = 0.85$) vs. Grupo 2 ($M = 5.55, DP = 2.16$) e Grupo 3 ($M = 5.08, DP = 2.42$). Apenas na avaliação do *Suporte Social* o Grupo 2 se destaca $F(2, 112) = 6.48, p > .001$ por reportar um nível significativamente inferior de suporte⁵² ($M = 1.89, DP = 0.60$) comparativamente com os outros dois grupos (Grupo 1 - $M = 2.37, DP = 0.65$; Grupo 3 - $M = 2.20, DP = 0.51$) que não diferem entre si.

Posto isto fica em aberto a seguinte questão: não existindo diferenças significativas entre Grupo 2 e Grupo 3 relativamente a acontecimentos de vida negativos e a indicadores técnicos de disfunção familiar, porque é que as retiradas acontecem em agregados de mães que apresentam melhores resultados em termos de estilo vincutivo, regulação emocional e stress parental (apesar de inferiores aos valores de referência para a população portuguesa)? Ou,

⁵² Escala varia entre 1 e 5.

perguntando de outra forma, o que fundamenta a difícil decisão de retirar uma criança do seu contexto familiar? Naturalmente, a resposta a esta questão passaria por uma análise profunda e pela ponderação de outros factores, como os motivos de intervenção⁵³ das EMAT e da CPCJ, a avaliação das figuras paternas, entre outros.

Para além disso, quando analisamos as respostas fornecidas apenas pelas mães do Grupo 3 verificamos a existência de um padrão de incoerência nas suas respostas. Aparentemente estas mães responderam ao que consideravam ser a resposta mais correcta ou adequada. Para o efeito, contribuiu o facto das entrevistas terem sido realizadas em contexto institucional, no qual se encontravam acolhidos os seus filhos, o que poderá ter levado estas mães a tentar ocultar/manipular alguns dados (facto confirmado por alguns técnicos das instituições).

A literatura consultada (eg. Martini, Root & Jenkins, 2004) evidencia as associações existentes entre ambientes familiares caóticos (grupos 2 e 3) e níveis elevados de stress parental, quer pela desorganização familiar quer pela escassez de recursos económicos. Estes factores possuem um grande impacto, quer no desempenho das funções parentais como no estabelecimento de relações vincutivas, tanto com crianças como com outros adultos. A exposição contínua, a factores de stress moderados ou severos (falta de organização do sistema familiar, falta de recursos económicos, falta de suporte social) aumenta o cansaço e a tensão psicológica do indivíduo, assim como, a tendência para responder de forma negativa a outros elementos do agregado e a dificuldades de Regulação Emocional (Evans et al. 1999). Acresce-se ainda o facto de que estas mães quando se deparam com o caos familiar que, habitualmente, se encontra muito além das suas capacidades de controlo, tenderem a desmotivarem do processo dinâmico de educarem as suas crianças e promoverem actividades de adaptabilidade social e de Regulação Emocional (Cohen, Evans, Krantz, & Stokols, 1980). Relativamente à nossa predição de que a Regulação Emocional poderia funcionar como factor mediador na relação entre Estilo Vincutivo e índices de Stress Parental, os resultados encontrados confirmaram a nossa hipótese (H5).

As relações vincutivas no adulto não se revelam numa simples análise de comportamentos, como acontece com a criança (ex. procura física de afecto, comportamento de exploração, entre outros) mas através da análise da forma como o adulto experiencia e expressa as suas emoções, ou seja, através da sua capacidade de regulação emocional. Halpern (1998) encontrou fortes evidências da relação entre estilos vincutivos e experiência emocional. Num dos seus inúmeros estudos, encontrou evidências de que indivíduos com predominância de estilo vincutivo inseguro/evitante estariam associados a traços de raiva, enquanto, os participantes com estilo de vinculação inseguro/ambivalente estariam associados a traços de ansiedade. Relativamente ao grupo de indivíduos com estilo vincutivo seguro foi encontrada uma relação inversa com o traço depressão; foram confirmadas as hipóteses do estudo que apontavam para que indivíduos com vinculação insegura apresentariam forte tendência para observar emoções negativas nas fotografias apresentadas e de que indivíduos com estilos vincutivos seguros tendencialmente observariam emoções positivas nas mesmas fotos. De

⁵³ Na sua globalidade a tipologia de risco predominante no Grupo 2 e Grupo 3 é a negligência e/ou negligência associada a outros tipos de maus-tratos.

forma interessante, o autor concluiu que indivíduos com estilo evitante observavam com maior frequência as emoções raiva, desprezo e nojo nas fotografias quando comparados com grupo de indivíduos com estilos seguros. Essas emoções representariam a tríade de hostilidade referenciada pela teoria das emoções (David-Vilker, 1999). Estes resultados são congruentes com a restante literatura que refere inúmeras evidências de que indivíduos inseguros apresentam uma vigilância perceptual para identificar nos outros emoções da tríade hostil (raiva, desprezo e nojo) enquanto tentam esconder ou mascarar os seus próprios sentimentos hostis face à resposta ou indisponibilidade da figura vinculativa (Adickman, 1993).

A pesquisa de Slade & Aber (1987) demonstrou que mães ansiosas apresentam maior dificuldade em falar acerca das emoções associadas ao exercício da sua parentalidade, quando comparadas com mães seguras, assim como, na regulação de emoções positivas e negativas. Desta forma, dificuldade em expressar e partilhar emoções e sentimentos poderá representar uma rede de suporte mais frágil e por conseguinte, índices mais elevados de *Stress Parental* (Evans, 2004). Em adição, encontraram-se evidências de que os adultos que expressam maior número de emoções positivas desenvolvem relações parentais positivas que promovem interações adaptativas e uma regulação comportamental adequada (Cummings & Davies, 1994). Por outro lado, quando estas mães apresentam um modelo de desregulação emocional, com predominância de emoções da tríade hostil (nojo, raiva e rejeição) promovem relações vinculativas desestruturantes que minam a adopção de estratégias eficazes de regulação emocional por parte dos restantes elementos do agregado familiar (Kochanska & Murray, 2000). Contrariamente, a capacidade de regular emoções negativas de forma eficaz foi associada a estilos vinculativos seguros e ao conforto com a proximidade relacional em situações de stress (Dayton, 2009). De facto, existem diversas circunstâncias familiares que, como vimos anteriormente, representam fontes substanciais de stress para a parentalidade e diminuem a capacidade de adoptar comportamentos consistentes e sensitivos. Nestas situações, adultos com estilos vinculativos inseguros percebem mais dificuldades e uma maior desorganização, o que exacerba o stress percebido. Porém, a Regulação Emocional possui um papel relevante na mediação destes factores, principalmente, ao nível do factor *stress*, que é o activador principal do sistema comportamental vinculativo (Franklin, 2005).

Importante ainda referenciar que, de acordo com a literatura consultada (eg. Lewis, 2000, in Gross, 2008) as mães provenientes de populações de risco percebem maior número de emoções negativas, como a rejeição. A dificuldade de expressar e regular este tipo de emoções acarreta desconforto e pouca confiança na proximidade relacional, assim como índices mais elevados de *Stress Parental*, o que afecta de forma negativa a sua parentalidade e as relações vinculativas construídas com as suas crianças, perpetuando desta forma, o ciclo de desorganização e caos familiar característico destas famílias.

6. Conclusões

O presente estudo revelou-se bastante gratificante por ter evidenciado de forma clara o papel moderador que a Regulação Emocional possui na relação existente entre Estilos Vinculativos e Stress Parental, nomeadamente, em populações de alto risco de exclusão social. Estes resultados, além de permitirem clarificar algumas das dinâmicas existentes no seio destas *famílias multiproblemáticas*, ajudam a perspectivar novos sistemas de trabalho para os técnicos que intervêm junto destas famílias. No entanto, ao longo o seu desenvolvimento foi marcado por algumas dificuldades e limitações. Em primeiro lugar salientamos o escasso número de instrumentos traduzidos e validados para a população portuguesa, concretamente no âmbito da parentalidade. Inicialmente, não pretendíamos apenas estudar os índices de stress parental mas uma dimensão mais focalizada nas práticas e crenças parentais das participantes. Tal não foi possível mas, surpreendentemente, o PSI mostrou ser de grande utilidade a avaliar famílias de risco – exactamente como a autora responsável pela adaptação tinha enunciado no manual. A partir do momento em que decidimos usar o *PSI* a nossa (potencial) amostra de participantes reduziu drasticamente, uma vez que, apenas puderam participar mães de crianças em idade escolar (dos cinco aos dez anos), idades para os quais este instrumento se encontra validado em Portugal. Foi também nossa pretensão inicial abarcar o estudo dos pais destas crianças, mas desde logo nos deparamos com uma adesão mínima. Além disso, muitos destes pais não têm qualquer contacto com os filhos ou trabalham longe, regressando apenas ao fim de semana, aspectos que inviabilizaram por completo a sua participação neste estudo.

Dada a baixa escolaridade das participantes e o facto de alguns instrumentos utilizados (por exemplo, *PSI*, *EDRE*) apresentarem itens formulados de forma complexa (por exemplo, dupla negativa), grande variação na escala de resposta e mesmo folhas de resposta pouco “acessíveis”, foram criadas “ferramentas” específicas para tornar a administração mais fluida, como “facilitadores de memória” em tamanho grande com a escala de respostas para cada instrumento. Foram ainda antecipadas algumas dificuldades de interpretação em questões da *EDRE* que foram expostas e solucionadas com ajuda da autora responsável pela sua adaptação para a população portuguesa e, no sentido de colmatar a dificuldade no preenchimento da complexa folha de respostas do *PSI*, as investigadoras optaram por preencher as folhas de acordo com as respostas das participantes.

Importa ainda referir a dificuldade em aceder e em conseguir a colaboração efectiva das mães do Grupo 3 – mães com medida de retirada de menor aplicada. De salientar que, enquanto os dados das participantes dos grupos 1 e 2 foram obtidos em três meses, foi necessário o dobro do tempo para obter os dados do terceiro grupo e não foi possível alcançar um total de 40 participantes como era a nossa intenção inicial. Curiosamente, após os resultados, fica a sensação da extrema necessidade de avaliar estas famílias e estas mães com maior rigor e de forma mais “ecológica” pois claramente, falamos de agregados pautados por altos níveis de disfuncionalidade⁵⁴ que necessitam de uma intervenção que em muito ultrapassa a aplicação de medidas de retirada dos menores em situação de perigo. Dado o padrão de respostas que

⁵⁴ Cf. dissertação de Cristina Sousa realizada no âmbito do mesmo curso de mestrado.

detectámos neste grupo em particular, já referenciado, alerta-se para a utilização de escalas de avaliação da desejabilidade social no sentido de obter uma medida de sinceridade da informação obtida. A última dificuldade a mencionar prende-se com o preenchimento das *Fichas Sócio-Demográficas* pelos técnicos de acompanhamento psicossocial da família, dado que estes encontram-se sobrecarregados de trabalho, tendo imensas dificuldades na sua entrega atempada.

Relativamente às potencialidades deste estudo é, importante referir que não se conhece nenhum estudo do género em Portugal. O estudo das *Famílias Multiproblemáticas* é bastante reduzido no nosso país e não é conhecido nenhum estudo que abarque uma caracterização sócio-demográfica rigorosa associada ao estudo dos níveis de *stress* parental, da capacidade de regulação emocional e das relações vinculativas estabelecidas pelas mães destes agregados familiares. Assim sendo, este tipo de estudos poderá revelar-se uma ferramenta de grande utilidade para conhecer e caracterizar profundamente este tipo de população e, desta forma, criar programas de intervenção e prevenção de qualidade para esta população. Era nossa intenção (e daí a exaustividade dos instrumentos de caracterização sócio-demográfica) criar um *Índice de Operacionalização da Multiproblematicidade das Famílias* com base na organização axial proposta por Gómez e colegas (2007). Tal não foi possível de concretizar por dificuldades inerentes à própria operacionalização e, principalmente, por motivos ligados ao limite de páginas deste trabalho. Mantivemos intacta a componente teórica relativa a esta temática (que poderá pensar-se acessória) pois é nosso objectivo consolidar esta ideia que nos parece revestir-se de grande utilidade para os técnicos de terreno.

Além disso, acreditamos que este estudo poderá ajudar a perceber melhor o que distingue pais de crianças com medida de retirada aplicada de pais a quem é aplicada medida de apoio com orientação, seja por técnicos de Comissões de Protecção de Crianças e Jovens (CPCJ), seja por técnicos que prestam Assessoria a Tribunais (EMAT). Quem trabalha directamente com estas famílias percebe que os técnicos que acompanham estas famílias nem sempre estão seguros das medidas que propõem pela ambiguidade e complexidade das situações.

Por último, gostávamos que este estudo “abrisse” novos caminhos quer na área da investigação, quer ao nível da intervenção. Ao nível da investigação abre portas não só para futuros estudos relacionados com a necessidade de conhecer melhor esta população, as suas dificuldades e a pressão a que está sujeita pelo risco de exclusão que enfrenta diariamente, como para estudos relacionados com o desenvolvimento de ferramentas e instrumentos específicos para apoiar os técnicos de acompanhamento psicossocial, na tomada de decisões devidamente fundamentadas, ao invés de meramente intuitivas. Ao nível da intervenção, este estudo abre caminho para o desenvolvimento de programas específicos de intervenção e/ou prevenção quer para crianças, quer para adultos destas famílias; programas que conjuguem a intervenção ao nível das competências parentais, capacidade de regulação emocional e estilos vinculativos, no sentido de melhor o clima emocional destes agregados familiares e quebrar o ciclo transgeracional de caos e desorganização familiar tão característicos. Trilhar caminhos para o desenvolvimento de crianças e jovens saudáveis e felizes é rumar na direcção da construção de um mundo mais simples de habitar e de co-existir.

Referências Bibliográficas

- Abidin, R.R. (1992). Presidential address: The determinants of parenting behavior. *Journal of Clinical Child Psychology, 21*, 407-412.
- Abidin, R.R. (1983). *The parenting stress index*. Charlottesville, VA: Pediatric Psychology Press.
- Abidin, R. (1995). *Parenting Stress Index*. 3rd edition. Odessa, FL: Psychological Assessment Resources.
- Adickman, J. D. (1993). *Children's emotion biases: Their relation to internal representations of attachment security and to patterns of perceived maternal discipline*. Unpublished doctoral dissertation, Long Island University, New York.
- Ainsworth, M., Blehar, M. C., Waters, E., & Wall, S. (1978). Patterns of attachment: A psychological study of the strange situation. Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Barth, R. P., & Miller, J. M. (2000). Building effective post-adoption services: What is the empirical foundation? *Family Relations, 49*, 447- 455.
- Bartholomew, K. & Horowitz, L. (1991). Attachment styles among young adults: a test of a four-category model. *Journal of Personality and Social Psychology, 61*(2), 226-244.
- Belsky, J. (1984). The determinants of parenting: A process model. *Child Development, 55*, 83-96.
- Booth, C., Speiker, S. & Barnard, K. (1992). Infants at Risk: The Role of Preventive Intervention in Deflecting a Maladaptive Development Trajectory. In McCord J., Trembley, R. (Eds), *Preventing Antisocial Behavior: Interventions from Birth Through Adolescence* (21-42). New York: Guilford Press.
- Butler, E. A., Lee, T. L., & Gross, J. J. (2007). Emotion regulation and culture: Are the social consequences of emotion suppression culture-specific? *Emotion, 7*(1), 30-48.
- Canavarro, M. C. (1999). *Relações afetivas e saúde mental*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Canavarro, M. C., Dias, P. & Lima, V. (2006). A Avaliação da Vinculação do Adulto: uma revisão crítica a propósito da aplicação da Adult Attachment Scale-R (AAS-R) na população portuguesa. *Psicologia, 20* (1), 155-186.
- Cohen, S., Evans, G. W., Krantz, D. S., & Stokols, D. (1980). Physiological, motivational, and cognitive effects of aircraft noise on children: Moving from the laboratory to the field. *American Psychologist, 35*, 231-243.
- Cole, P., Michel, M. & O'Donnell-Teti, L. (1994). The development of emotion regulation and dysregulation: A clinical perspective. In N. Fox (Ed.), *The Development of Emotion Regulation. Monographs of the Society for Research in Child Development, 59*, 73-100.

- Collins, N.L. & Read, S. J. (1990). Adult Attachment, Working Models and Relationship Quality in Dating Couples. *Journal of Personality and Social Psychology*, 58, 644-663
- Cummings, E. M., & Davies, P. T. (1994). *Children and marital conflict: The impact of family dispute and resolution*. New York: The Guilford Press.
- David-Vilker, R., 1999. *The Contribution of Emotion Socialization and Attachment to Adult Emotion Organization and Regulation*. Unpublished doctoral dissertation. Richard L. Conolly College of Long Island University.
- Dayton, C. J. (2009). *A Longitudinal Examination of Emotion Regulation Across Early Development: Infant Attachment and Maternal Parenting in the context of Domestic Violence*. Unpublished doctoral dissertation. Michigan State University.
- Dunst, C. J., Trivette, C. M. & Deal, A. G (1998). "Ealing and Empowering Families: Principles Guideliness for Practice, 145-146.
- Easterbrooks, M. (1999). Security of Attachment and Parenting: Homeless and Low Income Housed Mothers and Infants. *American Journal of Orthopshichiatric* 69(3), 337-346.
- Eisenberg, N., Hofer, C., & Vaughan, J. (2007). Effortful control and its socioemotional consequences. In J. J. Gross (Ed.), *The handbook of emotion regulation*. New York: The Guilford Press.
- Eisenberg, Losoya, S., Fabes, R., Guthrie, I., Reiser, M., Murphy, B., Shepard, S., Poulin, R. and Padgett, S. (2000), Parental socialization of children's dysregulated expression of emotion and externalizing problems, *Journal of Family Psychology* 15, 183–205.
- Embry, L., & Dawson, G. (2002). Disruptions in parenting behavior related to maternal depression: Influences on children's behavioral and psychobiological development. In J. G. Borkowski & S. L. Ramey (Eds.), *Parenting and the child's world: Influences on academic, intellectual, and socio-emotional development*. Mahwah, NJ: Erlbaum.
- Essex, M. J., Klein, M. H., Cho, E., & Kalin, N. H. (2002). Maternal stress beginning in infancy may sensitize children to later stress exposure: Effects on cortisol and behavior. *Biological Psychiatry*, 52, 776–784.
- Evans, G. W. (2004). The environment of childhood poverty. *American Psychologist*, 59 (2), 77-92.
- Evans, G. W., Maxwell, L. E., & Hart, B. (1999). Parental language and verbal responsiveness to children in crowded homes. *Developmental Psychology*, 35, 1020–1023.
- Franklin, L. C., (2005). *The relationship between Attachment, Parenting Stress and Parenting Practices*. A doctoral project submitted for the degree of Doctor of Psychology in the Department of Psychology at University of Northern Colorado: Greeley, Colorado.

- Gómez, E, Munoz, M. M., Haz, A.M. (2007). Familias Múltiplementes y en Riesgo Social: Características e Intervención. Multiproblem Families at Social Risk. *Psyke*, 16 (2), 43-54.
- Gratz, K. L., & Roemer, L. (2004). Multidimensional assessment of emotion regulation and dysregulation: Development, factor structure, and initial validation of the Difficulties in Emotion Regulation Scale. *Journal of Psychopathology and Behavioral Assessment*, 26(1), 41-54.
- Gross, J. J. (2008). Emotion regulation. In: M. Lewis, J. M. Haviland-Jones & L. F. Barrett (Eds), *Handbook of emotions* (3^a ed., pp. 497-512). New York, NY: Guilford.
- Gross, J. J., John, O. P., & Richards, J. M. (2000). The Dissociating of emotion expression from emotion experience: A personality perspective. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 25(6), 712-726.
- Gross, J.J. & John, O. P. (2003) Individual differences in two emotion regulation processes: implications for affect, relationships, and wellbeing. *J. Pers. Soc. Psychol.* 85, 348–362.
- Gross, J. J. (2008). Emotion regulation. In: M. Lewis, J. M. Haviland-Jones & L. F. Barrett (Eds), *Handbook of emotions* (3^a ed., pp. 497-512). New York, NY: Guilford.
- Halpern, B., (1998). *Emotion Regulation and its relation to Internal Working Models of Attachment in Adults*. Unpublished doctoral dissertation. Richard L. Conolly College of Long Island University.
- Hazan, C. & Shaver, P. (1987). Romantic love conceptualized as an attachment process. *Journal of Personality and Social Psychology*, 52 (3), 511-524.
- Hobfoll, S.E. (1998). *The Ecology of Stress*. New York: Hemisphere.
- Holmbeck, G. N. (1997). Toward terminological, conceptual, and statistical clarity in the study of mediators and moderators: Examples from the child-clinical and pediatric psychology literatures. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 65(4), 599–610.
- Hoffman, L. W. (1987). The Value of Children to Parents and Childrearing Patterns. *Social Behavioral*, 2(3), 123-141.
- Kemp, M., & Neimeyer, G. (1999). Interpersonal Attachment: Experiencing, expressing and coping with stress. *Journal of Conseling Psychology*, 46, (3), 388-394.
- Kenny, D. A., Kashy, D. A., & Bolger, N. (1998). Data analysis in social psychology. In D. Gilbert, S. Fiske, & G. Lindzey (Eds.), *The handbook of social psychology* (Vol. 1, 4th ed., pp. 233-265). Boston, MA: McGraw-Hill.

- Kochanska, G., & Murray, K. T. (2000). Mother-child mutually responsive orientation and conscience development: From toddler to early school age. *Child Development, 71*, 417-431.
- Kubzansky, L. D., Martin, L. T., & Buka, S. L. (2004). Early manifestations of personality and adult emotional functioning. *Emotion, 4*(4), 364-377.
- Kunce, L. J. & Shaver, P. R. (1994). An attachment-theoretical approach to caregiving in romantic relationships. In K. Bartholomew & D. Perlman (Eds.), *Attachment process in adulthood*. London: Jessica Kingsley.
- LeVine, R. A. (1974). Parental goals: A cross-cultural view. *Teachers College Record, 76*(2), 226-239
- Lyons-Ruth, K. (1999). From birth to school-age: Influence of maternal factors, infant attachment, and preventive intervention on outcomes of the infant at social risk. *Prospettive Psicoanalitiche nel Lavoro Istituzionale, 17*, 164–198.
- Machado-Vaz, F. (2009). *Diferenciação e Regulação Emocional na Idade Adulta: Tradução e Validação de Dois Instrumentos de Avaliação para a População Portuguesa*. Tese de Mestrado não publicada. Instituto de Educação e Psicologia da Universidade do Minho, Portugal.
- Machado-Vaz, F., Branco, V., A., Greenberg, L (2010). Escala de Dificuldades na Regulação Emocional: adaptação para a população Portuguesa. Portugal. Tese de Doutoramento não publicada. Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa.
- Martini, T. S., Root, C. A., Jenkins, J. M. (2004). Low and Middle Income Mothers Regulation of Negative Emotion: Effects of Children's Temperament and Situational Emotion Responses. *Social Development 13*(4), 515-530.
- Mash, E. J., & Johnston, C. (1990). Parental perceptions of child behavior problems, parenting self esteem, and mother's reported stress in younger and older hyperactive and normal children. *Journal of Consulting and Clinical Psychology, 51*, 86–99.
- Mauss, I. B., Cook, C. L., Cheng, J. Y. J., & Gross, J. J. (2007). Individual differences in cognitive reappraisal: Experiential and physiological responses to an anger provocation. *International Journal of Psychophysiology, 43*, 698–711.
- Mikulincer, M., & Florian, V. (1998). The relationship between adult attachment styles and emotional and cognitive reactions to stressful events. In J. A. Simpson & W. S. Rholes (Eds.), *Attachment theory and close relationships*. New York: Guilford Press.
- Minuchin, S., Montalvo, B., Guerney, B., Rosman, B. & Schumer, F. (1967). *Families of the Slums*. Basic Books, New York.

- Niiya, Y., Ellsworth, P. C., & Yamaguchi, S. (2006). Amae in Japan and the United States: An exploration of a "culturally unique" emotion. *Emotion, 6*(2), 279-295.
- Pederson, D. & Moran, G., (1995). A categorical description of infant-mother relationships in the home and its relation on Q-short measures of infant-mother interaction. *Monographs of Society of Research in Child Development, 60* (2-3), 111-132.
- Petterson, S.M., & Albers, A. B. (2001). Effects of poverty and maternal depression on early child development. *Child Development, 72*, 1794-1813.
- Peterson, C., & Steen, T. (2002). Optimistic Explanatory Style. In C. R. Snyder & S. J. Lopez (Eds.), *Handbook of Positive Psychology*. (pp. 244-256). Oxford: University Press.
- Rothbart, M. K., & Sheese, B. E. (2007). Temperament and emotion regulation. In J. J. Gross (Ed.), *The handbook of emotion regulation* (pp. 331-350). New York: The Guilford Press.
- Santos, S., Abidin, R. & Rocha, A. (2004). *PSI: Índice de Stress Parental: manual*. Portugal, CEGOC – Investigações e Publicações Psicológicas.
- Santrock, J. (1999). *Lifespan Development*. New York: McGraw-Hill.
- Simpson, J.A., Rholes, W.S., & Nelligan, J.S. (1992). Support seeking and support giving within couples in an anxiety-provoking situation: The role of attachment styles. *Journal of Personality and Social Psychology, 62*, 434-446.
- Slade, A. & Aber, L. (1987). *Parental representations of the child and the mother-child relationship and correlates*. Paper presented at the Fifth Biennial Training Institute of the National Center for Clinical Infant Programs. Washington, D.C.
- Sousa, L. (2005). Building on personal networks when intervening with multiproblem poor families. *Journal of Social Work Practice, 19*(2). 163-179.
- Sousa, L. & Matos, A. (2004). How multiproblem families try to find support in social services. *Journal of Social Work Practice, 18* (1), 65-80.
- Warfield, M. E. (2005). Family and work predictors of parenting role stress among two earner families of children with disabilities. *Infant and Child Development, 14*, 155–176.
- Waters, E., Vaughn, B & Egeland, B. (1980). Individual differences in infant-mother attachment relationship at age one: Antecedents in neonatal behavior in an urban, economically disadvantaged sample. *Child Development, 51*(1), 208-216.
- Webster-Stratton, C. (1990). Stress: A potential disruption of parent perceptions and family interactions. *Journal of Clinical Child Psychology, 19*, 302–312.